

(24)

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

FRAGMENTO DE UM POEMA .	Vicente de Carvalho . . .	111
ARTE DE AMAR	Julio Cesar da Silva . . .	113
RECORDAÇÕES DE DONA QUI- TERIA	João Ribeiro	115
RUY BARBOSA COMO POETA	Moacir Silva.	119
LYCANTHROPIA SERTANEJA .	Luis Camara Cascudo . . .	129
A CANONISAÇÃO COMO OBRA DO POVO E DOS SECULOS	Diego Carbonell	134
O DIREITO DO VOTO	Villar Belmonte.	138
A SCIENCIA E A LINGUA POR- TUGUEZA	Miguel Ozorio de Almeida	145
ESTUDINHOS DE PORTUGUES	José Patricio de Assis. . .	153
SOBRE "COUSAS DO TEMPO"	Rodrigo M. F. de Andrade	156
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.	Arthur Motta	166

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — NOTAS
DO EXTERIOR — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO

MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
 ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000. EXTRANJEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA

Teleph.

Cidade,

6278

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,,

Largo de S. Ephigenia, 8 ☞ SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamnte escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma bôa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

Rio de Janeiro, Stockholm, Ham-
burg, New York e Londres.

Papel, materiaes para
construcção, aço, ferro,
Cimento "2 Bandeiras"
e "Bandeira Sueca".

V. S. GOSTA DE LEITURA ?

Peça então o catalogo das edições de Monteiro Lobato & Cia. que, entre outras vantagens, offerece a seguinte :

Quem adquirir um lote de dez obras -
receberá duas á escolha, a titulo de
bonificação.



Rua Victoria, 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO



COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario : AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a rese-
nha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar
de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Sexta - feira

28 de Setembro

30:000\$000

POR 2\$000

Os bilhetes já estão á
venda em toda a parte.

O maior Sucesso Esportivo

"DICCIONARIO DO FUTEBOL"

Por GUY-GAY

Diz "O ESTADO DE S. PAULO : "Cremos que não existe outro melhor trabalho
no genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro
indispensavel de todos os futebolistas".

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

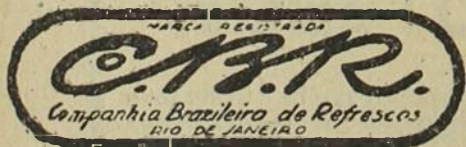
Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua Victoria, 47 — São Paulo

PASCO

DELICIOSO REFRESCO

DISTRIBUIDORES

PERNAMBUCO	FRATELLI VITA
BAHIA	FRATELLI VITA
VICTORIA	FABRICA YPIRANGA
RIO DE JANEIRO	COMP. GRACIEMA
S. PAULO	ZANOTTA, LORENZI & C
PORTO ALEGRE	JORGE THOMSEN & C
PELOTAS	CERVEJARIA RITTER



RUA HILARIO RIBEIRO, 20
Teleph. VILLA, 1234

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA

FRAGMENTO DE UM POEMA

MEFISTOFELES (*consultando o relógio*)

— Meio dia. Bonito! Eu, cabeça grisalha
De velho capitão, perdi nesta batalha
Armas, bagagens, tudo — até a hora do almoço.
Adeus...

FAUSTO

— Espere um pouco. Atenda-me...

MEFISTOFELES

Não posso.

"Primo vivere". O almoço é dever; quanto á prosa
E' simples devoção — e mais sendo ociosa.
Pretende repetir-me o que já disse á farta:
As razões da Moral... Não ponha mais na carta.
Um etc. diz tudo que quer que eu ouça.

*Estreita, humilde, inerte, a Moral é uma pôça
D'agua estagnada.*

*Atém-se á tarefa vadia
De reflectir o Ceu — um ceu de oleografia,
Perenemente azul, pairando a grande altura,
Todo esplendor, beleza, harmonia, doçura.*

*Sonho ingenuo. A chamada abobada infinita
É uma ilusão. Do olhar? Da cegueira.*

*Reflita
De olhos abertos: veja; e, si puder, exprima
Numa definição o que vê lá por cima:*

*A volubilidade em ação permanente
De um scenario complexo
É vazio, que passa indefinidamente
Em perpetuo vai-vem de mutações sem nexos.*

*Claras manhãs de sol; dias de luz tranquila
Em que, safira imensa, o espaço azul scintila;
O esplendido tesouro
De tons vivos que ostenta a pompa bisantina
Dos ocasos em fogo; a noute, ora campina
Toda desabrochada em margaritas de ouro,
Ora mar bonançoso em que nuvens esparsas
Boiam, fulgindo ao luar, numa alvura de garças...*

Vãos aspectos do ceu, que muda a cada instante...

*Veja-m'o agora baixo, espesso, sufocante,
Pezando sobre a Terra, enfarruscado e brusco.
Todo o seu brilho morre em baço lusco-fusco.
O palacio oriental achata-se em trapeira.
A safira desfaz-se em borrão. A poeira
De ouro da Via-Lactea apaga-se em neblina.*

*É um outro ceu. Um ceu na solta indisciplina
De nuvens em tumulto e em tropel, como um bando
De monstros, a correr dentro da noute, uivando.*

*Rolam no escuro, enchendo o vácuo de clamores
De cólera brutal, trovões ameaçadores.
Como espadas de fogo em batalha, coriscos
Traçam na sombra imensa uns imensos rabiscos.*

*Cólera teatral. Berra, atroa — e desfaz-se:
Desfeito o seu furor numa crise de magua,
O ceu põe-se a chorar; e, a fio, pela face
Escorre-lhe em caudaes uma bâtega d'agua.*

*O ceu dá-me a impressão, para dizer-lhe tudo,
De um grande carnaval a que nem falta o entrudo...*

*Deixemol-o passar... Passa de longe... Vel-o
Podemos nós. Mais nada. Adotal-o por guia
E' acompanhar fumaça. Erigil-o em modelo
E' desvairar á toa, em plena fantasia.
A ambição de alcançal-o é sonho, e pesadelo.*

*Nada de restrições ao que nos propicia
A realidade: o afan de ganhar, e comel-o,
O pão de cada dia.*

*Temos a Vida, é tudo: uma terra baldia
Que não basta possuir; é preciso lavral-a.
Cultivemol-a, intensamente, em larga escala.
Aproveitemos todo o chão de que dispomos
Para a fecundação de arvores que dêem pomos.
Limpemol-o, sem dó, de escrupulos daninhos.
Cultivar a Virtude é cultivar espinhos.
Uma bela tarefa, útil e tentadora:
Seduz os tolos, tenta os fracos, é a lavoura
Dos inertes... Exige uma grande constancia
Em não ser nada, nada...*

*Eu, aqui onde me ouve,
Penso convictamente assim: como sustancia,
A frondosa Moral não vale um pé de couve.*

*O meu amigo é moço; eu quasi velho. Tenho
Essa vantagem. Triste? Utilissima. Empenho
Na batalha da vida o que aprendi vivendo.
Viver é para mim negocio de que entendo.
Busco vencer o mais com o minimo de esforço.
Resisto, por que sei ceder. Não quebro, torço.
Os principios são bons como assunto de estilo:
Não prestam para mais. O coração tranquilo
E' o coração á larga. Em toda esta viagem
Feita atravez de um mundo inconsistente e futil,
Deve-se carregar o menos de bagagem:
Para que serve a alma? A alma é um pezo inutil...*

FAUSTO

— *Basta de frases vãs. Fiquemos no bom senso.
De mais dessas razões de cinico o dispenso.*

MEFISTOFELES

— *Bata, mas ouça...*

FAUSTO

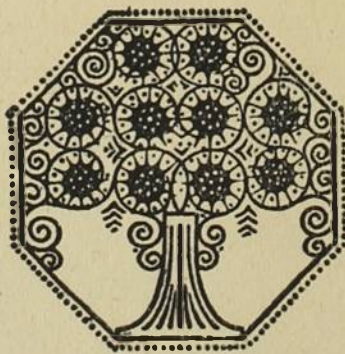
— *Quer seduzir — e argumenta —
Quer comprar — e abre a mão generosa e opulenta ---
Minh'alma...*

MEFISTOFELES

— *Eu? Para que? Su'alma, não a quero
Por um marco papel. Digo-lh'o, e sou sincero:
Su'alma é para mim como a reles fumaça
Que tira de um charuto o primeiro que passa.*

.

VICENTE DE CARVALHO.



ARTE DE AMAR

(Segunda série)

*Porque é só feita de pranto,
E' necessario que a vida
Seja entre dois dividida
Por que se não soffra tanto.*

*Pouco importa a cinza e o pó
Em que depois te tornares;
As almas querem-se aos pares;
Por que has de então viver só?*

*Toda jornada sem guia
Tem perigos e canceiras;
Busca aquelle a quem mais queiras
Por te fazer companhia.*

*Confiante, estende-lhe a mão
E ao lado delle caminha.
Se vives só, andorinha,
Não pódes fazer verão.*

*
* *

*Razão tem o que se queixa,
Embora a ventura o embale,
Que a ventura apenas vale
Pela lembrança que deixa.*

*Cantando ou sorrindo, expande
As maguas que tens no seio,
E não vivas no receio
De que algum mal muito grande*

*Que sobre teu lar desabe,
Toda a vida te torture:
Não ha mal que sempre dure
Nem bem que nunca se acabe.*

*

* *

*Por frivolo embora o tomem,
Não te importes se lhe queres,
Pois a attenção das mulheres
Dá sempre valor ao homem.*

*Neste negocio de amores
E em tudo mais não é raro
Que as mulheres tenham faro
Na distincção dos valores.*

*Se ellas lhe querem, é certo
Que o calumniam primeiro.
Onde de mel sintas cheiro
Andam abelhas por perto...*

Julho, 1923.

JULIO CESAR DA SILVA



RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

X

O' alma humana que mundos e que systemas de maldade enchem o universo da tua immensidade infinita!

Qual é o sol ignoto que impõe gravitação e dá equilibrio a tão desvairadas miserias!

Mas, o mundo é assim. Nunca escrevi por vingança pessoal. Não atirei nunca nome algum ao equivoco das allusões ferinas. Mulher, sem assoalhar mentirosas virtudes domesticas, jamais commetti o canalhismo nem a ferocidade de chafurdar um nome puro no pantano apodrecido dos meus egoismos.

Isso faria aquella mulher fatua que ingenuamente suppoz ser a unica a manejar a penna e creu ter o triste privilegio de todos os tinteiros e de toda a verborrhagia humana. E' bem que passe á posteridade com um cartaz ás costas...

Ou, com um vestido de cauda, como um symbolo de retrogradação simiesca.

Não eu. As mulheres bellas têm na fascinação propria natural defesa contra as malignidades. A natureza, divina como é, também é a primeira a marcar as degenerações.

Essa advertencia vem a proposito da Florentina (a literata, como lhe chamavam), que por appetites ignorados se deixou ficar na escola uma duzia de annos. Fealdade vingativa, astucia demoniaca, visgo intelligente, tudo ella era e não sei qual seria mais.

Suas amenidades eram terriveis, escorchantes os abraços...

Palavras e historias, se um editor quizesse reunil-as, dariam romances.

Florentina era uma especie de cocote estylizada em dama honesta. Eu não pude nunca explicar-me como tão vasta theoria da bandalhice pudesse corresponder a uma honestidade pratica. Essa mãe de filhos faz do lar um "alibi" perpetuo das suas immoralidades...

Se essa podridão literaria vive guardada em alcool sob a protecção de vidros transparentes, não é muito que uma pedrada casual venha um dia destruir o tegumento daquella monstruosidade.

As viagens mentaes de Florentina "por mares nunca dantes navegados" deixavam acreditar que ella não podia ignorar alguns velhos itinerarios...

Era muita sciencia para tão apregoada ingenuidade.

Que é que ella tanto escrevia, passando ás almas simples os bilhetes clandestinos das suas miserias secretas!

Que alma triste, a della!

E dizia-se feliz, materialmente feliz, esse trapo de egoismo, esse boião de fel, crystalizado em assucar.

Alma de chicharro devia conter todas as deshonestidades platonicas por lhe serem talvez impossiveis as outras.

Quando casou, o desembargador Cantidiano poz essa annotação:

— Fez como o inglês a primeira vez que se dispôs a comer uma banana: lambeu a casca e atirou fóra o caroço.

E quantos caroços vivia a espalhar, por instinctos de perversidade literaria!

E, á primeira vista, era toda mel por insidia ás abelhas incautas.

Fugi ainda em tempo dos seus agrados formidaveis.

Que queria ella? Talvez coisa alguma. Ha pessoas que se contentam e se pagam de experiencias homeopathicas, "similia similibus"...

Escapei ao abysmo, mas não escapei a um dos seus bilhetes. que eram allivio de suas reconditas perversidades. Mas ha de engolil-o.

— Tambem é homeopathia — diz o Cantidiano.

. (1)

(1) O editor da novella não poude, apezar de todos os esforços, esclarecer o passo tão obscuro deste capitulo. E' melhor deixar aqui a reticencia como se encontra no manuscrito.

XI

Emfim, aprendi a ler.

Quanta coisa vim a saber, Deus meu! lendo os jornaes. A cidade, que eu só conhecia pelas risonhas fachadas, via-a com os tectos abertos ostentando todas as miserias e tristezas da vida. A imprensa dava a diaphaneidade de todas as coisas. O que me entristecia era o sangue derramado a todas as horas, homens e mulheres que se estripavam, o odio, as rixas perennes e a morte.

O jornal, que me diziam ser "a toalha matinal da civilização", era uma veronica ensanguentada.

Uma coisa, porém, infundia-me pavor: eram as tragedias conjugaes. Os maridos matavam as mulheres por amor, por ciu-me ou por vingança.

E eu havia de casar-me (pensava), affrontando essa onda rubra e sanguinolenta!

E sentia enrubescer-me a esses reflexos ainda remotos.

Uma vez não me contive e perguntei a papae:

— Será verdade que todos os maridos matam as mulheres?

— São casos raros — respondeu-me — um em cem mil. E talvez nem isso.

Papae tinha razão. Nem todos os homens são assassinos, e disso tive a prova em poucos dias, aqui ao pé de casa.

O José Paquinha, vizinho nosso, era casado com a Minervina, uma das moças mais bellas que tenho visto. Onde ella anda? não sei mais, que a perdi de vista. Mas aquella creaturinha era um feitiço: de olhos vivos e inquietos, uma boquinha de rosa, as mãosinhas electricas e vibrantes, tudo nella me recordava a princeza encantada do meu livro de historias.

Todos gostavam della, e quem podia ser insensivel aos encantos daquelle formoso diabinho?

Só o marido, o José Paquinha, parecia um pouco negligente na vigilancia daquelle thesouro.

Ora, acontecia que ali em frente morava o Gomes, um poeta meloso, olhos de peixe podre que vivia a magnetizar a Minervina. Fazia versos, escrevia bilhetinhos e punha em pratica todas as tentações diabolicas do seu canalhismo erótico.

Essas fascinações batracchianas cedo ou tarde produzem effeitos terriveis.

O certo é que um bom dia Minervina desapareceu. O José Paquinha chorava pluviosamente de desespero e de angustia.

Procura-se daqui e d'acolá, veio a saber-se, emfim, que Minervina se achava escondida em casa do José Gomes.

A noticia horrivel chegou aos ouvidos do pobre marido. Foi,

pois, com grande terror que vi o José Paquinha grave, ousado e decidido, penetrar na casa do poeta.

Lembrei-me das gazetas e logo vi a tragedia de sangue e morte, naquelle encontro doloroso e formidavel.

Mas de lá de dentro sahiu o José Paquinha, quasi tranquillo, trazendo pelo braço a formosa Minervina, a louquinha risonha e admiravel.

Que boa paz, a daquelles pombinhos!

O Gomes, da janella, de olho comprido, ordenando a enorme cabelleira (que era uma das suas qualidades literarias), assistia. abatido, áquella restituição forçada.

O Paquinha, já na rua, voltou-se para o seductor e sorriu philosophicamente:

— Agora, sêo Gomes, chuche no dedo!

XII

Sahi, afinal, da escola.

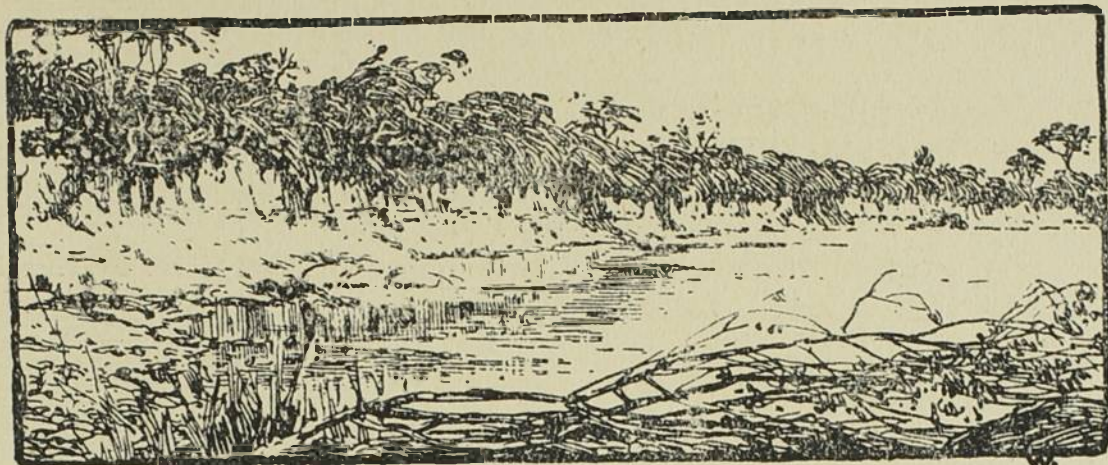
E' certo que algo aprendi das coisas visiveis; mas, a parte das coisas occultas que me ensinaram ou pude surprehender, formava o cabedal maior da minha iniciação.

Aqui encerro a primeira parte das minhas recordações.

(Fim da primeira parte)

JOÃO RIBEIRO





RUY BARBOSA COMO POETA

RUY Barbosa — toda a gente o sabe — notabilisou-se, não só como politico, de idéas liberaes, progressistas, tendo sido figura proeminente na Republica e respectiva Constituição, mas ainda como jurista, conhecedor profundo de todos os ramos do Direito (e o provou, mais do que entre nós, em Haya); como orador, só rivalisado por Cícero e Vieira, e, a par e acima de tudo isso, por ser a maior autoridade em materia de lingua portugueza. Assim o proclamaram os mais competentes philologos lusos e patricios.

Comquanto haja quem, como Medeiros e Albuquerque, lhe negue *genialidade*, por lhe ter faltado, em qualquer desses aspectos de seu talento, a faculdade de *creação*, característica do *genio*, Ruy foi e nem ha quem o conteste, uma cerebração extra-commum, uma memoria como difficilmente se encontra, o que lhe permittiu ser a mais vasta erudição que, nesse genero, tem apparecido no Brasil e, talvez, em quasi toda a Terra!...

Mas teria Ruy feito versos?

Teria Ruy sido tambem poeta?

Ao menos na mocidade?

A tal respeito diz o sr. Nazareth Menezes, no livro, de 1915, "Ruy Barbosa, sua vida e sua obra" p. 60: "Muitas vezes se tem citado Ruy Barbosa, como poeta. A lyra porém, foi dedicada na mocidade apenas como um incidente ligeiro na sua vida de intellectual".

Versos fêl-os Ruy correctissimos, como nem poderiam deixar de ser sahindo das mãos de tal ourives da lingua.

Mas não foi Ruy poeta, no sentido mais amplo e verdadeiro da palavra.

Porque?

Ha quem diga que, para tal, lhe faltava *emoção*, embora lhe sobrasse outra faculdade característica dos verdadeiros poetas, a *imaginação*.

Mas seus discursos não estão cheios, a transbordar, de emoção? Não eram emocionados, emocionantes, emocionadores acima de tudo?

Distingamos.

Ruy, como todo homem de vida puramente cerebrina, era, antes de tudo, um raciocinador permanente: as emoções que sentia e communicava provinham de sentimentos nascidos da reflexão.

Eram, si nos permittem, *emoções intellectuacs*.

Os poetas, os legitimos poetas, são creaturas que vivem mais pelos sentidos, pelas sensações, entre os dois polos da Arte, a belleza e a dor. As emoções que experimentam e despertam aos outros, provém de sentimentos oriundos de sensações, de impressões.

São, si nos permittem ainda, *emoções sentimentaes*.

Eis porque Ruy não foi poeta..

Comtudo não deixa de ser curioso e interessante conhecê-lo também sob esse aspecto. Tudo quanto se refere aos grandes vultos é digno de registro e util para seu completo estudo psychico. Assim o entendem os verdadeiros biographos, D'ahi o valor desta despretenciosa notula contributiva para o estudo de uma das varias applicações, embora passageira, da extra-vulgar intelligencia de Ruy Barbosa.

RUY REPENTISTA.

Ainda no *Gymnasio Bahiano*, em uma festa por ocasião do anniversario de seu director, o Dr. Abilio Cesar Borges, Barão de Macahubas, Ruy recitou um soneto seu, que terminava:

"Só não morre a virtude, a intelligencia!"

Supponho que tal soneto tenha sido improvisado nessa festa e isso porque não encontrei, e penso mesmo que se lhe desconhecem, os 13 versos anteriores, tendo-se conservado o *fecho* devido á glosa feita, também de improviso nessa mesma festa,

pelo repentista Muniz Barreto, e também em soneto, que se tem divulgado pela publicação repetida em periodicos e diarios. (1)

Si a respeito desse soneto não se pode affirmar que Ruy o tivesse feito de improviso, ha pelo menos um exemplo, fóra de toda a duvida e testemunhado por muitas pessoas, em que se revelou a sua capacidade de repentista, ainda que se tratasse de uma traducção, mas não importa feita de um só jacto, ao correr da penna, o que nos parece não ser muito facil nem tampouco muito commum. Historiemos.

Em 1885, em uma festa na residencia de um parente de Ruy (na casa da rua dos Invalidos em que hoje funciona o Forum), uma moçoila gentil cantára a romanza *Mamma dice che l'amore*, letra de Metastasio e musica de Carlos Gomes.

Após o concerto, já á mesa de jantar, travou-se o seguinte dialogo, *altera verba*:

— Gostei immenso de sua voz, deliciosa.

— Obrigada. Elogio partido de tão alto só pode ser gentileza.

— Não faço mais que expandir meu enthusiasmo e exprimir-lhe a agradável impressão que a romanza me deixou.

— Teria maior satisfação si pudesse cantal-a em portuguez, visto que a musica é de um patricio...

— Está na sua vontade.

— Então exijo-lhe que me faça a traducção.

— Não sou poeta.

— De que não será capaz o senhor?

— Obedecer-lhe-ei.

— Mas ha de ser já!...

— Seja feita a vontade de Deus... e das mulheres — respondeu Ruy jovialmente.

A graciosa senhorita foi buscar lapis e papel e fêl-o escrever, ali mesmo, sobre a mesa.

Mamãe diz-me que do amor
E' horrivel o tormento,
Mas, si o amor é soffrimento,
Dê-nos Deus sempre essa dor!

Mamãe diz-me que o amor
Tira o somno e o paladar.
Mas eu durmo a bom sonhar...
Ri-me a mesa sempre em flor...

(1) — Na monographia "A Evolução do Soneto," a sahir das officinas de Monteiro Lobato & Cia., transcrevemos também esse bellissimo soneto de Muniz Barreto.

Mamãe diz-me que o amor
Abre em nós mortal ferida.
E' mentira! Nova vida
Traz ao seio, e mais calor...

Mamãe, pois, enquanto a amor,
Nem siquer sabe o que diz...
Só o amor nos faz feliz!
Não se vive sem amor!...

Quer Mamãe que seja o amor
Lucta inutil e sem gloria.
A meu ver, não ha victoria
Que não venha pelo amor...

Mamãe diz-me que o amor
E' da paz a sepultura:
Para mim nelle fulgura
O nosso astro salvador.

Mamãe, pois, enquanto a amor,
E' visão que foge e mente....
A meus olhos docemente,
E' um celeste protector!

Mamãe, pois enquanto a amor
Nem siquer sabe o que diz...
Só o amor nos faz feliz!
Não se vive sem amor!...

Oito annos depois, a familia de Ruy, querendo causar-lhe uma surpresa e pôr á prova a sua formidavel e invejavel memoria, pediu á mesma senhora que cantára a romanza, que tornasse a fazel-o, em casa de Ruy, no dia de annos deste.

A' hora combinada, quando o eminente brasileiro, cercado de seus parentes e amigos, era por todos festejados e homenageado, a alludida senhora foi para o piano e, feito o mais absoluto silencio, começou a cantar a romanza:

"Mamãe diz-me que do amor
E' horrivel o tormento..."

E, logo Ruy sorrindo, termina os versos, com o applauso de todos:

"Mas, si o amor é soffrimento,
Dê-nos Deus sempre essa dôr!"

OUTRAS POESIAS DE RUY:

O sr. Nazareth Menezes que, na citada obra, cita esses versos e toda a sua historia, conclue: "Poucas poesias mais se conhecem do grande brasileiro. Sei que tem diversos originaes, entre os quaes, muitos deliciosos sonetos, cuja publicação não foi feita ainda". Cita em seguida a traducção da poesia de Leopardi adeante reproduzida.

Não tendo sido feita, até agora, a publicação do acervo poetico de Ruy, parece-nos que se torna um trabalho meritorio ir desde já divulgando quantas se puder obter. Assim para aqui transladamos as seguintes, obtidas de outras fontes.

A' MINHA NOIVA

Quero esparzir na pureza
De teu leito virginal
Flores de mais singeleza
Que haja no monte ou no val...
Flores á tua belleza,
São flores do laranjal
Tão castas, como a pureza
De teu leito virginal...

Si alguma cousa perpassa,
Que ouças e vejas... sem ver,
E' minh'alma que esvoaça
Para em tua alma viver...
E' meu amor que te enlaça
P'ra nunca mais te perder.

SEUS CABELLOS

(A Maria Augusta) (2)

D'antes, o ondeado cabelo
Deixavas sempre vel-o
Em fartos anneis sombrios
Nos hombros teus a descer...
Pendia daquelles fios
Minh'alma, de amores preza,
E a vista, em extase accesa,
Não se cançava de os ver...

(2) Depois senhora de Ruy Barbosa.

Como é que agora, opprimido
 Tão contrafeito, e escondido,
 A natural formosura
 Não lhe deixas expandir?!...
 Não vês que em teu rosto a alvura,
 Que os proprios lirios supplanta,
 Ri mais viva, a mais encanta
 Si os deixas soltos cahir?

Porque essas lindas madeixas,
 Desfeitas, baixar não deixas,
 De aroma infavel cheias
 Ao collo candido e nù?
 Porque, de tantas cadeias
 Com que meus olhos captivas,
 Assim, ligeira, te privas—
 Criança ingenua que és tu?!...

Olha as rosas rãs roseiras
 Como baloçam faceiras
 Naquellas franças viçosas
 De que o estio as adornou...
 Si, pois, o viço das rosas,
 —Meu lindo amor, — ultrapassas,
 Porque desprezar as graças
 Com que Deus te avantajou?

“CANTO NOCTURNO DE UM PASTOR ERRADIO
 NA ASIA”

POR G. LEOPARDI

Que fazes pelo céu, onde te estás,
 Silenciosa lua?
 Ergues-te á noite, e vaes,
 Mirando os ermos. De manhã repoisas.
 Inda te não enfadas
 D'esse eterno volver, eternas vias?
 De rever-te por valles e quebradas
 Já te não intedias?

Semelha a tua vida
 A' vida do pastor.
 Surge ao primeiro alvor,
 Leva o tardo rebanho, e pelos campos
 Só fontes vê e prados e rebanhos.
 De noite cerra os olhos, e descança:
 Não tem outra esperança.
 Dize, lua, que val
 Ao pastor sua vida,
 A tua vida a ti? Dize: a que tende
 Este vaguear meu breve,
 Teu curso perennal?

Velhinho branco, enfermo,
De andrajos, pés descalços,
Pesadissimo fardo posto aos hombros,
Por algares e combros,
Agudas fragas, areiaes, silvados,
Ao vento, á tempestade, e quando aprasa,
E logo quando gela,
Corre, moireja, anhela,
Transpõe torrentes, vinga tremedaes,
Cae, resurge, e se esfalfa a mais e mais,
Sem poiso, nem reparo,
Dilacerado, em sangue. E quando o termo
Acenar-lhe parece
Do caminho e das longas agonias,
Abysmo horrido, immenso
Abre-lhe o seio, e no seu fundo o esqueces.
O' virgem lua, tal
E' a vida mortal.

Nasce o homem entre dores,
E é já risco de morte o nascimento
São penas e tormento
Estreia do viver. Mal principia,
Meigos progenitores
De nado ser já lidam consolal-o,
Emquanto vem crescendo,
Sustentam-n'o extremosos dia a dia
Co'a palavra e o carinho,
Dando animo ao mesquinho,
Por confortal-o contra o humano estado,
Officio mais amado
Não ha de pais á prole bemquerida.
Mas por que á luz trazel-a,
Por que suster na vida
A quem consolar tendes de viver-a?
Se a vida é desventura,
Por que por nós perdura?
Intacta lua, tal
A condição mortal,
Mas, pois mortal não és,
Que tens com os meus gemidos n'este val.

Sósinha, emtanto, eterna peregrina,
Tão pensativa sempre, acaso entendes
Este viver terreno,
A soluçar da dôr que nos crucia,
Este morrer, o descorar supremo
Da vida, no semblante,
O extinguir-se da terra e o lancinante
Ultimo adeus á humana companhia?

De certo comprehendes
Das coisas o "porque"; sabes o fructo
Das manhãs e das noites,
Do tacito, infinito andar do tempo.

O doce amor descobres, a quem, rindo,
A primavera amima,
A que affaga o estio, a quem requesta
A gelidez do inverno, a nós furesta.

Mil coisas sondas tu, mil descortinas
Veladas ao pastor como divinas.
A's vezes contemplando-te
Muda sobre a planura do deserto,
Cuja curva remota o céu confina,
Ou vendo o passo meu calado, incerto,
Seguires, resvalando, perto, perto,
Emquanto em astros arde o céu inteiro
Digo entre mim, scismando:
Por que tanto luzeiro?

Que faz o ar sem limite e esse profundo
Infinito impassivel? Essa immensa
Solidão que noz diz? Que sou eu mesmo?
Penso, penso; e da estancia immensuravel
Do universo magnifico,
De toda esta familia innumeravel,
D'esse lidar continuo, em que se agita
Nos céus, na terra, tudo em torvelinho
Sem pausa, nem remanso,
Andando e desandando um só caminho,
Proveito não alcanço,
Adivinhar não sei. Mas bem presinto,
Eterna joven, que conheces tudo.
Bem me preluz, e sinto
Que do eterno girar do firmamento
E do meu ser terreal
Dita, ou contentamento,
Outrem colhe talvez. Mas eu, só mal.

Rebanho meu, feliz no teu repouso,
Que nem tua miseria sonharás
Que inveja te não tenho.
Incolume espaireces.
Do espinho dos pezares
Fadigas e penares,
Terrorer mesmo em um momento esqueces
Inda mais: nunca o tedio conheceste.
Se á sombra jazes, quêdo, no relvado
Tudo te é delicia
E, assim, doce caricia
Vae-te o anno quasi todo sem enfado.
Recline-me eu da varzea á fresca alfombra
Logo a mente me ensombra
O fastio; um pungir me morde n'alma;
Queda o corpo; mas nunca estou mais longe
De poiso amigo e calma.
Emtanto, nada anhelos,
Nem tive, até aqui, hora de pranto

O que desfructes, quanto,
Dizer não sei; mas bemditoso és.
Nem só do escasso goso me lamento,
Rebanho meu, bem vês.
Se falasses, dir-te-hia, em meigo accento:
Por que é que preguiçando,
Estendido em suave desafogo,
Se deleita o animal,
E eu me fino de tédio no relval?

Tivesse eu livres azas,
Com que as nuvens vencer, e cada estrella
Contar, que além fluctua,
Ou qual trovão errar de cimo em cimo
Mais venturoso, ovelhas do meu mimo,
Mais feliz fôra então, candida lua.
Mas quem sabe? Talvez que, a sorte alheia
No julgar, minha mente devaneia:
Talvez da vida a fôrma nada val,
E, berço ou antro embora a origem sua,
Funesto a todos seja o seu natal."

Ruy fez acompanhar essa traducção, quando foi publicada pela primeira vez, da seguinte nota:

"Giacomo Leopardi, o celebre pessimista, summo philosopho, rival, em philologia, dos maiores investigadores que a Allemanha tem produzido, prosador de uma pureza hellenica, incomparavel entre os seus conterraneos, é, ao mesmo tempo, o cantor de quem os mais competentes criticos têm dito que a poesia italiana, depois de expirar nos labios de Dante, renasceu nos deste genio desafortunado.

"Dentre os modernos poetas de sua patria, apenas com elle compete Manzoni, e isso mesmo em mui raras das suas producções.

"A versão que commettemos a temeridade de publicar, pallido e mallogrado transumpto do original, cinge-se ao mesmo metro, ao mesmo numero de versos e á mesma disposição da rima que a poesia italiana.

Para concluir esta notula, faço minhas as palavras com que o sr. Nazareth Menezes, depois de citar essa traducção e a de *Mamma dice che l'amore*, unicas poesias de Ruy citadas em sua referida obra, resume sua opinião a respeito:

"Por essas producções se vê que a musa é facil, o verso correcto e o estro simples, na poesia de Ruy Barbosa. Não são, infelizmente, conhecidas outras amostras poeticas do eminente

brasileiro. Estas mesmas que aqui ficam servem, como notas curiosas, para mostrar a maleabilidade do assombroso talento do grande bahiano, que é a honra de nossa nacionalidade e lustre de nossa raça”.

Rio de Janeiro, 1.º de Setembro de 1923.

MOACIR SILVA.





LYCANTHROPIA SERTANEJA

*Ao illustre amigo Dr. Robert Lehmann
Nitsche.*

LYCAON, filho de Pelasgo, rei da Arcadia, tentou matar Jupiter, seu hospede duma noite. Foi transformado em lobo. Para conjurar tamanho castigo, os Arcades construíram um templo a Jupiter-Lyceo (do grego, Lycos, lobo). Na Grecia, vindo dessa origem mythica, registou-se gravemente o phenomeno. Desapparecendo a forma de um supplicio surgiu a lycanthropia. Era uma molestia.

Durante o mez de Fevereiro, os lycanthropos pullulavam. Herodoto assela-os em sua historia. Em Roma, Pan era Luperco (do latim, Lupus, lobo). D'ahi as Lupercaes, festas votivas em Fevereiro, justamente comemoração solenne dos Mortos entre os gregos e multiplicação de lycanthropos. Acca Laurentia, a loba, foi deificada. Em todas as estatuas e medalhas, signos e camafeus, era representada sob a forma lupina.

Para Pomponius Mela, os Neuros podiam transmudar-se em lobos. Os Neuros habitavam a Scythia, e, segundo Aristeus Proconnesius, Isigonu. Nicaeiensis, Ctesias, Onescritus, Polystephanus e Hegesias, citados por Aulo Gello, era um paiz de assombros. Os scythas eram anthropophagos. Nas regiões visinhas, moravam raças espantosas, desde os Arismaspes, que tinham um só olho no meio da testa como cyclops, até os outros homens que possuíam os calcanhares ás avessas, genese dos Matuyus que o Padre Simão de Vasconcellos devia encontrar no Brasil. Vem a serie dos firmes credores do lycanthropo. Foram Isocrates, Varrão, (em Santo Agostinho) Herodoto, Pompinius Mela, Petronio, e Plinio, o Antigo.

Petronio descreve detalhadamente a lycanthropia.

Pedem a Niceros, conviva do faustoso Trimalcion, uma narrativa de aventuras. Historia o interrogado que, tendo de ir a Capua, convidou um soldado valente, seu velho camarada. Era noite de lua. Atravessando um cemiterio, o soldado conjurou as estrellas, despiu-se, poz urina nas roupas e

tornou-se lobo, uivando e correndo pelo matto. Niceros não pode recolher as roupas do companheiro por que haviam tomado a forma de pedras. Aterrorizado fugiu para casa de Melissa de Tarento. Esta contou-lhe o assalto de um grande lobo ao redil e subsequente luta com um famulo que ferira o animal no pescoço. No outro dia, Niceros encontrou o amigo nas mãos dum medico — tinha um profundo ferimento na nuca. Era um Versipellio, no dizer de Plinio.

A origem da lenda é naturalmente religiosa e commum ao Egypto, aos Veddas, á Chaldéa, ás regiões da Asia e Africa. Com o Imperio Romano espalhou-se a crendice, amalgamando outras, adaptando-se aos novos ambientes. E' a repetição do caso de dominio contraproducente. O paiz vencedor é quasi sempre influido pelo derrotado. Depois de Grecia vencida é que os Romanos conheceram a Hellade. Veio o Versipellio para Portugal com a conquista. Deve ter ahi tomado o nome que hoje usa.

A lycanthropia deve ser de origem ethica. Vingança de um ser divino em quem desobedeceu as leis sagradas de hospedagem. Os eternos viajantes gregos podiam ter posto curso a esta historia antecipando pelo terror um melhor tratamento nas paragens visitadas. As narrativas de Platão, Ovidio e Pausanias sobre Lycaon, tornaram-no typo de mau hospedador. A justiça vinda do alto Olympo cahia sobre o crime de um principe na pessoa de um deus.

No Brasil, as complicadas theogonias selvagens exilam o versipellio. Crearam o Capelobo, animal phantastico, invulneravel, velocissimo e perseguidor dos indios e caçadores ousados. O Capelobo é creado pelo ramo racial dos mamelucos. Não pode ser autóchtone como o Anhangá e o Caipora. Para algumas tribus é o velho que já esqueceu a idade. N'outras, é um animal como o Tapuayauara, mixto de pachiderme e felino, com patas de anta e orelhas de cão.

O lycanthropo grego, o versipellio latino, o loup-garou de França, o vou-kadlak dos Slavos, o verfölfe allemão, o capelobo amerindio, estão absolutamente irmanados com o Lubis-homem sertanejo.

Em Portugal o lubis-homem é o filho que nasce depois de uma serie de sete filhas. Em geral fica pallido, doente, tristonho, cheio de manias, quasi sempre geophago contumaz. Encontrando o lugar onde os animaes se espolinham, o predestinado se espoja e "vira" lubis-homem. Isto ás terças ou sextas feiras. Sob a pelle do phenomeno, terá de correr as sete partidas do mundo, sete adros, sete villas, sete outeiros, sete encruzilhadas. Ao terceiro cantar do gallo retoma a forma humana. E' de notar o uso de um numero que a astrologica chaldaica tornou fatidico — o 7. Para desencanta-lo é mister o signo de Salomão, a estrella de dois triangulos. Vendo-a, perde o veso das correrias. Podem mata-lo tambem. Invulneravel a tiro, é sensivel a qualquer ferro aguçado. Quem manchar-se no sangue do lubis-homem, herda o habito.

Para o Sertão o lubis-homem está fixado em dois modos: como castigo e como molestia. A reminiscencia de Lycaon é patente no primeiro caso. Jupiter, pai dos homens, castigou um filho espurio fazendo-o lobo. O máo filho é candidato a lubis-homem. O "doente" é pessoa apontada communmente. Magro, descarnado, vacilante, d'olhos apagados e facies decahido o lycantropo sertanejo é um typo vulgar de opipalo, uma victima da verminose, mais filho do helmintho que de Belzebut.

Em casos especiaes, o maleficio se opera determinado por uma lei de punição suprema.

E' o rarissimo incesto. O incestuoso ou seu descendente mais proximo, será lubis-homem. Semelha a manceba do vigario que é a "Burrinha de

Padre'', trotando pelos descampados, se, por funesto acaso o parochio esqueceu de amaldiçoar-la antes de celebrar missa.

O ceremonial para ser-se lubis-homem é simples. Na noite da quinta para a sexta feira, antes das II horas, o futuro loup-garou matuto dirige-se ao local onde os animaes se espojam. Quasi sempre na encruzilhada existe o capim machucado e revoltado pelos irracionais preguiçando. Depois de despir-se, põe a roupa pelo avesso, dá sete nós na camiza e rola da esquerda para a direita, reunindo os pés e as mãos. D'ahi em diante, como na historia de Petronio, *lupus factus est, ululare coepit, et in silvas fugit*.

Até o terceiro cantar do gallo, o lubis-homem galopa e rincha, berra e foge, espalhando terror. Ataca os caminantes solitarios para sugar-lhes o sangue. Vendo duas pessoas, esconde-se. Picando-o á faca, "quebram" o fado por aquella noite. E' vulneravel a tiro. Some-se ouvindo o canto do gallo. O gallo, em todas as historias e lendas sertanejas é o libertador do medo, o vencedor das trevas, augurio do Sol, arauto do dia longinquo. Não ha phantasma ou alma penada que resista seu canto sonoro. Curioso é lembrar-se que Apollonio de Tyana evocou a sombra de Achilles e esta desapareceu apóz o gallo ter cantado. Quando a coruja, o mocho e o corvo servem de emblemas ás bruxarias e maldades, o gallo é o symbolo da alegria, das forças sadias e votadas ao Bem. E' elle, ancestralmente, o inimigo do Demonio.

*Ferunt, vagantes Dæmonas
Lactos tenebris nocturnum,
Gallo canente exterritos
Sparsim temere, et cedere.*

Cantava o poeta Prudencio, já christão e amavel louvador do illustre gallinaceo. De um antiquissimo canto que fazia parte da liturgia na diocese de Salisbury, havia estrophes cheias de amizade e carinho, onde se destacava esta affirmativa:

Gallo canante spes redit.

Acresce aos attributos divinos do Gallo, além de fazer reapparecer a esperanza, a honra de ter sido a primeira ave que annunciou o nascimento de Jesus. Christo nasceu! é o canto dos gallos na noite de Nata[.]

Com o estridor sonoro de seu grito, o lubis-homem grume e rosna, mas, receia e foge.

Todos aquelles que annotaram a vida sertaneja, dedicam largas paginas ao Lubis-homem. Henry Koster registou-o em sua viagem de Recife a Camocim. Gustavo Barrozo, um dos verdadeiros conhecedores do Sertão, illustre e consciente folk-lorista, narra uma historia ouvida por mím vezes diversas.

Um casal ia visitar um amigo que morava distante. Atravessando uma capoeira, o marido pretextou ligeira necessidade e meteu-se pelo matto. D'ahi a minutos a mulher era assaltada por um animal furioso. Defendendo-se, sacudiu o chale de lã vermelha na goela da féra e fugiu, trepando numa arvore. O bicho sumiu-se. No outro dia, a mulher reparando na dentadura do marido que dormia resupino encontrou nos dentes, as felpas do chale vermelho: o marido era o lubis-homem. O monstro não respeita resas nem invocações aos Santos. Antonio Ferreira, morador em Estivas, teve uma luta com um lubis-homem durante duas horas. Gritou pelo Ceu

inteiro, tentando ferir o bicho a faca. Pela madrugada, semi-exhausto, poudes segurar um galho de aroeira e salvar-se. A velha Victoria Maria, pernoitando n'uma casinha entre Timbó e Curral de Baixo, municipio de Ceará-Merim, teve occasião de assistir um encantamento, pondo fim ao bruxedo com um pequeno golpe de machadinha no braço do pseudo phantasma.

Uma das mais extraordinarias historias é a do vaqueiro José Francisco de Paula na fazenda São Thomé, em Santa Cruz, largamente conhecida pelos comboeiros e traficantes de algodão e sal. Sob o alpendrado, rara seria a noite em que, cinco ou seis vaqueiros e mascateantes, não dormissem, contando, á ceia, aventuras e viagens. Numa noite em que estava o casal sosinho, ouviu-se o latido desenfreado dos grandes cães de caça que José Francisco possuia. Não prestou attenção. Em cada semana, da quinta para sexta feira, os cães "acuavam" barulhosamente. Finalmente o vaqueiro entreabriu altas horas, a janella e viu passar, seguido pelos cachorros enfurecidos, um animal corpulento, meio-baixo, roncando e batendo insistentemente as largas orelhas de perro. D'ahi a dias, um comboio pernoitou na latada. Narraram-se assombramentos e caçadas. José Francisco historiou o caso. Um do grupo, adoidado e façanheiro, bateu na coronha do bacamarte jurando morte ao mostrengo assustador. Veio a treva. Ao nascer da lua, pelas proximidades da meia noite, ouviram o tonitrôar dos cães e a marcha resfolegada de um bicho correndo. Aperaram as armas. De gatilho alçado, esperaram. De repente o abantesma surgiu. Estalaram as espoletas e uma descarga relampejou num estrondo pelo pateo deserto e mudo. O animal, num ronquejo horrendo, cahiu pela barranca do rio, já secco no verão escaldante que se iniciava. Correram para lá. Era um lubis-homem. Ferido de morte, não se desanimalisara inteiramente. Da cintura para cima era um homem moreno, forte, de nariz apumado, mãos delicadas, cabelleira castanha, encaracolada, um desses mestiços de familia, creados na ociosidade das villas sertanejas: da cintura para baixo, semelhava um porco, çarrudo, cheio de lama e de garranchos, os cascos firmemente cravados na areia frouxa do rio. Enterraram-no ali mesmo. José Francisco de Paula mudou-se para Estivas onde morreu annos depois, sem nunca esquecer a noite da caçada impressionante e tragica.

Francisco Teixeira, sêo Nô, por muito tempo nosso guarda num sitio, reproduziu, inconscientemente, a narrativa de Níceros, no Satyricon petroniano. Trabalhando num enjenho de assucar, Nô passava o serão levando em descredito as aparições e bruxarias commentadas pelos companheiros. Um delles, João Severino, meio zangado, declarou-lhe que, em breve tempo, se arrependeria de zombar dos lubis-homens. Os coliegos do eito foram explicando ao Nô que elle andasse armado e não fosse muito lonje das casas. Uma noite atravessando uma varjota, Nô encontrou-se com um bezerro grande, todo negro, e pelludo que se precipitou num salto sobre elle. Nô "*bateu mão da faca*" e lutou de veras. Sentindo-se cansado, sacudiu uma facada bem dirigida, apanhando o agressor no pescoço. Este, grunindo, correu. Pela manhan, não vendo João Severino entre os habituaes cortadores de canna, inquireu e veio a saber que elle estava doente. Correndo até a casa, encontrou-o de nuca amarrada e bebendo mezinhas. Estava com um corte no pescoço. Se Nô soubesse latim teria citado Petronio: *intellexi illum versipellem esse*.

Os milheiros de historias de lubis-homens são quasi iguaes. E' sempre o animal atacando ou fugindo com uma picadela de mais. O antidoto é o "sino saimão", "sino salamão" ou signal de Salomão, a cruz feita em dois

triangulos, com a palha santa no domingo de Ramos. Põe-na no lugar dos encantamentos. Vendo-a, o versipellio nunca mais beradeija corregos e bufa, aos trancos, por descampados e varzeas. Se esconderem a roupa, ficará sempiternamente lubis-homem.

Acredito que essas superstições, de cunho rijidamente moral, tenham sido postas em circulação pelos letrados, como elemento de ordem ethica, equilibrando para uma melhor conducta, a gente semi-barbara do Sertão.

O medo ao sobrenatural, o castigo apoz a morte, a vastidão das penas, o tempo sem fim do remorso, são, atravez das idades, bases naturaes das religiões. Seria inutil mostrar de como a Egreja Catholica soube intelligentemente popularizar os seus dogmas, usando lendas cultuadas desde a mais remota ancianidade.

Os Neuros de Herodoto e Pomponius Mela, os homens-serpentes dos Veddas, são necessariamente utilizados como persuasão e terror. Aqui já se não dá o auto-milagre dos Neuros. O lubis-homem é castigo, uma penalidade infamante e arriscada a morte certa. Por isso, talvez, o elemento letrado, indicando maior tendencia á moralisação dos costumes, não obstou a propagação da credice, ajudando-a, antes, por que ella expressava um meio identico, com maior efficacia. Da-se como ultrajante e horrida, sorte a deste animal vagabundo semi poderoso e semi fragil. Para atemorizar o sertanejo se fez mister uma pena, prolongada apoz a morte. Sem temer a lei, zombando da força e habituado ás batalhas dos elementos, o sertanejo, sub-raça que se adaptara a todos os climas, necessitava desta ambientação mythica, pressão á sua luxuria porejante, á sua avareza latente, ao seu temperamento irriqueto, dentro de apparente insensibilidade.

Estranho, mysterioso, surgindo do intrincado negro dos juremaes, saltando, inopinado, da sombra escura das favelleiras e cardeiros esguios, correndo pelo ondulado relvoso das pradarias, o lobis-homem, peccado vivo, dentro da grande noite supersticiosa, mantem sempre accesa a perenne formação de assombros.

Agora que estamos tentando possuir uma literatura brasileira, sem o estreito regionalismo e pondo na Arte o mundo polyphorme das esperanças nativas, o folk-lore sertanejo terá um papel efficiente e decisivo fixando a physionomia espiritual do Povo, nas suas manifestações de crença, attitude ancestralmente definidora da moral collectiva em face duma geração que interroga e analisa.

E' o coração humano, inquieto e palpitando em presença do susto, do sobrenatural e do inexplicavel.

Sob a jaqueta de lã do Bretão ou na gibona de couro do vaqueiro, o pavor é identico, vendo, debaixo das citicicas immensas ou na penumbra dos menhirs batidos pelo luar, a figura lijeira e negra, impressionadora e terrivel do loup-garou, do lubis-homem, capelobo do indios, erudito versipellio, herança atavica do medo n'alma triste dos homens...

LUIS DA CAMARA CASCUDO.



A CANONISAÇÃO COMO OBRA DO POVO E DOS SECULOS

E U caminhava apressadamente pela rua povoada de ambições; meu pensamento alheia-se indiferente aos mostruários repletos, e marchava lentamente, com a marcha preguiçosa das idéas em gestações, seja esta uma mera invenção ou uma efervescência de recordações em fragmentos... Contemplando a Basilica de S. Francisco, veio-me á memoria a aguçada advertencia de Voltaire:... “as lendas de Carlos Magno foram forjadas tres seculos depois da sua epoca, e, como as origens de todas as nações, foram escriptas nos tempos em que já ellas estavam perdidas de vista, dando pois á imaginação a liberdade de pensar...” Continuei a caminhar olhando, sem ver, as leiterias, as cervejarias e as casas abarrotadas de comestiveis hespanhoes e italianos, quando, pensando sempre no sr. Arouet, reservei para o caso do tempo que ha de vir, outro postulado do “Diccionario Philosophico”... “quanto mais as sociedades se aperfeiçoam, menos prodigios se encontram nellas...”

Voltaire refere-se aos milagres; Renan tambem exaltando o valor da sciencia, ataca os defensores do dogma e assegura que não é mais possivel o milagre nestes tempos. Que dirá o sr. Papini, autor da “Historia de Christo” e autor tambem do “Homem acabado”?...

Voltaire refere-se aos milagres e nega-os, como se elles não fossem o resultado de um estado d'alma especial, e, sobretudo, da fé que cresce nas almas e que realisa, na verdade, prodigios. Os milagres de Christo Nosso Senhor já estavam preparados nos espiritos, mercê da influencia secular do Antigo Testamento. Tambem os milagres da Independencia estavam escriptos em varios seculos de colonisação; cremos no passo dos Andes e nas “Queseras” e não teriamos fé talvez em novos impulsos para os repetir. Agora atravessamos os Andes em ferro-carril ou em aeroplano, mas talvez fosse inconcebivel que se repetissem agora as façanhas de um Bolivar ou de um San Martin.

Não se deveria dizer que a fé opera milagres, senão que a fé está

preparando o advento do milagre; este nunca será accidente actual para nós, mas obra do futuro. De nós dimana a fé; dos nossos descendentes os seus resultados. Pois isso que para nossos descendentes será um acto milagroso, como phenomeno preterito, para nós não será nada, porque já não existiremos. Em resumo, o milagre vive no passado e incuba-se no porvir, que soe ser de muitos seculos, que, desde logo, pertencerão ao passado quando a geração der conta do prodigio, tal como se se estivesse preparando em Buenos Aires, para uma remota epoca, de seis ou mais seculos, quando o presente se tiver perdido de vista e a imaginação fique com liberdade de pensar, como dizia Voltaire...

Ninguém ousará negar que no decorrer dos seculos, quando o tempo houver destruido a obra intellectual de muitos pensadores, a phantasia, que é tambem obra dos seculos e que, não raro, identificam com a tradição muitas lendas, tecerá mil motivos que se avisinhem da verdade e que neste momento nos parecem absurdos...

Deste genero de processos surdiria o lento processo de beatificação por que a memoria de Dante passará: na Basilica do Solitario da Umbria, na parte superior do frontão, rodeam o irmão dos cães e da agua, Colombo o aventureiro, Savonarola o charlatão e Alighieri o poeta. Só um delles foi ministro da Egreja, e não é de extranhar que a Egreja queira um dia canonisal-o. Quanto aos martyres Colombo e Alighieri, duvido muito que os papas intentem alcandoral-os ao santoral: fóra da Egreja não ha santos, embora costume haver santas.

Entretanto, que realizem os seculos o que os papas não autorisam, embora autorisassem que se dissesse que Pedro Arbues fora um martyr e o cardeal Torquemada um santo varão, quando, na realidade, foi um varão como Aretino...

Os seculos são o grande reactivo da tradição; dentro delles evoluem as idéas e se exaltam as verdades. O qualificativo, por exemplo, com que Bento XV distinguio o autor da "Divina Comedia", será motivo para que amanhã, depois de algum tempo, o Dante seja o "excelso genio, honra e gloria da humidade," e a propria Santidade Vaticana concitaria os jovens a "amar e venerar o excelso poeta", quando este já poderia ser tomado como patrono dos poetas e protector dos intellectuaes em geral... E estes ou o imitam, ou despenham do aureo cume luminoso ou se fazem sublimes como o sublime atormentado de Florença...

Ia eu meditando nestas coisas, quando da rua Defensa me dirigi para a praça Mayo... E meditando e sonhando penetrei nos Jardins que um seculo antes eram talvez o fundo das aguas fluviaes. Sim, a cidade faz a conquista do rio e talvez a civilização futura lance sobre as aguas turvas um immenso Jardim de edificios audaciosos e maravilhosos, os grandes edificios de Argentinopolis... Nesse tempo então, isto que agora contemplamos, a Casa Rosada, a Cathedral, o Banco da Republica Argentina, a praça Mayo... tudo isso será a ruina da antiga Buenos Aires, e a ella virão os forasteiros para desentranhar assumptos de lenda e vestigios de passados esplendores...

Desde o atrio do templo divaguei em presença da vida, das mulheres formosas, do afã commercial e da imprensa que vocifera pelas ruas os delictos de um desvairado e os escandalos que o poeta Lugones provocou no Coliséu, com uma série de conferencias que um sociologo argentino tratará de rebater do alto de uma tribuna onde a voz não se perde nem o entusiasmo se apaga: ou ante o publico universitario. Ouvi-o em Lima: do balcão do hotel Maury dirigia-se aos estudantes de São Marcos e falou-lhes tres vezes de Geogias e do insuperavel mestre que foi José Henrique Rodó.

Divagando dessa maneira, ingressei no templo pela nave lateral direita; havia uma penumbra propicia ao encantamento, ou, se preferem, á "revêrie". Um escasso jorro de luz grisácea, do ceo hybernal, coava-se através dos vidros polychromos; uma lampada mortiça e perdida na immensidade das penumbras illumina a capella arruinada do Santo Sacramento; odor de incenso queimado e de cera fundida espalha-se pelo ambiente, e os aromas de muitos seculos saturam a atmosphaera pesada e silenciosa. Os fieis não eram gente da minha epoca nem vestiam segundo o costume do meu tempo confuso, contradictorio e tumultuoso; falavam um jargão incomprehensivel, uma mescla de linguas já mortas: de italiano de terracalentano, de portuguez e de catalão... Assistiam á festa do Santo S. Martin, em maio.

Fui seguindo sempre pela nave direita e contemplei tres capellas arruinadas onde apenas se podiam descobrir alguns frescos de antigas imagens extaticas e cobertas pelo pó negro dos annos e da gazolina de Argentinopolis: estavam desertas e em seus altares não se consuma mais o santo sacrificio. A quarta capella tambem está desconjunctada, mas muito visitada pelos fieis: ha em torro della uma lenda, e segundo a informação de um ancião, alli estão depositados os restos já irreconheciveis do maior entre os filhos da antiga Argentinopolis. O velho narrador parece um veterano da guarda; seu aspecto é de granadeiro e proclama com empafia que seus avós o foram tambem, não nos campos da batalha, mas naquella capella onde se veneram os restos do Sarto S. Martinho. De tanto remoer a historia tomada do livro quasi apologetico do biographo Mitre, o veterano granadeiro recita-a como se fosse um discurso, embora este discurso, escripto originariamente em castelhano, nos pareça em jargão piedosamente blasphematorio. O velho neto dos granadeiros, ou que apparenta sel-o, que agora faz a guarda na antiga cathedral de Buenos Aires, chama a attenção para a cúpula: é um crystal apenas translucido; em epocas que já lá vão fora provavelmente a representação do Sol do Perú. Depois, com o auxilio de uma vela, nos ajuda a decifrar as palavras de uma legenda já apagada de um marmore mural: diz assim: "José de San Martin — guerreiro da Independencia Argentina — libertador do Chile e do Perú — Nasceu em 25 de Fevereiro de 1778, em Yaperú — Morreu em 17 de Agosto de 1850, em Boulogne-sur-Mer — Aqui jaz".

No centro houve sem duvida um monumento; era sumptuoso e em outros tempos ahi se teria rendido culto quasi idolatrico ao personagem, heroi, santo e conquistador. Ainda permanecem de pé tres figuras symbolicas: a do meio deve sêr a antiga Republica Argentina; a da esquerda parece haver representado a velha nação chilena, e a da direita corresponderia ao Perú. Nos muros lateraes ficam os sitios onde existiram placas, em que, conforme a informação do granadeiro, estavam inscriptos os nomes de: Lima e Maypú as da direita: Chacabuco e S. Lourenço, as da esquerda. Entre as primeiras apenas se poderia adivinhar o busto, já desconhecido, de um general Las Heras; em frente ao busto, entre as placas apagadas de S. Lourenço e Chacaluco, outro busto, a effigie de um general Guido, segundo o veterano...

Perambulei por alli; a capella é um escombro sagrado; toquei com veneração os rostos das tres mulheres erectas, e observei que no marmore, nas orbitas oculares, apenas ficava a muda interrogação do tempo que nem ao marmore respeita; eram estatuas cegas, e, como a victoria de Samotracia parecem o enigma que interroga e perquire... De novo marchei pela nave solitaria e humida; sobre as cornijas de pedra das columnas, que ainda resistem ao peso dos seculos, as pombas construíram um lar

amoroso de arrulhos e de filhotes... O meu amigo o guardião me acompanha, e á medida que andamos me adverte:

— Aquelles quatro nomes da capella de Santo S. Martinho são os titulos dos seus principaes milagres.

O granadeiro conta-me a historia dos milagres e custa-me um grande trabalho comprehendel-o. Santo S. Martinho era um soldado; nasceu num povoado de nome Yapeyú e morreu na antiga Belgica. Foi santo e martyr. Em seculos passados aqui se lhe rendia culto ardente, e embora não fosse permittida a veneração, já se iniciava o culto com um instinctivo signal da cruz, que todas as matronas faziam ao defrontar a capella. Meus antepassados, os granadeiros, montavam guarda ao pé do granito, e nunca se descobriram para penetrar no santuario; por aqui desfilaram todos os filhos de Argentinopolis, ou antiga Buenos Aires, e vieram rogar ao santo martyr de Yapeyú para interceder em suas necessidades. Agora tudo é ruína e o que ficou sómente do antigo esplendor do culto, foi a fé no poder do milagre, e a recordação de que houve um tempo, lá para o seculo XIX, em que Deus provinha as necessidades da nossa America. Da soberba dos nossos antepassados ficou-nos a certeza de que Santo S. Martinho é o advogado da gente que transita pelas alturas nevadas, nos Andes trahidores. Porque, desde o memoravel passo da Cordilheira, que o heróe e santo iniciou ou preparou numa aldeia que já não existe e que nossos antepassados chamaram Huspallata, desde um milagre que assombrou a população da epoca, descobriu-se que a partir de 1850, Santo S. Martinho protege do céu a todos que imploram daquellas alturas desoladas e mortas. Ha uma lenda segurada a qual os nossos antepassados, que viveram nas partes mais remotas do pampa, viram durante as noites claras e coalhadas de estrellas, como se do lado dos Andes de Huspallata se desprendesse uma luz do Jardim sideral, e á medida que ia descendo, viram elles, no rasto luminoso, uma phalange de homens que marchavam pelos desfileiros andinos, com Santo S. Martinho á frente "numa mula ajaezada á chilena, com estribos de páo, vestido com uma jaqueta guarnecida de pelles e envolto em seu capote campesino de debrum encarnado e abotoadura de ouro."

* * *

Tornado do meu espanto, achei-me na cathedral de Buenos Aires. Eu vivera meio minuto no seio de um futuro remotissimo e quando regresssei da minha longa viagem, dei conta que na capella do general San Martin os guardas parolavam á meia voz e uns escolares visitavam com grande recolhimento a tumba do heróe. Pareceu-me que um pequerote fazia o signal da cruz quando sahia da capella, uma matrona commentava os rasgos rudes de Las Heras e um bom papá explicava aos seus tres filhos a razão daquelle monumento bello e severo...

De volta á praça Mayo, quebrei á direita e misturei-me ao mundo disparelho da rua Florida. Na passagem Güemes, o mundo tinha uma mascara e sorriso; em Reconquista, na loja de um belchior, offereciam-se livros de amor, de dor e de atheismo; Jesus surgia da humanidade e estava dissolvendo-se em muitas paginas o essencial em sua vida atormentada: a divindade. Emquanto o homem, sem mescla historica de attributos sobrenaturaes quer elevar nossa pobre condição a cimos inacessiveis, as patrias creem os heróes e o tempo lhes presta um esplendor que vae muito além da minguada natureza humana: descem os deuses emquanto os homens se elevam aos cimos de onde os deuses nos viam e se riam...

(Trad. da Redacção).

DIEGO CARBONELL.



O DIREITO DO VOTO

(CONCLUSÃO)

VII

OS PARTIDOS MUNICIPAES DO COMMERCIO

Partidos e não partido, porque se trata de aggremações locais autonomas e independentes... Os partidos municipaes em cada localidade, mas constituídos pelas classes conservadoras, hoje escravizadas a mandonetes do clan partidario. Cada municipio com o seu partido commercial livre, sem nenhuma ligação com os que da politica fazem meio de vida... Nada de ligas de partido: mande cada qual na propria casa. Um só partido municipal abrangendo varios municipios traria ao seu seio a luta dos bairrismos. Logo: partidos e não partido. Os partidos municipaes darão o direito de fala a cada municipio, interpretando-se a si mesmo; e nenhuma voz mais autorizada do que a do seu commercio, inclusive industrias. As cidades pertencem ao commercio, e os municipios aos fazendeiros; e nada mais logico por conseguinte do que a fundação desse orgam de defesa dos interesses da lavoura e da ordem administrativa, local. Fabricas, commercio e palacetes se aggreham nas cidades; e dahi o imperativo do commercio localizado chamar a si a criação do partido defensor de suas sedes.

E' claro que não nos referimos ao commercio aturcaldado ou dejecticio, que enfeziza os campos e empresta ás pequenas cidades esse aspecto burlesco de feira... mas ao commercio legitimo e conservador, o commercio — moralidade, com tradições e praxes antigas, e a quem deve a cidade o seu progresso e embellesamento. E' esse commercio, organisador da producção e propulsor do consumo, tendo por lemma a seriedade, o crédito e o progresso social, que desejamos ver desfraldando, em cada localidade, a bandeira das liberdades politicas de nossos municipios. Cada cidade tem seu indice de vitalidade no commercio: digi-me do seu com-

mercio que, dizer-vos-ei de sua importancia e futuro. Pois bem; quando as populações commerciaes são confortaveis, não mandam os fazendeiros fazer palacetes, na propriedade rural nem vão residir em cidades longinquas... Notam-se aïem disso que os asylos, creches, albergues e outras obras de caridade e assistencia, da exclusiva competencia das municipalidades são ahi fundadas e mantidas por philanthropos e pelo commercio. Trata-se de uma festa, uma Kermesse, uma exposição, de embellesar as ruas e vitrines, de auxiliar um infeliz ou concorrer num caso de calamidade publica? — E' o commercio que responde, é o que constrói, é o alliado de sempre, é o guarda das utilidades individuaes. Pois que se assenhoreie elle dos poderes municipaes — elle o mais interessado no progresso da cidade para incremento de seus negocios e valorisação de suas propriedades.

A cidade tem tambem seu direito: progredir. E' para ella um ludibrio o governo que não fomenta as empresas de utilidade geral: fabricas, collegios, grandes hotéis, theatros modelos e outros que entendam com o bem estar colectivo e com o progresso educacional. Em taes casos cabe antes o premio, a subvenção e não o pesado imposto...

Quadruplique, centuplique as taxas para essas casas de ociosidade que são o pequeno commercio nas grandes cidades, funde colonias correccionaes, multiplique a policia de costumes e hão de sobrar as fontes de receita para bibliothecas publicas, postos vaccinicos, escolas de artes e officios, estadios para esportes, parques para escolas e festas publicas, piscinas populares, asylos para invalidos, etc., etc. Os municipios no Brasil, na sua quasi totalidade, não são administrados por industrialistas ou commerciantes — homens de ideias e versados na fecundação do capital. Estes os ha em abundancia, felizmente. Mas para pol-os em evidencia cumpre aos elementos de valor nas localidades fundar provisoriamente nas sedes das respectivas Associações Commercias — o grande Partido Municipal do Commercio e tomar conta de suas edilidades. Não precisa de ser um partido de combate, apenas de coordenação e se bata:

- 1.º) pela escripturação mercantil nas Prefeituras;
- 2.º) pela publicação trimestral dos balancetes do exercicio;
- 3.º) pela abolição das dividas activas municipaes;
- 4.º) pela criação da estatistica decennial das rendas;
- 5.º) pela eliminação de dados inuteis nos relatorios.

De facto: o Brasil teve sua independencia politica em 1822 mas somente em 1889 a sua independencia nacional; falta-nos porém — a independencia local, a autonomia effectiva do municipio, que quer a sua auto-administração. Com o direito do voto, e uma severa disciplina judiciaria, não faltarão patrios que por mussulinicos exemplos e reaes serviços ao povo se tornem estadistas ou idolos do paiz.

VIII

O VOTO JURIDICO

No tocante a phenomenos juridicos, mais do que quaesquer outros, as nossas instituições sociaes marcham em desconchavados estadios e tão illogicos que por vezes se chega a duvidar da integridade funcional do espirito da época!

O voto — expressão da vontade colectiva, — em mãos de politicos — mais parece moeda de papel... Desconhecemos por completo a alta significação juridica e social das eleições — essa columna mestra de todos os nossos direitos, bussola nacional de todas as nossas liberdades; mal presentimos a

seu verdadeiro papel de civilisadora das gentes: e descuramos por isso o seu acto solenne, pelo qual o povo confere ao eleito poderes geraes para promover o progresso do paiz, a sua efficaz defesa no exterior e consequente bem estar no interior.

Infelizes dos povos sem eleições: deem-lhes o nome que quizerem, não de ser sempre escravos! O direito eleitoral presuppõe: 1.º) um conjunto de *normas funcçionaes* em um código de Direito Administrativo: 2.º) a *juridicidade* das eleições, isto é, com processo não administrativo, mas judiciario fixado em legislação severa; 3.º) a *gradatividade* dos processos, de modo que os municipes votem nos tres poderes municipaes, estes, em conjunto, votem nos estadoaes e aquelles, da mesma forma, nos federaes; 4.º) a *representação* politica por membros de todas as classes productoras, e, 5.º) a liberdade do voto, que deve ser revestido de seus 5 elementos essenciaes.

Não poderá portanto objectivar-se o mandato popular senão com eleição livre, voto juridico, processo gradativo, representação de classes productoras, apuração de metade e mais um, minimo do recenseamento eleitoral e reconhecimento e posse isentos da menor nullidade ou suspeita. Outro requisito, e este não essencial, é o compromisso do candidato expresso em manifesto ou programma, porque não podemos constituir um mandatario sem lhe conhecer as qualidades e aptidões. Para mais completa juridicidade do voto é indispensavel que elle corra pelo poder judiciario, sem nenhuma intervenção do Legislativo ou Executivo — partes nelle interessadissimas... Assim vejamos os elementos que o devem revestir.

1.º) *O voto deve ser indirecto*: porque a falta de instrucção sufficiente, e as distancias do territorio não permitem que o votante livre e conscientemente se manifeste acerca de candidatos em zonas afastadissimas. O suffragio eleitoral, nada tem de universal; é regional e tem de ser entre eleitores do mesmo municipio e para candidatos de seu possivel conhecimento. Exercido na mesma e para a mesma localidade — é que o suffragio poderá ser fiel á consciencia dos votantes e aos fins do direito. Isto para que da consciencia popular sommada se possa extrahir a resultante da vontade nacional, expressa em cada municipio — esses membros de locomoção do progresso no paiz. E' tão absurdo o suffragio universal como o direito de voto á mulher... Para maior relevo da autonomia municipal eleitos devem ser a um tempo, a Prefeitura, a Camara e a Judicatura Districtal de Paz. Ahi terminam, por assim dizer, as eleições populares; por que os outros poderes estadoaes e federaes deverão ser eleitos por aquelles prepostos do povo, em processo indirecto e gradativo. Em sessão conjuncta, Camará, Prefeito e Vice-Prefeito e os Juizes de paz dos districtos elegerão os Deputados (que só serão estadoaes) o Presidente e Vice-Presidente do Estado. Eleitos e empossados est'outros, na capital do Estado, por sua vez votarão, em conselho, nos Senadores (que só serão os federaes) no Presidente e Vice-Presidente, mandando seus votos em officio apropriado.

Dest'arte ficará exercido o direito eleitoral, por instancias, exactamente como se exerce todo direito: effectiva-se nas comarcas, retifica-se nos tribunaes de justiça e se confirma no Supremo Federal.

2.º) *O voto deve ser qualificado* porque, assim como as distancias e a difficuldade de escolher no interior só admittem o voto indirecto, assim tambem a qualidade juridica do eleitor deve influir na sua capacidade: os meios, a educação e as responsabilidades sociaes varando entre as classes, devem impedir que doutores e analphabetos, fazendeiros e camaradas, pobres e millionarios exerçam em conjunto um direito, em si mesmo, de tanta gravidade. Eguaes são todos perante a lei, sim, mas quando equipollentes os seus direitos de escolha e de sabedoria. Todos são eguaes perante a lei, mas não perante a sociedade; visto como essa egualdade implica egualdade

de poderes ou egualdade de direitos adquiridos. Todos são eguaes perante a lei, quando egualmente a respeitam e quando eguaes são as suas responsabilidades sociaes. A esphera dos direitos adquiridos dilata-se ou se restringe, segundo a importancia social do titular respectivo. Na politica, os individuos não são eguaes perante as multidões; e socialmente também não porque, a educação, as relações e a origem fazem que os homens vivam por camadas sociaes differentes.

Quem não paga impostos, não tem rendas nem estavel o domicilio, quem funcionalmente depende do governo ou de corporação a que deva obediencia volitiva — não pode ser direito do voto; e, sim aquelle que reunir os requisitos para a sua capacidade juridica de eleitor: a) não ser funcionario publico; b) ter propriedade ou rendas.

3.º) *O voto deve ser obrigatorio*: porque a apuração eleitoral exprime um direito resultado de um numero; este direito parlamentar é basico, importantissimo, e não pode integrar-se senão além de um minimo admissivel, isto é, metade mais um de toda a população de eleitores inscriptos. Quanto mais selecta e generalizada a funcção do voto juridico — mais crystalina se emerge a sancção popular e efficiente se mostra esse direito primacial. Votar quem quer ou quantos quizerem, e além disso sem fixação de um minimo de suffragios a apurar — o mesmo é que nada eleger ou nada votar, porque votar qualquer, quem quizer ou não votar ninguem tudo importa no mesmo: é burla da lei. Em não sendo qualificado o voto, a sua apuração contraria o preceito arithmetico que manda sommar somente quantidades homogeneas; e mais ainda fere o principio logico de que desiguaes titulares de direito correspondem desiguaes responsabilidades sociaes e obrigações do "noblesse oblige".

Modernamente já não é mais o voto o que dantes se imaginava um direito individual, a que por commodismo se podia renunciar, — mas, ao contrario, um dever imperioso, um onus publico, uma funcção social do cidadão, a que jamais poderá fugir, sob pena de trahir o bem estar colectivo, negando á nação a cousa unica que ella nos impõe, *uti singulus*, — a escolha de seu governante! O que direitos gosa obrigações contrai: assim a obrigação social de ser jurado, tutor, testemunha, reservista, etc. E por que não a de ser votante, salvo impedimento legal? — Dessa nossa inacção criminosa resultam os politicidas da nação e o aleijão quistoso de maiorias ficticias de minorias votantes dominando em contraposição ás maiorias reaes, da população eleitoral. E que significa a abstenção longa, reiterada, permanente? — Protesto e protesto justo, impugnação de pleito, que tacitamente annulla o processo, de uma eleição sem validade juridica. Nas eleições simuladas as maiorias numericas, arbitrarías das minorias concurrentes, subornadas, se arvoram em maiorias geraes dominantes para que o voto não faça desaparecer o proprio voto não juridico.

4.º) *O voto deve ser secreto*: porque declaração de consciencia ou livre direito de escolha carece da garantia da ordem. Ante a furia dos partidos ninguem poderá sem constrangimento proferir o veredicto de sua opinião pessoal ou politica: é da essencia mesma do voto, seja no club, no jury, em qualquer parte, o ser intimo, meditado, livre, inviolavel. O voto a descoberto abre campo á venalidade: ao cabalista faz certa a sua presa e ao governo — a sua victima; gera a abstenção ás urnas... O voto facultativo dá-nos as maiorias ficticias, o directo — a mentira do suffragio — o inqualificado, o absurdo de totalisar sommas heterogeneas. E assim os homens de bem se afastam das lutas eleitoraes, não confiante nas suas sentenças; e sobem ao poder homens sem ideias, individuos que passam pela presidencia e ministerios como reles amanuenses de secretaria: sem deixar um serviço

util, um melhoramento, uma modificação siquer, um simples traço ao menos de sua gestão no cargo. E assim vai a nossa enfermisada Republica, em mãos dos antigos conservadores, (contra os quaes lutavam os liberaes da monarchia) e que hoje se disfarçam em conservadores republicanos para empolgar o governo, por que no fundo são os mesmos monarchoides, outr'ora situacionistas conservadores e hoje tambem situacionistas conservadores... de suas posições no governo, os amigos incondicionaes da verba orçamentaria, os parasitas gordos de todos os regimens.

5.º) *O voto deve ter processo judiciario*: porque é a apuração de um direito. Na policia ou pelo actual processo administrativo desaparece o liame dos actos juridicos: não se entrega a capacidade da pessoa juridica do eleitor, nem se tramita o processo dentro da orbita da organização judiciaria, isento de subornos, suspeitas, incompatibilidades ou outras nullidades. E' simples o processo eleitoral: 1.º) dous quartos — um, a sala da votação, em que estão o Presidente e o Secretario da mesa, com a urna completamente vazia, os fiscaes e a lista de authenticidade; outro, quarto secreto, em que estão os nomes dos candidatos, em um livro apropriado á inscripção, seus programmas e cédulas.

O eleitor penetra no primeiro quarto, sosinho, escolhe a cédula, já em forma de envelope e rubricada pela mesa, fecha-a, e entra no 2.º para votar: ahi apresenta o titulo, a carteira de identidade e espera a ordem do presidente para collocar a cédula na urna. 3.º Assigna depois a lista autentica, que será remettida com a urna lacrada á junta apuradora. O titulo e carteira são retidos até ao maximo de dois dias, até depois do embarque das urnas. Não ha actas, apenas a de que compareceram os eleitores, votaram livremente e foi lacrada a urna, na presença dos fiscaes e logo em seguida posta no correio sob registro. Outras cautelas: á porta do quarto secreto fica postada uma praça, de espada desembainhada, para examinar a photographia da carteira de identidade e permittir a entrada do votante; e ao exhibir ao Presidente seus documentos deve o eleitor dizer em voz alta seu numero e nome para que o Secretario os verifique na lista de authenticidade; e só depois da palavra "prompto" do mesmo, poderá o Presidente dar o seu signal de assentimento. A apuração dos votos municipaes será somente feita perante o Juiz de Direito da comarca respectiva, com recurso para instancia superior; e a dos votos estaduaes e federaes perante ou ao Tribunal de Justiça ou ao Supremo Tribunal. Neste ultimo nomear-se-á uma Camara Eleitoral annual, para os casos de appellação do mesmo Tribunal.

IX

A RELIGIÃO DO NACIONALISMO

Não é disparate: muito se assemelham aos ritos religiosos as nossas cerimoniaes e etiquetas da vida social, sejam cumprimentos bizarros, recepções solennes, casamentos ou juramentos á bandeira. As festas nacionaes assumem aos nossos olhos as proporções de um culto. E' justo; o pagé da tribu, dantes o rei sacerdote e guerreiro, synthetisou-se hoje na figura sacerdotal do Presidente.

Antes do canhão guardando a fronteira, fazia-se mister o culto do Deus penates dilatando a ideia de casa (phratia) e seus limites á de dominio ás fronteiras territoriaes — essa ideia embryonaria de propriedade, originada na posse material, o *jus possidetis* dos romanos. Patriotismo tornou-se a custodia da posse territorial. Hoje porém nacionalismo é liberalidade, expansão, consciencia de vitalidade: é o patriotismo á moderna, o direito internacional

protegendo os individuos dentro e fora de sua nação. Não tardará muito que a Liga das Nações, com um policiamento militar internacional e efficaz e seu sonhado Tribunal Universal de Arbitramento — ha de fazer cessar de fronteira a fronteira o erupcionar dos canhões.

Pois em realidade não ha patrias — ha raças, não ha Estados — ha nações, que vivem e se desenvolvem sem preocupações nenhuma de limites nacionaes. As raças superiores se attrahem e se fundem na razão de seu progresso. Para nós Portugal começa nas montanhas do Douro e lá termina o Brasil, apesar do Atlantico pelo meio. Dos confins da Hespanha ás fronteiras do Mexico se estende um só povo. Celtiberos e tartaros, slavos e anglo-saxões ou teuto-germanicos vivem e prosperam, sempre indifferentes aos mil limites politicos que os Estados estabelecem. Sommam-se e dividem-se, mas os principios sociologicos das nacionalidades os multiplicam ou subtrahem! Os judeus, apesar de sem patria, ameaçam dominar o mundo! E' que naturaes são os Estados-nacionaes, fundidos por affinidades de todo genero, tendencias, similitudes gloticas, communhão de interesses, etc. e não os Estados-politicos, oriundos de guerras, esbulhos internacionaes ou outros meios illicitos de apropriação territorial. E' tão utopico o ideal de humanidade actualmente como o de patriotismo fronteirista visando linhas imaginarias... Quasi sempre a desnacionalisação está nos grandes preparativos bellicos! O patriotismo verdadeiro ou nacionalismo elevado á mais alta potencia não se manifesta em espectacularidades, mas no logico bom senso de manter integro o sentimento de raça; não desprestigiar tudo que é estrangeiro, antes escolher tudo o que ha de bom no estrangeiro, ampliar o sentimento da raça brasileira a todo o paiz. O escravagista almeja o bem estar egoistico restricto aos seus da clan communal; ao contrario o nacionalista que deseja a evolução da raça no contubernio das nações superiores, o bem commum da humanidade similar, do mesmo nosso feitio moral e com as mesmas aspirações de progresso. Esse é o intuito da moderna politica internacional, em tudo opposta ao culto fetichista das fronteiras territoriaes.

A nação é grande e respeitada, até onde chegar a sua fama, o seu bom nome, a sua capacidade productiva, a gloria de sua terra e a cultura de sua gente! Ahi nessas regiões distantes, no planeta civilisado é que devemos plantar os marcos do nosso nacionalismo. O Brasil precisa nacionalisar-se, fixar a sua nação no seu territorio: abraçar-se com a Italia e com as populações da Allemanha e da Escandinavia e do Norte da America mas adquirindo a personalidade brasileira pelo partido trabalhista nacional, pela liga nacionalista da instrucção technico-profissional, pela justiça impolluta, e pelas eleições judiarias. O nacionalismo nasce da boa politica, da cultura do povo, do bem estar das populações. E para isso é necessario que as posições funcçionaes do Governo sejam occupadas pelos intellectuaes do trabalho, os pensadores, os industrialistas e commerciantes de renome e outros que por seus talentos, probidade e espirito de iniciativa se tenham revelado aos olhos das multidões. Nossa religião deve ser — trabalho e dever. Nosso culto — amor á raça e ás nações superiores ou da mesma altitude moral nossa.

Srs., tornemo-nos todos brasileiros no Brasil! Sejamos brasileiros todos, não pelo simples accidente de haveremos aqui nascido, eventualmente constituido familia ou adquirido propriedade mas por cultuarmos a religião do nacionalismo, o dever do brasileirismo amando a nossa terra, a nossa gente e o seu futuro que é o de nossos filhos, amando o centro como o norte e como o sul, sem bairrismos nem xenophobia, apenas expulsando os elementos maus de quaesquer procedencias, e abraçando de coração aberto tudo o que util, productivo e progressista. Quem é mais paulista do que Washington Luis ou mais campineiro do que Gumbleton Daunt? Que nos abraçaremos todos — os nacionaes tornando-se patriotas e os estrangeiros

abrasileirando-se, collaborando em nosso progresso e seguindo-nos as normas de honradez e tradições moraes de nossa raça, tão nobre em seus troncos ancestraes de independencia e virtudes, de heroismo e hospitalidade. Para eleva-la, cada vez mais, carece o governo de intensificar a immigração seleccionada e dar combate á parasitaria, expurgar das funcções publicas os elementos indesejaveis, disseminar o ensino e a prophylaxia e sanear os cargos de administração por um systema honesto da formação de partidos livres e pleno exercicio do direito de votar.

Para enaltecel-a, valorisal-a, afim de que todos nós, brasileiros e abrasileirados a ella nos vinculemos, dignificando a nacionalidade e "a patria que nos foi legada para, como diz Frederico Steidel, transmittirmos aos nossos filhos, forte, respeitada e engrandecida".

VILLAR BELMONTE.

Rio.





A SCIENCIA E A LINGUA PORTUGUEZA

A necessidade de conhecer muitas linguas é um dos grandes obstaculos encontrados pelos jovens intelligentes ao se dedicarem ao estudo das sciencias. Ella se torna inilludivel quando o fim tido em vista é a pesquisa de novas verdades e não sómente formar uma cultura scientifica geral, destinada ás applicações. Neste caso ninguem póde dispensar a leitura de trabalhos originaes publicados em livros ou revistas muito especializados. Como essas publicações são feitas em diferentes paizes, não é possivel evitar a multiplicidade das linguas.

Antes da grande guerra já se sentia bem a importancia do problema das linguas para os cultores da sciencia. Mas, nessa época, a questão não se apresentava com o aspecto observado no momento actual nem tinha a gravidade de que hoje ella se reveste. A cultura scientifica se achava sob a direcção immediata de alguns grandes centros situados em um pequeno grupo de paizes europeus. As linguas desses paizes impunham-se com absoluta preponderancia. Assim collocaram-se á frente em um primeiro plano, comquanto de importancia relativa variavel, o allemão, o inglez, o francez e o italiano. Não me consta ter havido algum dia uma convenção expressa estabelecendo essas quatro linguas como as linguas, por assim dizer, officiaes da sciencia. Mas o uso, a tradição, o passado de cultura e o presente de actividade dos paizes onde são faladas, deram-lhes uma posição privilegiada. As revistas scientificas internacionaes publicavam os seus trabalhos indifferentemente em qualquer dellas. Um trabalho só era realmente lançado no mundo scientifico quando em uma dellas redigido. Em rigor, ninguem era obrigado a conhecer os trabalhos escriptos em outras linguas.

Sem duvida, quanto á importancia real como instrumento de cultura, existiam differenças entre essas quatro linguas principaes. Pelo valor e numero dos trabalhos publicados, e pela admiravel organização dada á documentação bibliographica na Allemanha, havia uma tendencia franca para canalisar para as revistas allemãs os trabalhos de muitos outros paizes. Acrescentando a isso, a capacidade e o esforço dos allemães em todos os dominios da sciencia, pode-se comprehender a real supremacia que a lingua allemã tinha tomado.

A um homem de sciencia, com a obrigação de estar ao par do movimento scientifico contemporaneo, impunha-se portanto como tarefa preparatoria

o estudo dessas quatro linguas de modo a ser capaz, senão de escrever, ao menos de lêr e interpretar correctamente os trabalhos nellas escriptos. Comprehende-se facilmente quão dispendioso é esse esforço, tanto mais quanto nem sempre as disposições de espirito e as fórmas de intelligencia adequadas á cultura de certas sciencias são as mais favoraveis ao estudo das linguas. Apesar de todo o interesse do estudo das linguas, em suas origens, em sua classification, em suas transformações progressivas, em suas influencias reciprocas, para o homem de sciencia, ellas são apenas um meio de expressão, um apparelho de comunicação de idéas. Para elle ha todas as vantagens em tornar a estrutura e o manejo desse apparelho cada vez mais simples.

Todas essas verdades são perfeitamente conhecidas; esses factos são familiares aos pesquisadores de todo o mundo.

Entretanto a pesquisa scientifica não permanecia limitada exclusivamente a esse grupo de paizes. Aos poucos, ella se estendeu, assumindo importancia consideravel em paizes de linguas quasi totalmente desconhecidas para a maioria dos scientists. Antes da guerra porém, não se perturbava muito o estado de equilibrio existente. Todos ou quasi todos os resultados de importancia geral, podendo interessar a um circulo mais dilatado de homens de sciencia, não passavam sem uma comunicação feita em uma das linguas consideradas scientificas. Pode-se imaginar, porém, como era precaria a situação dos pesquisadores de certos assumptos, reduzidos a esperar essa comunicação, muitas vezes tardia e não raro incompleta. Durante muito tempo soube-se por exemplo, que o grande physiologista russo Pavlov, á frente de seus numerosos discipulos e collaboradores realisava uma série de pesquisas sobre os phenomenos elementares do systema nervoso. Os primeiros resultados dessas pesquisas já estavam publicados em russo e permaneciam quasi totalmente ignorados do mundo occidental. Só era possivel ter deles uma idéa fragmentaria e incompleta atravez dos resumos e analyses publicados em francez ou allemão de modo disperso e não systematisado.

O que se passava com os trabalhos de Pavlov passa-se frequentemente com a sciencia russa e com a sciencia dos paizes cujas linguas são pouco diffundidas. Para apresentar seus trabalhos em linguas conhecidas muitas vezes esperam seus auctores que seus resultados estejam firmemente estabelecidos. A publicação em sua lingua propria os garante sob o ponto de vista dos direitos de prioridade. Por mais defensavel que seja esse ponto de vista, é innegavel ser elle muito prejudicial ao trabalho colectivo. Os pesquisadores empenhados no mesmo problema ou em problemas connexos ficam por muito tempo privados do concurso das novas idéas e dos novos factos.

Em resumo, pois, a situação em 1914, conquanto muito longe do ideal era, porém, muito toleravel. Quatro linguas a estudar com a permissão tacita de ignorar o que nellas não fosse publicado.

Depois da guerra, a situação não se apresenta nos mesmos termos de simplicidade. Ella não é clara e seria difficil ou mesmo impossivel ter della uma noção precisa. Ainda não se attingio uma phase de equilibrio permittindo uma apreciação de certa estabilidade. O tempo decorrido após a cessação das hostilidades não é sufficiente para que se possa ter uma idéa um tanto geral, menos presa ás minucias e particularidades, ácerca dos movimentos no dominio intellectual, ou o que nos interessa mais de perto, no campo da sciencia (1).

Dois grandes aspectos devem, apesar da obscuridade revestida pela questão, ser postos em maior evidencia: o primeiro é a noção cada vez mais clara e mais generalisada da importancia assumida pela sciencia na vida da humanidade; o segundo é a influencia sobre a cultura scientifica geral do sentimento desenvolvido de nacionalidade.

(1) Sobre o problema das linguas, V. o bello livro de Meillet: — *Les langues dans l'Europe nouvelle*. Paris, Payot et Cie. 1918.

O primeiro aspecto pode parecer até certo ponto em contradição com a crise actualmente atravessada pela sciencia. Ninguem desconhece o periodo de grandes, de immensas difficuldades que passamos. Mas, se procedessemos á analyse rigorosa das causas e origens dessa crise, analyse que excederia dos limites deste estudo, veriamos que ella não provém de um menoscabo ou desprezo propriamente dito pela sciencia. As condições materiaes e moraes dos paizes que sahiram da guerra não são favoraveis ao calmo trabalho dos homens de estudo. Foi incalculavel o numero de jovens pesquisadores sacrificados. O preço da vida deixou os homens de sciencia em uma situação muito apertada. A possibilidade de executar certos trabalhos experimentaes quasi sempre custosos, tornou-se muito reduzida. As condições moraes não são melhores.

Ainda não se dissipou o inevitavel abatimento sobrevindo a tantas privações. As relações entre paizes inimigos não se restabeleceram per completo. As injustiças no discernimento dos meritos ainda persistem em gráo pronunciado. Os grandes problemas sociaes, cuja solução dizem de perto com a propria vida das nações, têm desviado a attenção dos problemas nascidos das necessidades scientificas, considerados, bem ou mal, como menos urgentes. Tudo isso, e não uma propositada indifferença ou uma hostilidade real, justifica a crise.

E' de prever assim, que em breve, esta se attenue. Em alguns paizes todos os esforços são feitos para isso.

Apezar da crise, parece certo entretanto admittir-se em geral o papel da sciencia no progresso material e intellectual das nações. A acção da sciencia no aperfeiçoamento moral, posta em duvida por alguns, é acceita pela observação dos factos durante a guerra, tem por si razões mais apparentes que reaes. Seria quasi impossivel admittir que a sciencia, escola por excellencia de verdade, fosse nociva á moral.

Se a noção da importancia da sciencia alarga-se sempre, e espalha-se pelo mundo levando a muitos paizes, novos ideaes, nem sempre encontra-se uma exacta comprehensão do mundo pelo qual deve ser encarado o problema do desenvolvimento dos estudos scientificos. Para certos paizes novos que podem importar dos velhos centros os competentes para resolverem os problemas scientificos dos quaez depende o seu progresso, parece a alguns ser preferivel lançar mão desse recurso a crear no paiz, desde já, uma classe de homens cuja formação é extremamente difficil. Não se difficultaria o apparecimento de cientistas nacionaes, motivo de orgulho para o paiz; mas seria prematura uma cultura intensiva da sciencia em terreno não preparado para isso.

Por outro lado, a má comprehensão dos fins da sciencia torna, nos paizes novos, muito ardua a vida dos grupos de cientistas, que apezar de tudo proseguem em seus trabalhos. E' para elles necessario um redobrado esforço de vontade para resistir ás ondas periodicas de desanimo, ás oscillações de confiança nelles depositada e á falta de estimulo decorrente da insufficiencia do numero de companheiros do mesmo ideal. A ausencia de uma atmospheria reconfortante produz uma sensação de isolamento muito penosa.

Seja como fôr, existindo mesmo deturpada e mal assimilada a idéa da necessidade de desenvolver a sciencia, é de prever que sejam fundados muitos novos centros de estudo nos mais diversos paizes. Um movimento nesse sentido já vinha sendo notado antes da guerra e tem agora ultimamente sensivelmente se accentuado.

Uma das grandes consequencias politicas da guerra foi a expansão do sentimento de nacionalidade. Todos os paizes e principalmente os pequenos, mais ou menos libertados da oppressão exercida por outras nações, adquiriram a consciencia de sua importancia e aspiram a uma vida autonoma em todas as suas manifestações. A actividade intellectual não podia deixar de

soffrer a influencia de uma tão grande floração de sentimentos, que no fundo é uma affirmação de capacidade.

A vontade de possuir uma cultura propria, uma litteratura que eleve a lingua patria, uma sciencia que satisfaça não só aos appelos prementes da vida pratica como tambem ás solicitações desinteressadas da pura curiosidade intellectual, uma arte que corresponda aos ideaes estheticos da raça, é perfeitamente legitima. Ninguém poderá se oppôr á realização dessa vontade; ao contrario as nações mais adeantadas têm, dentro de certos limites, todo o interesse em estimular o mais possivel esses ideaes. Para as nações que se iniciam nesse caminho, ou pelo menos, cuja cultura até aqui rudimentar, agora desabrocha, existem problemas serios a discutir. A questão da lingua propria em suas relações com a sciencia é um delles.

O desenvolvimento de uma lingua, mesmo fallada por um pequeno grupo de homens, como um verdadeiro objecto de arte, a existencia de uma litteratura propria dessa lingua, são manifestações de uma ordem toda espiritual, muito respeitaveis e merecendo toda animação. O seu estudo scientifico é sempre uma questãc que apaixona. Ha finuras de sentimento peculiares a uma determinada raça, que só podem ser expressas na lingua propria, por ella creada ou pelo menos profundamente transformada, e que pela sua constituição ja é um reflexo da alma collectiva, e das tradições do passado. O apparecimento de um grande escriptor ou de um grande poeta de uma lingua pouco diffundida é por isso saudado e acolhido por todos como um acontecimento artistico de profunda significação. Para os que fallam essa lingua nada mais grato e mais suave. O exemplo classico de Mistral e de alguns contemporaneos seus, dando á lingua provençal o brilho que ella teve por alguns momentos, ahí está.

O relativo isolamento de uma lingua desperta em seus cultores artisticos sentimentos de orgulho e de altiva revolta, e para compensal-a de sua solitude elles a amam com mais ardor. Ella assume para elles todo o valor de um instrumento raro, accessivel só aos raros iniciados. Bilac exprimio todo o complexo de sentimentos que um brasileiro pode ter em relação á sua lingua no seu perfeito soneto "Lingua portugueza":

Ultima flôr do Lacio, inculta e bella,
E's a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lyra singela,
Que tens o trom e o silvo da procella,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho",
E em que Camões chorou, no exilio amargo,
O genio sem ventura e o amor sem brilho!

Mas, deixando de lado essa face da questão e passando para o dominio da sciencia, temos outros elementos a tomar em consideração. A sciencia é segundo uma phrase muito repetida, universal. O conhecimento dos phenomenos naturaes não interessa sómente a um certo grupo de individuos habi-

tando este ou aquelle paiz; em principio deve interessar a todos. Na pratica, entretanto, as coisas se passam de modo muito differente. Cada paiz esforça-se por possuir a sua sciencia propria, nitidamente caracterisada e bem separada da sciencia dos paizes visinhos. Falla-se correctamente da sciencia allemã, da sciencia franceza ou da sciencia americana. Discute-se a superioridade da sciencia de alguns paizes sobre a de outros.

A sciencia tendendo sempre para um mesmo fim não é feita por todos do mesmo modo. Cada individuo traz para os seus trabalhos os caracteres proprios de sua modalidade de espirito. As qualidades e os defeitos de cada raça deixam a sua impressão profundamente gravada. Reconhecem-se por meio de analyses cuidadosas as differenças de mentalidades. Essas differenças são, é claro, mais referentes á forma, ás predilecções, ás tendencias, á orientação geral, mas ellas dão realmente um cunho peculiar que torna em parte legitimas as distincções. Estas se acompanham de comparações quasi sempre parciaes. Alguns espiritos superiores soffrem com essas lutas, inevitaveis quando se cae em um terreno de competições onde medram as rivalidades. A sciencia é feita pelos sabios, e se ella não tem patria estes a têm, como disse Pasteur. Sendo obra humana a sciencia não pode, infelizmente ou felizmente, ficar de todo fóra do alcance das paixões humanas. Inevitavelmente, ella recebe a impressão dos sentimentos de nacionalismo, principalmente nas épocas em que estes se exaltam a ponto de dominar os demais.

O surto de sentimentos despertados pela formação de novas nacionalidades e pelo desenvolvimento rapido de outras já existentes, terá, sem duvida, uma acção directa sobre as coisas de sciencia. E' de esperar que ellas tentem constituir uma sciencia propria, ou desenvolver a sua sciencia exprimindo-a em sua lingua. Se esse facto, em alguns pontos já bem evidente, se accentuar dentro em pouco, as quatro linguas, que eram o instrumento quasi exclusivo da publicação dos trabalhos scientificos, conquanto se mantendo em uma posição de destaque, serão cercadas por numerosas outras. O prejuizo para o desenvolvimento geral da sciencia, o atrazo na diffusão dos conhecimentos, é bastante claro para que seja necessario insistir sobre isso.

Deante dos inconvenientes produzidos pelo estado de coisas esboçado, é necessario reflectir um pouco sobre as medidas a serem tomadas para reduzi-los ao minimo. Seria de lamentar que os homens de sciencia, habituados ao rigor dos methodos de trabalho, podendo prevêr uma certa ordem de acontecimentos, nada fizessem para deter a marcha desses, quando ella ameaça se tornar prejudicial. Os paizes da America latina, novos, apresentando agora um desenvolvimento digno de occupar a attenção geral, manifestando-se de um modo organizado e não pelo apparecimento de personalidades isoladas, estão nos casos de concorrer para a solução do problema discutido neste momento. As duas linguas falladas na America do Sul, o hespanhol e o portuguez, não fazem parte do grupo acceto como instrumento de publicações scientificas. Ellas têm assumido um papel de destaque pelo numero de pessoas que as fallam, pela extensão dos territorios occupados pelos povos que as possuem como lingua propria, e pela importancia do commercio desses povos que se desenvolvem rapidamente.

Ellas possuiram no passado e possuem ainda no presente uma litteratura consideravel. Mas como lingua scientifica a sua importancia é extremamente reduzida. Os americanos do Sul, naturalmente alliados nisso aos paizes europeus em que são falladas essas linguas, procurarão impôl-as ou diffundil-as, publicando seus trabalhos exclusivamente nellas? Não me sentindo com competencia para discutir a questão do hespanhol, limitar-me-hei a analysar mais de perto a do portuguez. Seria de desejar porem, que o caso da lingua hespanhola tambem fosse discutido e meditado sob o mesmo ponto de vista.

O ideal de formar uma litteratura scientifica nacional, escripta em portuguez sempre existiu, consciente ou inconscientemente no Brasil. Em épocas

differentes, claramente expresso em artigos de jornaes ou revistas, ou occulto, mas presidindo á orientação dos espiritos, elle pode ser encontrado como um dos pensamentos constantes de nossos homens de sciencia da segunda metade do seculo passado, e mesmo neste principio de seculo. Como acontece muitas vezes com as aspirações nascidas de sentimentos profundos mas não sufficientemente analysados, a vontade de erigir o portuguez em uma lingua scientifica soffreu durante um certo periodo, em parte prolongado até hoje, uma aberração decorrente de seu exagero. A preocupação da lingua tomou a deanteira a todas as outras. Aos poucos, a propria materia scientifica já se tornava secundaria. A pureza de linguagem era tudo. Como esse purismo não se encontrava nos escriptores contemporaneos, tornava-se preciso procurar os modelos entre os escriptores antigos, isto é, entre os classicos portuguezes. O esforço para adaptar ás necessidades da sciencia moderna as formas antiquadas da lingua só podia dar em resultado, como deu, uma litteratura scientifica esteril, e destinada a uma vida precaria e ephemera.

A analyse desse curioso movimento, cuja intensidade attingio ao maximo entre os cultores das sciencias medicas, já foi por mim esboçada em outro estudo. Por mais estranho que fosse, elle teve suas causas psychologicas, complexas mas assim mesmo susceptiveis de serem desmembradas e postas em evidencia. O conhecimento dessas causas inspira uma certa benevolencia na maneira de julgar-o, e dá uma orientação mais segura para combatel-o em suas ultimas manifestações. Evidentemente o combate deve ser dirigido contra o preciosismo litterario, traduzido pelo emprego constante de archaismo e de formas cahidas em desuso, o que torna a leitura de muitos escriptos brasileiros em extremo difficil, mesmo para nós brasileiros. O trabalho para chegar a escrever em tal estylo é tão absorvente, que sem nenhum exagero posso dizer, existirem ainda bellas intelligencias de todo perdidas e desviadas para esse genero de actividade. Mas o ideal de formar uma litteratura scientifica brasileira, escripta em portuguez, purificado dessas deformações que denotam a incerteza dos primeiros passos, deve tambem ser combatido ou merece apoio? Não seria possivel responder a essa questão de um modo uniforme; alguns casos devem ser isoladamente considerados.

Uma das primeiras necessidades da litteratura scientifica é o ensino. No Brasil não existe ainda litteratura organisaada nesse sentido. Ha alguns raros tratados de uma ou outra sciencia. Muitas materias ou mesmo a maioria dellas, ainda não possuem o seu representante brasileiro. Até aqui os estudos de sciencia têm sido feitos com o auxilio de livros estrangeiros. Entre estes têm occupado o primeiro logar os livros francezes. A creação de uma litteratura brasileira destinada ao uso de nossos estabelecimentos de ensino só teria vantagens. Em primeiro logar, ha a tomar em consideração as tendencias de espirito que são peculiares a cada povo. Muitas difficuldades que são encontradas pelo estudante brasileiro na leitura dos livros europeus, provêm dos habitos proprios de raciocinio, das caracteristicas de mentalidade que são differentes, e mesmo da propria organisação dos estudos que é diversa.

O ideal do ensino, impossivel de attingir por emquanto na vida pratica, seria o ensino individual. Dada essa impossibilidade seria muito desejavel que cada professor tivesse o seu livro. Não podendo ainda chegar até ahi, ao menos deve-se aconselhar que cada paiz tenha os seus livros de sciencia.

Ao lado dessas razões puramente pedagogicas, ha ainda outras. Pela constituição do meio, pelas condições particulares de vida, os estudos de algumas sciencias devem se transformar, segundo os paizes. Em alguns ha necessidade de desenvolver certos pontos que podem ser passados por alto em outros. Isso não se dá exclusivamente com certas sciencias que assumem uma importancia total. Em estudos de Mineralogia ou de Geologia, é evidente que a Mineralogia e Geologia do Brasil pela sua importancia para nós adquirem uma posição de relevo. O mesmo se poderá dizer da Pathologia tropical

e mais particularmente da Pathologia brasileira. Mas fóra dessas sciencias, para o estudo das quaes entre nós os livros europeus evidentemente não satisfazem, ha outras em que o mesmo se passa conquanto de modo menos claro. A Physiologia é um exemplo disso. As condições de temperatura differente, as especies animaes, ás vezes diversas entre nós (a nossa rã e as rãs européas não são do mesmo genero), a facilidade com que se obtêm certos elementos difficeis de conseguir na Europa, tudo dá ao estudo dessa sciencia no Brasil um aspecto novo. O ensino e com elle a litteratura forçosamente soffrem a influencia dessas condições. Um livro que ainda não existe, escripto no Brasil sobre essa sciencia, terá que tomal-as em consideração.

A litteratura didactica deve, pois, ser creada e desenvolvida no Brasil. Bem orientada, sem os erros que a desvirtuaram a principio, ella constitue uma tarefa a ser tomada pela actual geração de professores.

Ao lado da litteratura didactica poderia ser collocada a litteratura de vulgarisação tambem praticamente não existente entre nós. As vantagens de compôr uma série de livros que despertem o interesse geral para as coisas scientificas são evidentes. Esse genero de litteratura destina-se a uma certa ordem de leitores. Elle tem sempre um interesse local.

As applicações scientificas a problemas brasileiros formam um terceiro caso em que se aconselha o emprego da lingua portugueza, conquanto em um grão menor que nos dois primeiros casos. Os nossos problemas industriaes, as nossas questões agricolas têm, por vezes, um interesse que parece limitado a nós. E' preciso, entretanto, não esquecer a existencia de outros paizes que em determinados casos apresentam condições semelhantes ás nossas. Os resultados por nós obtidos são susceptiveis de serem applicados a esses paizes. Alem disso, o Brasil tem procurado sempre attrahir os capitaes estrangeiros. E' indispensavel assim que os paizes mais directamente interessados em o nosso desenvolvimento possam conhecer as soluções dadas ás nossas difficuldades ou pelo menos a maneira por que as encaramos. Essas questões que nos interessam em primeiro logar, e precisam ser largamente divulgadas entre nós, o que exige o emprego de nossa propria lingua, merecem, entretanto, uma publicação ao menos resumida, em outras linguas mais conhecidas.

O ultimo ponto a estudar é o da publicação dos trabalhos de sciencia pura. Se os nossos estudos são bem feitos, devem ser publicados de modo a se tornarem conhecidos de todos aquelles que directa ou indirectamente são interessados em questões identicas. Não se obterá tal resultado mantendo as publicações exclusivamente em portuguez. Tão cedo não se poderia esperar dos pesquisadores estrangeiros o conhecimento de nossa lingua. Os trabalhos escriptos em portuguez têm até hoje tido o destino de se conservarem quasi totalmente ignorados. Disso amargamente se queixam os homens de estudo, que confirmam a idéa desanimadora de ser a lingua portugueza *o tumulto do pensamento*. Isso se dá, porem, porque nós os Brasileiros e os Portuguezes não temos um passado de cultura scientifica que pese, dando relevo á nossa lingua. As nossas condições historicas não permittiram ou não facilitaram o desenvolvimento de nossa cultura. Em rigor poder-se-hia dizer pois, ter sido o pensamento portuguez e brasileiro o tumulto da lingua portugueza... Para erguer esta é preciso primeiro crear, ou se quizermos ser menos rigorosos, fazer renascer aquelle.

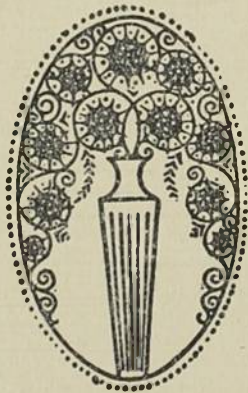
E' provavelmente a esse renascimento que assistimos agora. Para que elle seja conhecido e possa produzir os seus fructos, trazendo para o progresso geral a sua contribuição é indispensavel esquecer todo e qualquer ponto de vista estreito, encarar de frente a questão e tomar o melhor caminho.

Até agora muitas publicações scientificas brasileiras têm procurado resolver essas difficuldades, dando ao lado do texto portuguez, uma traducção franceza, ingleza ou allemã dos trabalhos nellas insertos, ou em certos

casos, publicando nessas linguas, um pequeno resumo das suas principaes conclusões. A melhor solução para o caso, porém, não se nos afigura ser essa. Seria antes preferivel crear um órgão unico que reunisse os principaes trabalhos escriptos em portuguez e esparsos por varias revistas, publicando-os exclusivamente em uma das linguas mais diffundidas. Publicações desse genero já existem para exemplo, prestando os melhores serviços. Ha muitos annos são conhecidos dos biologistas os Archives italiennes de Biologie". Os hollandezes crearam recentemente os "Archives néerlandaises de Physiologie". Alguns outros paizes escolheram o allemão para casos identicos. O Brasil só ou associado a outras nações da America latina, poderia promover uma publicação assim orientada, estendendo-se a todas as sciencias. Esses archivos brasileiros ou sul-americanos de Sciencias seriam escriptos em francez, e dariam a conhecer os principaes trabalhos scientificos feitos no Brasil ou na America Latina. Alem de todas as outras vantagens, um órgão desses teria a de facilitar extremamente as pesquisas bibliographicas. Elle seria um meio de coordenação de publicações esparsas.

Seria de desejar que as questões agitadas neste ensaio, provocassem a manifestação de outras opiniões. A solução dos problemas dessa natureza se tornará tanto mais difficil quanto mais retardada.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.





ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

NUNCA JAMAIS

DIZEM alguns lexicógrafos que *jamaís* é sinónimo de *nunca*, e, conseguintemente, só por ignorância, se podem juntar numa só locução aqueles dois advérbios.

Não é verdade.

Em tempos idos, era frequentíssima em português a combinação *jamaís nunca*; mais tarde inverteram-se os termos daquela locução, dizendo-se *nunca jamaís*, em lugar de *jamaís nunca*, forma que hoje se não usa.

Nunca jamaís é uma negação dupla ou reforçada, conformemente os estudos constantes de nossos últimos *estudinhos*; é locução clássica e moderna, não obstante o parecer do ilustre gramático dr. Maximino de Araújo Maciel, taxando-a de *afetado arcaísmo*.

E, em abono de nossas afirmativas, seguem-se os exemplos:

“Já mays nunca sse quis doer de mi”.

(*Cancioneiro da Vaticana*, 143).

“Vem e entra no meu coração e nele estabelece teu assento imóvel, para que *nunca jamaís* te desampare”. (Manuel Bernardes, *Par. dos Cont.*, 58).

“Elisiário trazia no peito da camisa um botão de coral, objeto de grande espanto e aclamação da parte dos rapazes, que *nunca jamaís* o viram com joias”. (Machado de Assis, *Páginas recolhidas*, p. 38).

“Acreditemo-nos! e que *nunca jamaís* a nossa Universidade volte a ser considerada como inimiga da autoridade...” (Dr. Bernardino Luís Machado Guimarães, *Discurso pronunciado na Universidade de Coimbra*, em 16 de outubro de 1883).

“..... mas peço um juramento
de que *nunca jamaís*, seja qual fôr o apuro,
dirá o que entre nós se houver passado”.

(A. F. de Castilho, *Tartufo*, p. 129).

"... ha um personagem que fala o mais comico e caprichoso italiano que *nunca jamais* se ouviu". (Mario Barreto, *Novos Estudos da Ling. Port.*, p. 322).

"... afirmou que *nunca jamais* provara manjar que lhe tão bem soubesse..." (Id., *Novissimos Estudos da Ling. Port.*, p. 284).

"Dizem as memorias que *nunca jamais* lhe elle vira o rosto..." (Camillo C. Branco, *O olho de vidro*, p. 167).

"A felicidade do coração que me mataste, Dorotea, essa *nunca jamais* a terei". (Id., *Vulcões de lama*, p. 167).

"Emquanto viveu na terra, *nunca jamais* teve um dia de gosto". (Castilho).

"Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra
Ninguém *nunca jamais* não viu as costas,
Dargo a seus golpes succumbiu tremendos".

(Garret, *Flores sem fruto*, p. 64.)

"*Nunca jamais* leu o sr. Figueiredo nos mestres da lingua..." (Heráclito Graça, *Fatos da Linguagem*, p. 123).

"O turco fica fazendo em Constantinopla e Candia os maiores aparatos de guerra, que *nunca jamais* se viram". (Antonio Vieira, *carta 33 do III tomo*).

"*Nunca jamais* naqueles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado". (Frei Luís de Sousa, *Hist. de S. Dom.*, vol. I, p. 59).

"*Nunca jamais* se lhe poderá alterar radicalmente, e por decreto, a feição tradicional..." (Laudelino Freire, *Rev. de Ling. Port.*, tom. V, p. 26).

"*Nunca, nunca jamais*, com verdade o affirmo e juro, menti á confiança do exímio director". (Ernesto Carneiro Ribeiro, *Rev. de Ling. Port.*, vol. IX, p. 6).

"...faz ver que *nunca jamais* topou exemplos abonatorios daquele verbo..." (Jorge Jobim, *Rev. de Ling. Port.*, tom. IV, p. 155).

"... como se vê, para tamanha causa, *nunca jamais*, nem uma só vez, recebi, ou solicitei, do Amazonas uma nota..." (Rui Barbosa, *Cartas Políticas e Literarias*, vol. I, p. 328).

"*Nunca jamais* me tive em tal conta". (Id., *Rev. de Ling. Port.* tom. II, p. 8).

E *nunca jamais* tenhamos receio de empregar a locução erudita e classica *nunca jamais*!...

ANSIA OU ANCIA

Afóra os vocabularios de Gonçalves Viana e Candido de Figueiredo, todos os mais registam o substantivo feminino *ancia*, que significa *angustia*, *afflicção*, *estertor*, etc.

Na companhia de muitos lexicografos, inclusivamente na de João de Deus, Adolfo Coelho, Santos Valente, Roquete, etc., quasi todos os homens de letras, etimologos e ecleticos, pintam *ancia*, grafia que se não justifica e que se vulgarizou por confusão com os substantivos acabados em *ancia*, como *constancia*, *ignorancia*, *substancia*, *infancia*, *circunstancia*, *repugnancia*,

etc., como explicou o emerito romanista lusitano Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna.

As maiores autoridades da contemporanea filologia condenam a grafia *ancia* e defendem a fôrma *ansia*, que é a escrita racional e scientifica.

O substantivo *ansia* deriva-se do latim *anxius* e nesta lingua ha *x* (equivalente a *cs*) em "*anxius, a, um*", "*anxietas, atis*", "*anxio, are*", "*anxiosus*"; nos vocabulos portuguezes *ansiedade, ansiar, ansioso*, etc. houve assimilação do *c* ao *s*.

Escreve o illustre mestre dr. José Leite de Vasconcelos, em suas eruditas *Lições de Filologia Portuguesa*, 1911, p. 370:

"*Anciar*, e palavras da mesma familia, como *anciedade, ancioso, anccio*. Tudo deve escrever-se com *s*, isto é, *ansiar, ansioso*, etc. porque em latim é *anxiosus*, onde *x* vale por *cs*, que se tornaram *s*.

Ensina o sabio romanista Gonçalves Vianna: "E' evidente, pelo que fica advertido, que sou a favor das diferenciações graficas exemplificadas pelos vocabulos citados, entendendo que se devem corrigir as ortografias erroneas que se têm adotado, como *ancia* e seus derivados *ancioso, anciar*, etc., por *ansia, ansioso, ansiar*, etc., que são as escritas corretas, evidenciadas pelas correspondentes formas italianas e castelhanas." (*Ortografia Nacional*, 1904, p. 144.)

Consequentemente, temos *ansia, ansiedade, ansiar*, etc. e não como geralmente se escreve: *ancia, anciedade, anciar*, etc.

REGISTO ou REGISTRO

Ambas são formulas vernaculas.

Santos Valente, em seu *Dicionario Contemporaneo*, indevidamente chamado de *Aulete*, diz que o substantivo *registro* vem do latim *res gestae*; Adolfo Coelho se absteve de lhe precisar a etimologia; Domingos Vieira, Morais e Cortesão ensinam que a sua origem é o baixo latim *registrum*, justificando, assim, a grafia, *registro*; Candido de Figueiredo assegura que a origem do vocabulo *registro* e o latim classico *registum*, onde se não encontrar.

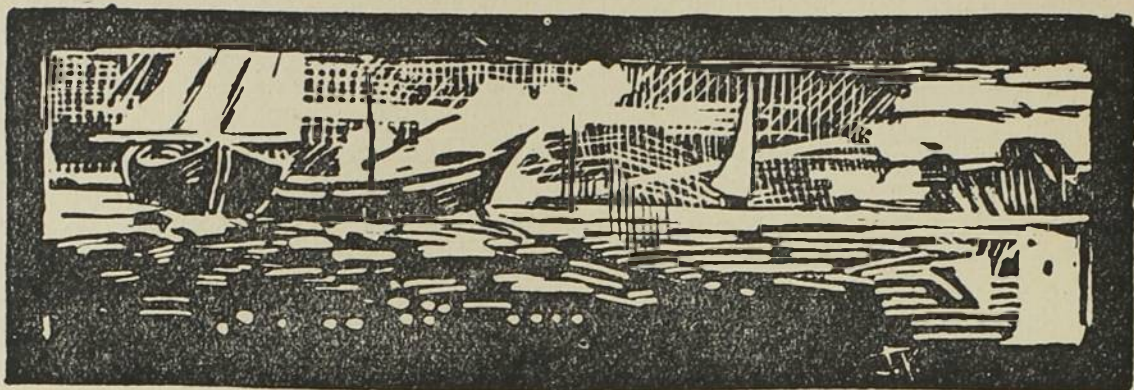
Os classicos escreveram, indiferentemente, *registro* e *registro*.

Ambas são fôrmas escoreitas; entanto, prefiro a grafia *registro*, sem *r*, tendo em consideração o *abrandamento fonetico* e a *lei do menor esforço*.

Igual preferencia fazem os seguintes mestres da portuguesa lingua: Rui Barbosa, Gonçalves Viana, Candido de Figueiredo, Mario Barreto, Castro Lopes, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, João Ribeiro, Julio Moreira, Laudelino Freire, Heraclito Graça, Santos Valente, Ernesto Carneiro Ribeiro, Carlos Gois, Aureliano Pimentel, José Nunes, d. Carolina Micaelis de Vasconcelos, Euclides da Cunha, Rodolfo Dalgado, etc, etc.

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.



SOBRE “COUSAS DO TEMPO”

(DIALOGO DE AMADORES)

M. Delarue e M. Desmaisons são figuras conhecidas. Elles estimaram os prazeres discretos da conversação, entretendo-se longamente a discorrer sobre as cousas quotidianas e a tecer commentarios á margem da vida. Discutiram tambem, que a condição humana lhes impuzera o gosto da contradicção.

Remy de Gourmont annotou-lhes os discursos, em forma deliciosa. Desapparecido, entretanto, prematuramente o autor de “Sixtine” e das “Promenades Littéraires”, M. Delarue e M. Desmaisons entraram subtilmente o reino das sombras, deixando, sem necrologios, o plano objectivo em que os havia movido a mão desencantada do mestre. E ninguem mais lhes ouviu os propositos ironicos ou sentenciosos.

Mas, ha pouco, a actividade dos centros theosophicos, multiplicando-se pelo mundo, veio trazer-nos a esperança de invocar-lhes os espiritos fugaces. Foi assim que pudemos recolher um novo dialogo dos conhecidos “amadores”, travado de certo a um canto discreto dos Campos Elyseos, á sombra de algum loureiro translucido do *au-delà*.

Ouvimos, pois, mais uma vez, a M. Delarue e a M. Desmaisons. Do “outro lado”, porém, e atravez a voz nazalada de um *medium*, veio a delles monotona e dessaborida. Dir-se-ia que, roubados da forma antiga, houvessem os espiritos amigos perdido o encanto, a graça, o imprevisto, a subtileza, a perversidade amavel, tudo, enfim, que nos seduzia nos dialogos que Remy de Gourmont recolhêra outr’ora. Vale, comtudo, reproduzir-lhes o colloquio, por ter como objecto o Sr. Tristão da Cunha. E só por isso.

M. Desmaisons: — Andas desconsolado ainda com o que vês aqui?

M. Delarue: — Sim, talvez... Mas o que se vê de grotesco e aborrecido o homem de hoje nos offerta é a reproducção dos mais enfadonhos que a humanidade tem produzido, desde que appareceu a agitar-se na superficie deste velho planeta.

M. Desmaisons: — Exaggeras, amigo, que em verdade não é a vista tão

feia. Olha que ali e acolá alguma obra de belleza se realiza, neste immenso paiz, e a propria mulher que vem surgindo da fusão das raças que o povoaram se me afigura já uma obra apreciavel.

M. Delarue: — Sim, talvez... Mas o que vê de grotesco e aborrecido basta a desgostar-nos do que possa existir aqui de interessante.

M. Desmaisons: — Ao contrario. O que ha de mau serve a realçar o que ha de bom. Conheces o Sr. Tristão da Cunha?

M. Delarue: — Sei que é um homem encantador, avisado e discreto. Ouvi dizer do seu talento e do seu scepticismo amavel. Mas elle me entristeceu ha pouco, disputando, na Academia, uma cadeira ao Snr. Laudelino Freire.

M. Desmaisons: — E que mal vêes a isto?

M. Delarue: — Muito. Não ha lugar para elle, na illustre companhia. Ali têm assento alguns homens de espirito, que já são considerados intrusos. E' absurdo, pois, pretender accrescer-lhes o numero.

M. Desmaisons: — A vaga é de Ruy Barbosa.

M. Delarue: — Mas o concorrente é grammatico.

M. Desmaisons: — E que importa isso?

M. Delarue: — Ha o perigo da confusão e o de ser o Sr. Tristão da Cunha eleito, que é mais sério.

M. Desmaisons: — Teria oportunidade de falar de seu grande antecessor. Ouviríamos o elogio do mais credulo dos brasileiros pelo mais incredulo. Seria divertido e paradoxal.

M. Delarue: — Correríamos o risco de ver o Sr. Tristão da Cunha recebido com um discurso prolixo de algum solido immortal, que lhe louvaria a correcção da syntaxe. Haveria o perigo de o vermos chamado "sentinella avançada da boa vernaculidade".

M. Desmaisons: — Mas poderia ter a saudal-o alguem que o comprehendesse. Vel-o-íamos, talvez, atravez a impressão de seu amigo Graça Aranha. Que dizes a essa esplendida perspectiva?

M. Delarue: — E' bella demais para realizar-se. Deixa-te de fantasias.

M. Desmaisons: — Estás pessimista, meu amigo.

M. Delarue: — E' uma attitude de defesa.

M. Desmaisons: — Falseia a observação, em paiz como este. Aqui, a visada deve ser innocente, para ser verdadeira: a funcção do critico no Brasil requer certa dose de ingenuidade.

M. Delarue: — Sei de alguns que a não têm, e dos melhores.

M. Desmaisons: — Têm-n'a quando é mister. Ao contrario chegariam forçosamente, em seus estudos, a conclusões sempre desoladoras, que seriam falsas, em verdade. Lêste as "Cousas do Tempo"?

M. Delarue: — Não, que já o vel-as me cança. Aborreço o espectaculo e ainda me queres dar o commentario delle.

M. Desmaisons: — Trata-se de um livro do Sr. T. da Cunha, a quem te referias, vejo-o agora, mal conhecendo-o.

M. Delarue: — E será ingenuo?

M. Desmaisons: — Certo o não é, mas sabe sel-o quando precisa, que o scepticismo do autor deixa-o homem de gosto.

M. Delarue: — Que conta elle, nesse livro?

M. Desmaisons: — O bastante a desfazer a impressão pessimista que colheste do meio brasileiro. Ahi o trabalho do Sr. T. da Cunha se assemelha ao dos antigos faiscadores, que, das torrentes humildes, sabiam escolher as

pedras preciosas entre os cascalhos baços e inúteis. A belleza das gemmas que nos mostra faz-nos esquecer os seixos vãos.

M. Delarue: — Porque, em vez de reeditar pela millionesima vez essa imagem sedicã, não me respondes decentemente á pergunta?

M. Desmaisons: — Sê indulgente e deixa que as sombras aproveitem aquillo mesmo de que os homens se cançaram. Si ellas andassem a procurar imagens novas para o brilho de seus discursos sideraes, dentro em breve se queixariam os vivos de mais uma crise.

M. Delarne: — Ai de nós! os vivos governamentos mortos.

M. Desmaisons: — Já o disse outra sombra ao Sr. T. da Cunha: provavelmente a de Augusto Comte.

M. Delarue: — Mas renuncie á imagem, por favor.

M. Desmaisons: — Vou mais longe. Dir-te-ei que foi impropria. No fundo, o Sr. T. da Cunha parece olhar com o mesmo interesse todas as manifestações literarias. E' que todas ellas lhe despertam no espirito a mesma curiosidade, como documento humano. Atravez a Literatura elle vê o Homem e, por traz deste, a Vida, que se não póde attender apenas pelos seus bellos aspectos, mas tal qual se apresenta, isto é, feita de compensações, de cousas bellas e feias. Para o ponto de vista do critico, que é o do philosopho, não ha, com effeito, quantidades desprezíveis.

M. Delarue: — O Sr. Tristão da Cunha é propriamente um critico?

M. Desmaison: — Talvez o não seja. Tem o espirito creador e, com propriedade, já alguém chamou ás suas "Cousas do Tempo" obra de romancista.

M. Delarue: — Pareces acreditar em uma distincção hierarchica entre a critica e os outros generos literarios. Entretanto, foi o Mestre quem o disse, e deves lembrar-te: "E' difficil admittir que Taine haja sido menos creador que seu contemporaneo no tempo Octave Feuillet, ou, si nos quizermos elevar ás culminancias, que Aristoteles tenha sido menos creador que Shakespeare, seu contemporaneo no espaço." Não vejo porque se sentiria o Sr. Tristão da Cunha diminuido ou menos engrandecido por ser considerado um critico.

M. Desmaisons: — Todavia a verdade, digam o que disseram, é que a critica é um genero parasitario, pelo menos quando visa propriamente a literatura. Uma intelligencia verdadeiramente creadora não póde limitar-se a essa função, que lhe cerceia o surto, que a comprime num ambito exíguo e a contém na arrancada para o vôo largo e livre. Por mais engenhoso que seja, si quizer contentar-se com a sua missão, o critico não poderá crear, no verdadeiro sentido da expressão. E' mistér libertar-se, afastar-se da materia que se propoz, para, longe dahi, conseguir realizar obra sua, original. Sem isso, tanto vale renunciar a qualquer pretensão creadora.

M. Delarue: — O Mestre responder-te-ia: "Quem escrever um romance ou uma historia da literatura franceza precisa, para construir a obra, estabelecer entre factos conhecidos relações novas ou que o pareçam. E' mister offerecer-nos motivos novos de comprehender ou novos motivos de sentir: e nos dois casos ha criação." Entre um romancista e um critico a differença consiste em que "um pretende tocar de uma forma nova a nossa sensibilidade e o outro interessar de uma nova forma a nossa intelligencia. Os dois operarios exercem funções distinctas, mas têm o traço commum de estarem condemnados a ser originaes, cada um em sua esphera de acção, ou não ser cousa nenhuma. Elles devem ser, ambos, os dois, creadores de valores, um na ordem da sensibilidade, outro na da intelligencia. Em summa, é preciso tanto genio para chegar alguém a ser um grande romancista quanto para ser um grande critico."

M. Desmaisons: — Essas razões não me convencem ainda. Não vejo

como possa o critico crear, á maneira de um pequeno deus, como o poeta e o romancista. Tirem-lhe os livros e elle estará impotente.

M. Delarue: — E acreditas, acaso, que o romancista e o poeta trabalhem sobre a materia bruta de sua intelligencia e sua sensibilidade?

M. Desmaisons: — Sim, pouco mais ou menos.

M. Delarue: — Qual! Elles valem-se do que aprenderam nos livros e na vida para realizar alguma cousa. Mas citarei alguem, já que principiei, que nessa ordem de idéas expende uma opinião bem penetrante.

M. Desmaisons: — Estou certo de que não é Flaubert, que tinha outro ponto de vista sobre o assumpto.

M. Delarue: — O Sr. Charles Maurras: — "Os poetas realistas e os escriptores parnasianos, diz elle, estimam que é *produzir o trabalhar-se* um soneto sobre o aspecto de um jardim, a côr de uma rua ou a curva de uma collina; que *produz* aquelle que descreve armas, casas, espadas, flôres ou amphoras; o que restitue, uma a uma, as formas e as côres que compõem o mundo. Elles o pensam e chamam a esse trabalho uma creação. Mas extrahir-se a significação de um livro, pintar-se a figura das idéas de um autor, explicar-lhes o seguimento e a geração, isso, a dar-lhes credito, não é senão o resultado de uma actividade inferior, que não pôde ser comparada á sua augusta funcção. Entretanto, os dois trabalhos são identicos, exactamente. Só o assumpto os distingue, em verdade, um do outro. O que os romancistas e os poetas descriptivos realizam com os materiaes fornecidos pelo vasto mundo, ha criticos descriptivos que o realizam tambem, precisamente da mesma forma, com os elementos que lhes offerecem esses pequenos mundos construidos pela mão do homem e collocados nas estantes das bibliothecas."

M. Desmaisons: — Não existem apenas escriptores realistas e poetas parnasianos. Ha os Goethe, os Flaubert da "Tentation", os Chelley, que não se limitam a copiar a realidade.

M. Delarue: — Sim, mas sei tambem de outros criticos, além dos descriptivos. O Sr. Maurras explica-o: "Da mesma forma que a descripção de um livro pôde valer tanto, attendendo-se ao esforço mental que representa e ao effeito esthetico que produz, quanto a descripção de uma campina ou de um palacio, assim tambem a invenção de um character ou a concepção de uma ordem, a imaginação de um typo ou de um genero de belleza podem significar a mesma força e provocar emoção identica, seja tudo isso, embora, feito segundo os livros ou de accordo com a vida exterior."

M. Desmaisons: — E'-me difficil admittil-o.

M. Delarue: — Não percas o raciocinio do Sr. Maurras. "O poeta sente, diz elle, escolhe, reune, ordena e, obedecendo a um rythmo que inventa, fixa, emfim, e exprime o que sentiu e creou. Esses mesmos movimentos, se encontram na critica: ahi tambem é mistér sentir, escolher, aggrupar, ordenar, formar, compôr e, finalmente, escrever."

M. Desmaisons: — Seja como fôr, são cousas distinctas. Um tira de si, o outro, dos livros.

M. Delarue: — O Sr. Maurras refuta-te, argumentando: "Mostrar-me-iam, acaso, o poeta fabricando, sem o auxilio de sua memoria, as flôres, os fructos, as aguas e as estrellas, as imagens, emfim, de que povoou seus poemas? Como ao critico sua materia lhe foi dada. A deste, aliás, parece feita de um grão mais fino. O poeta trabalha sobre o conjuncto das obras da natureza que se vêem, se sentem ou se sonham. O critico apega-se em particular ás obras humanas. O primeiro faz, si se quizer assim, o resumo da substancia do universo. Elle traduz e apresenta-nos, sensiveis em belleza, as partes reaes ou possiveis do mundo. Mas o segundo extrahe uma essencia dessa essencia de belleza."

M. Desmaisons: — Isso é a opinião de um critico.

M. Delarue: — E' uma verdade antiga. Foi ainda o autor de "Anthinéa" quem nos mostrou, nos dialogos de Socrates, a reproducção do debate a tal respeito. Já em Athenas, com effeito, os criticos (que se chamavam então rhapsodos) hesitavam e duvidavam, como os actuaes, da importancia de sua função literaria. E, nos dialogos referidos, vê-se o rhapsodo Ion, respondendo a uma habil pergunta do Mestre, dizer: — "Parece-me que os poetas são, por um favor divino, os interpretes dos deuses junto de nós" — "E vós, rhapsodos, interroga Socrates, não sois os interpretes dos poetas?" E o velho philosopho accrescenta que essa segunda interpretação, com a primeira, não poderia nascer sem um auxilio divino. O rhapsodo é um homem inspirado como o poeta; e o proprio Ion, que recita e explica Homero, Ion está possuido de Homero como este era possuido do céu, da terra e de tudo que vê o sol. E' um "homem divino", que seria maior que Homero, como a obra deste avulta sobre as forças da vida, si os deuses houvessem concedido ao rhapsodo um genio á altura da sublime missão que recebeu delles. — Eis a verdade, meu amigo: não ha hierarchias de generos literarios, mas de intelligencias. Voltemos ao ponto de partida.

M. Desmaisons: — Melhor será voltarmos ao Sr. Tristão da Cunha e ás suas idéas. Estás derramado e pedante.

M. Delarue: — Poderia estar conciso e vulgar.

M. Desmaisons: — Seria preferivel. Pelo menos, ter-me-ias deixado dar-te uma idéa dessas "Cousas do Tempo", que não conheces ainda. E vale conhecê-las.

M. Delarue: — Que reflexões terão ellas suggerido ao Sr. Tristão da Cunha? As mais tristes, de certo. As cousas deste tempo são feias por toda parte e aqui sobretudo. Estou convencido de que a obra honesta da critica no Brasil ha de ser forçosamente demolidora. As instituições importadas e inadaptaveis, os costumes politicos e a policia de costumes, as finanças e a agricultura, a Constituição e a architectura urbana, o programma das festas e o do ensino, a literatura e a pecuaria, os homens e os morros: é preciso demolir tudo. Depois ver-se-á como reconstruir.

M. Desmaisons: — O Sr. Tristão da Cunha não se refere propriamente aos factos deste tempo, mas ás cousas temporaes, o que é differente. Demais, elle está longe de ser o iconoclasta furioso que annuncias. E, si em seu passeio pela floresta literaria, topa, de chofre, a figueira esteril ou o gesto traiçoeiro de um mata-pau, não se detém a apostrophal-os, tanto isso é inutil, mas prefere seguir em busca da meditação, á sombra de uma arvore bôa. E é grato aos encontros penosos do caminho, que dão maior preço aos bons encontros.

M. Delarue: — Estes não serão numerosos.

M. Desmaisons: — Comtudo deram materia a um volume admiravel e foram pretexto excellente para que o Sr. Tristão da Cunha nos confiasse idéas preciosas sobre os assumptos mais variados. Porque elle se confessa ahi, em verdade, e não ha melhor revelador que esse livro das tendencias de seu espirito.

M. Delarue: — Toda critica, no fundo, é uma profissão de fé.

M. Desmaisons: — A deste será de scepticismo, mas de um scepticismo amavel e polido, que lhe permite algumas crenças. Crê na belleza, pelo menos. Por isso mesmo não é aspero, nunca tendo havido nelle "a duvida amarga, affirmativa, do homem que tem zanga á vida", segundo a sua expressão. Elle cuidou de viver, antes de philosophar. Sentiu a belleza das cousas, antes de attender-lhe ao "espectro intimo". E, certo, foi o arrepio voluptuoso que a belleza lhe deu o que o conduziu a inquerir a significação dos

phenomenos. Sainte-Beuve já o disse: mais vale, como Salomão e como Epicuro, penetrar a philosophia pelo prazer, que alcançal-a penosamente pela logica, como Hegel e Fichte.

M. Delarue: — Talvez seja esse tambem o melhor processo para fazer-se a "genealogia da moral", como a concebeu Nietzsche. Admittindo-se que o bem tenha sido a principio apenas o que favorece á sensibilidade, e o mal, que produz uma sensação desagradavel, é claro que quem viveu e exercitou os sentidos, na accepção superior do Sr. Tristão da Cunha, estará melhor habilitado que um professor de philosophia a redigir a historia do bem e do mal.

M. Desmaisons: — Perfeitamente. E creio mesmo não desagradaria ao Sr. Tristão da Cunha o epitheto de *moralista*, na significação que emprestavam a esse termo no seculo XVII e que tanto lhe apraz reviver. Elle é, com effeito, por excellencia, um observador curioso dos homens, e esse modo de ser transparece bem nitido em sua critica. Por isso a sentimos tão exacta e percuciente.

M. Delarue: — Distingue-se da tua, portanto, meu caro amigo. Falas, realmente, ha uma eternidade do Sr. Tristão da Cunha e não me déste ainda idéa precisa das paginas de "Cousas do Tempo". Essas me interessariam, no emtanto, muito mais que os teus commentarios verbosos sobre a personalidade do autor. Conheço-o, de resto, bastante e melhor será fazeres-me conhecer tambem o seu ultimo livro.

M. Desmaisons: — Tua impertinencia não me fará de rogado. Prefiro aproveitall-a para dar-te impressão mais completa de um volume, que foi, talvez, commentado com certa superficialidade, ao apparecer.

M. Delarue: — A pretensão não é pequena.

M. Desmaisons: — Ainda assim, não me negarás que, si "Cousas do Tempo" teve, em verdade, um acolhimento muito sympathico da imprensa e, em geral, muito comprehensivo, resentiram-se, comtudo, as apreciações do livro de alguma inattenção quanto á qualidade rara e á força do pensamento nelle incluso. Entretanto, a esse respeito, quanta materia ha ali, a interessar as intelligencias curiosas!

M. Delarue: — Assim, por exemplo...

M. Desmaisons: — Por todo o livro, adornando-o, como um friso dourado, estende-se o fio do pensamento arguto e raro. Mas é, talvez, nos capitulos escriptos mais recentemente que se encontram as idéas mais profundas e originaes do Sr. Tristão da Cunha, as mais amadurecidas e fortes.

M. Delarue: — Isso é natural, aliás, si foi a vida que o ensinou a pensar.

M. Desmaisons: — As paginas que dedicou a Isadora Duncan e ao Sr. Graça Aranha, escriptas nos ultimos annos, illustram muito bem o que affirmo. Mas não quero dizer que as outras do livro sejam falhas de idéas, pois são todas do Sr. Tristão da Cunha.

M. Delarue: — Que diz elle de Isadora Duncan e da dança?

M. Desmaisons: — O Sr. Tristão da Cunha viu-a bailar no Rio e entende que se não podia sonhar scenario mais propicio que este, para a revelação do "milagre da Dança". Não é apenas a linha graciosa da terra, á orla do oceano, que favorece e dá relevo á eurythmia, mas sobretudo, aqui, diz elle, "a alma collectiva", que ainda "está na phase musical", e póde assim entregar-se completamente á divina embriaguez do rythmo, sem perturbar a emoção que experimenta com as reservas do raciocinio. O Sr. Tristão da Cunha conta-nos episodios memoraveis daquelles dias em que uma cidade inteira era presa do encantamento da dança: a admiração deslumbrada dos artistas e dos profanos, a seducção unanime dos velhos, das mulheres e das creanças.

M. Delarue: — Mas que teria essa dança, que a distinguisse tanto das outras, sobrepondo-a a todos?

M. Desmaisons: — “Harmonia”, diz o Sr. Tristão da Cunha, “o verdadeiro sentido da choréa, a transfusão da musica e da escultura”.

M. Delarue: — Acreditas, realmente, que o nosso publico fosse sensível a isso? A mim parece-me mais justo attribuir o alvoroço provocado no Rio por Isadora Duncan a uma colossal manifestação de *snobismo*. O carioca prefere, no fundo, um bom dansarino de maxixe a quanta Isadora Duncan lhe venha da Europa. E si áquella applaudiu com tanto enthusiasmo, foi apenas por lhe parecer interessante imitar a platéa de Petrogrado. Nada mais.

M. Desmaisons: — Seja como fôr, o certo é que o Sr. Tristão da Cunha lhe apresentou razões admiráveis de applaudil-a. Entende que Isadora Duncan “realiza a divina unidade de linhas entre a figura, o movimento e o som, e attinge a triplice conjuncção de termos já bem raros de encontrar aos dous”.

E explica-o: “A estatua faz-se delirio sem deixar de ser estatua, que não quebra nunca a medida musical das linhas. Formosissima trindade, distincta e una, da forma, do gesto e do som. A escultura torna-se em movimento, que acaba em escultura, desfazendo-se e refazendo-se mutuamente aos nossos olhos, sem hesitações nem falhas, na perfeita reversibilidade do cyclo necessario. Aqui a musica não é um acompanhamento, é a propria atmospheria, o meio vital do artista. Esta faz-se a emanação viva da harmonia. São luminosamente da onda sonora, como Aphrodite da onda marinha.”

M. Delarue: — Ninguem dirá melhor o sentido profundo da Choréa.

M. Desmaisons: — Só, talvez, o proprio Sr. Tristão da Cunha, no admiravel poema em prosa engravado nesse mesmo esplendido capitulo, e escripto no francez mais puro. Esse, porém, não pôde ser citado em fragmentos, que o desfigurariam. E’ mistér lel-o inteiro. Mas quero repetir ainda a lição que elle tirou da grande dança para os seus compatriotas e onde lhe diz que “dispostos pela natureza para ouvil-a, ella ensinal-os-á a ajustar a civilização á belleza, a separar a arte do artificio, a conhecer o que importa e o que é inutil, segundo o espirito dyonisiaco, e o appollineo, que viverá depois. E termina: “A dança, que é musica e escultura, nos mostrará a passagem da musica á escultura e á architectura. Reaprenderemos o culto do corpo humano, e teremos cidades claras e harmoniosas, dignas da nossa terra e do nosso mar.”

M. Delarue: — A lição não aproveitou, nem parece aproveitará: repara esta avenida. — Falavas, porém, de outro ensaio do Sr. Tristão da Cunha, este sobre o Sr. Graça Aranha.

M. Desmaisons: — Mais exactamente, versa sobre a “Esthetica da Vida”. E’ pretexto, comtudo, para uma analyse completa da personalidade daquelle escriptor e de toda a sua obra, feita com aquella sympathia que A. France acha indispensavel para a perfeita comprehensão dos livros.

M. Delarue: — Esta nem sempre é bastante: dás um exemplo disto.

M. Desmaisons: — O assumpto offereceu ao Sr. Tristão da Cunha ensejo para realisar como um exame de consciencia intellectual a que, talvez, não se deixasse levar voluntariamente. Dessa forma, discutindo, por exemplo, a concepção que tem da arte, o Sr. Graça Aranha dá-nos a sua: “A arte, diz elle, é a criação — a fixação ou a evocação das formas fugaces da vida”. Por egual processo, sabemos que attribue o instincto artistico do homem “ao mesmo excesso de vida, a esse derramamento de energia que nos leva a brincar, a dansar e a amar, e que se procura realisar em novas formas de vida”. E conclue: “A arte e o amor são gemeos”.

M. Delarue: — Os termos dessa definição parecem-me largos. O Sr. Tristão da Cunha não precisará mais a sua concepção de arte?

M. Desmaisons: — Não, deliberadamente. Entende que a arte é "a beleza ou uma promessa de beleza", divergindo do Sr. Graça Aranha, que não quer ver confundidas as idéas de uma e de outra. Mas o Sr. Tristão da Cunha distingue a primeira da de moral, que a confusão ali lhe parece molesta. E seduzido pelo assumpto, informa-nos ainda achar legitima a associação das idéas de arte e de harmonia: "Emquanto houver homens, escreve elle, e viver Eros, cujo mandamento é sobrehumano, a geometria anatomica e a eurythmia do mundo equilibrado andarão juntas juntamente com a arte."

M. Delarue: — E' mistér, comtudo, saber-se em que funda o Sr. Tristão da Cunha a sua concepção de harmonia.

M. Desmaisons: — Já o adivinhámos e elle confirma ali que tem "a idéa de harmonia fundada no espirito geometrico da Grecia pela mais justa psychologicamente". E accrescenta, argumentando: "Si a recta euclidiana é um artificio, sua norma logica, segundo todas as apparencias, corresponde á profunda necessidade constructiva do nosso espirito, sujeito sempre aos mil movimentos das curvas. A maravilhosa rectidão da columna grega incluye-se em curvas subtile."

M. Delarue: — Já não te parecerá agora, estreita essa concepção para comprehender como manifestações de arte o "Parsifal" de Wagner ou o "Hamleto" de Shakespeare, tanta cousa, enfim, cujas proporções não caibam em um theorema geometrico?

M. Desmaisons: — Não é tal, pois aquella concepção, o Sr. Tristão da Cunha tem-na apenas "pela mais justa psychologicamente". Mas isso não quer dizer que a adopte como um canon infallivel, á maneira de critica do Sr. Charles Maurras, que dava o anathema de "barbaro" a tudo aquillo que fugisse ás normas inflexiveis da idéa hellenica de beleza. Ao contrario deste, Tristão da Cunha entende que ha beleza em qualquer "realização que nos contenta a sensibilidade, e nos dá um prazer desinteressado na contemplação, ou em qualquer percepção sensual". E cuida mais "que nisso trabalha a arte."

M. Delarue: — Cumpre pensar assim, para analysar com a sympathia necessaria a obra do Sr. Graça Aranha. Esta, effectivamente, corresponde muito mais a um ideal germanico do que á medida artistica dos gregos.

M. Desmaisons: — O certo é que o Sr. Tristão da Cunha admira intensamente aquelle escriptor. Por isso, pôde escrever sobre o artista e a obra o que de mais lucido até hoje se publicou a proposito do Sr. Graça Aranha. Assim, pôde tambem, falando do talento de seu amigo, indisciplinado e robusto, descobrir, para definil-o, a expressão exacta e pittoresca: "Sua inspiração, que tem alguma cousa de vegetal pela força imprevista e livre, lembra a cerrada opulencia da nossa floresta". E, mais adiante, referindo-se ao amor da terra natal, tão sensível e vivo nas paginas da "Esthetica da Vida", acha ainda esta admiravel observação: "Tenho que isso se deve um pouco á distancia, áquelle bemfazejo afastamento sem separação, que é como a gravitação harmonica de um satellite, e substitue todos os accidentes da assiduidade pela saudade milagrosa."

M. Delarue: — Todavia lembro-me que, na "Esthetica da Vida", o Sr. Graça Aranha se referiu á "morte de Renan". Applaudirá tambem a isso o Sr. Tristão da Cunha?

M. Desmaisons: — Certamente não. Pôde consentir que Renan não seja o phylosopho reclamado pelo estado actual da consciencia do mundo. "Nós estamos vivendo dias terrivelmente pragmatistas e affirmativos, escreve elle, e nestes pouco logar podem ter as attitudes intellectuaes como a sua." Mas Renan não passou definitivamente, tal é a significação deste bello pensamento, tão profundo quanto elegante em sua forma lapidaria: "A claridade dos espiritos é uma claridade lunar, cujo cyclo comporta certos prazos de ausencia

e quasi de olvido entre os homens." E' razão para consolar-nos. "Renan deixou de ser da hora presente, opina mais longe, mas as horas mudam."

M. Delarue: — Em verdade, o Sr. Tristão da Cunha trahiria a sua feição intellectual si pensasse de outro modo acerca de Renan. Elle é um artista renaniano. Vê-se tambem que é um estylista castiço. Mas os modos da velha syntaxe lusitana, assim escriptulosamente respeitadas, servirão a exprimir o mundo novo e numeroso das idéas e sentimentos de um artista moderno? Esse apuro constante da linguagem não terminará por ser-lhe prejudicial á flexibilidade da forma?

M. Desmaisons: — Não, certamente, porque o Sr. Tristão da Cunha tem o instincto do idioma que maneja. Evita assim que a pureza do seu estylo lhe seja entrave á expressão formosa e facil do pensamento, como a tantos escriptores seus patricios, excessivamente ciosos da bôa vernaculidade. Elle pensa que "é indispensavel estudar as formas classicas, mas para possuil-as, não para ser possesso dellas." Acha, pois, tão licito crearem-se vocabulos novos, quanto resuscitarem-se os velhos. "Uma palavra esquecida, diz elle, equivale a uma palavra nova. Esta é sempre legitima quando é a voz de uma idéa que nasce, e aquella quando a de uma idéa que não morre".

M. Delarue: — E de Machado de Assis não tratará em seu livro o Sr. Tristão da Cunha?

M. Desmaisons: — Dedica-lhe um pequeno capitulo que é um modelo de grande critica. Analysando a arte amarga do mestre, escreve em "Cousas do Tempo": "E' a serenidade do pensador que se consola da vida. Sceptico, o seu scepticismo ainda o não fizera voltar-se para ella." E adverte, com singular percuciencia: "Faltou-lhe talvez um pouco mais de alegria positiva, de saúde physica, para ter a sensualidade simples de viver, essa animalidade que canta no artista."

M. Delarue: — A observação é exacta; mas, em verdade, si não fosse assim, teria Machado de Assis nos legado a obra profunda que deixou? Neste caso, creio que a molestia, que o isolou e lhe incutiu o proposito pessimista, foi um elemento essencial na formação de seu genio. E haverá, em consciencia, quem, podendo, substituisse por pintura mais optimista os sombrios retratos da galeria machadiana? Haverá razão para preferir-se Fragonnard a Rembrandt?

M. Desmaisons: — Comtudo, em Machado de Assis, incommoda a falta de qualquer cousa como o ar livre, ou um pouco de sol. Isso, porém, não o impede de ser um grande mestre. E o Sr. Tristão da Cunha concorda, aliás, em que elle pertencia á raça dos maximos escriptores, pela força elegante e elastica, por aquella simpleza ao cabo tão complexa das cousas do genio, irmãs das da natureza que faz a agua." A belleza impecavel de sua forma provida, ao ver do autor de "Cousas do Tempo", "duma identificação como subterranea com as fontes psychologicas da expressão".

M. Delarue: — E' no desencantado autor do "Quincas Borba" que nos poderemos consolar da insipidez bastarda da escripta dos brasileiros contemporaneos. Mas não só disso, como do fundo, ou do vasio delles, eu diria melhor, pois ha muito pouco a aproveitar-se da literatura presente deste paiz.

M. Desmaisons: — Entretanto o Sr. Tristão da Cunha apresenta-nos varios escriptores de incontestavel merecimento, entre os seus jovens patricios. E, entre os da geração anterior, em ensaios magistraes de luminosa critica, elle aponta-nos algumas figuras distinctas, como o Sr. Alberto de Oliveira, o Sr. Afranio Peixoto, o Sr. João Ribeiro ou o Sr. Mario de Alencar. De cada um destes, o autor de "Cousas do Tempo" define o genero de intelligencia e o estofo pessoal com visão segura e penetrante. A mais, e esta a parte, indica a figura singular de Catullo Cearense, cujo estro rustico analisa como ninguem o havia feito até hoje, em um dos mais formosos capitulos do vo-

lume. E não te falei dos outros estudos, igualmente notáveis, como os que tratam de Rivarol e Nabuco, todos, enfim, que formam "Cousas do Tempo", essa obra que seria um acontecimento nas letras brasileiras, si acaso se lesse aqui o que importa e o que instrue. Mas vou emprestar-te o livro...

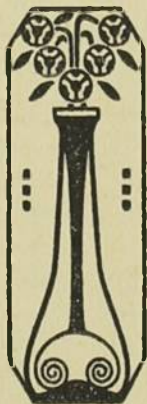
M. Delarue: — Ainda bem. Seria melhor que o tivesses feito desde o principio. Andaste á roda do assumpto e a tua facundia me deixou no vago.

M. Desmaisons: — Nunca se fala com propriedade do que se estima muito.

M. Delarue: — Ha pouco dizias o inverso. Estás contradictorio: pareces-te com os homens.

M. Desmaisons: — Ficaste impertinente: pareces brasileiro.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

HELIO LOBO

Successor de Souza Bandeira, na cadeira n.º 13.
Nasceu em Juiz de Fóra (Estado de Minas Ge-
raes), a 17 de Outubro de 1883.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 *Sabres e togas: a autonomia judicante militar* — 209 pags. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1906.
- 2 *O tribunal arbitral brasileiro-boliviano* — 171 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1911.
- 3 *De Monroe a Rio Branco* — (paginas de diplomacia americana) — 155 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1912.
- 4 *Brasil, terra chara...* — 87 pags. — Imprensa Inglesa — 1913.
- 5 *O Brasil e seus principios de neutralidade* — 140 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1914.
- 6 *Antes da guerra* (A missão Saraiva ou os preliminares do conflicto com o Paraguay) — 260 pags. — Rio, Imprensa Inglesa — 1914.
- 7 *A's portas da guerra* — VII — 270 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1916.
- 8 *Cousas diplomaticas* — 236 pags. — Rio, Leite Ribeiro e Maurillo — 1918.
- 9 *Aos estudantes do Rio da Prata* — conferencias feitas nas Universidades de Montevideo e Buenos Ayres, sobre historia diplomatica e direito internacional no Brasil — 172 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1918.

TEM escripto no *Jornal do Commercio*, *Gazeta Juridica* (S. Paulo): Da unificação do direito penal, Março e Abril de 1905; *Revista Forense* (Bello Horizonte): A criminalidade militar e a escola penal positiva, Abril-Maio de 1906; *Revista Americana*: A defesa da nacionalidade na historia colonial brasileira (conferencia) anno VII, n.º 9, e n.º de Junho de 1918; As relações entre os Estados Unidos e o Brasil — anno VII, ns. 2 e 7; George Canning ou James Monroe? — anno II, n.º 1; A Assembléa do Isthmo — tomo III, fasc. 2; A Assembléa de Buenos Ayres — tomo VI, fasc. 1; Diplomacia Imperial no Rio da Prata — tomo I (2.ª phase) fascs. 1 e 2 e tomo II, fascs. 2-3 e n.º de Março de 1913; Gesto mallogrado — n.º de Outubro de 1916; *Revista do Brasil*: Sós na America (n.º 4); Brasil-Estados Unidos (ns. 17, 18 e 19); A America e a guerra (ns. 36, 39 e 42); *El Diario* e *La Nacion* de Buenos Ayres.

Nada posso indicar como fontes para o estudo critico, a não ser referencias de jornaes e resenhas bibliographicas, como a da Revista do Brasil (n.º 9).

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Helio Lobo pertence á nova geração e é um dos mais jovens membros da Academia. Nasceu na cidade de Juiz de Fôra, a 17 de Outubro de 1883, filho do illustre politico, Dr. Fernando Lobo Leite Pereira, e de D. Maria Barroso Lobo.

Cursou a escola primaria na cidade natal, e recebeu a instrucção secundaria no Collegio Alfredo Gomes, do Rio de Janeiro. Cedo matriculou-se na Faculdade Livre de Direito, do Rio, concluindo o curso aos 21 annos de idade, laureado entre os collegas de turma e por elles escolhido para fazer o discurso no acto da formatura.

Dedicou-se á profissão, nos dous primeiros annos de vida pratica, advogando, em Juiz de Fôra, com seu pae.

São desse periodo os artigos sobre "Unificação do direito penal" e "A criminalidade militar e a escola penal positiva", respectivamente publicados na "*Gazeta Juridica*, de São Paulo e na *Revista Forense*, de Bello Horizonte. E na especialidade de criminalista escreveu o livro de estreia — "Sabres e togas" — estudo sobre direito penal militar.

Nomeado em 1907 auxiliar do arbitro brasileiro, Dr. Ubaldino do Amaral, na questão do Acre, colheu as notas necessarias para o livro publicado em 1911, sobre "o tribunal arbitral brasileiro-boliviano", em o qual expõe a sua organização, nos minimos detalhes, definindo-lhe as attribuições e responsabilidades, desde o inicio até o encerramento dos trabalhos.

Em 1910 recebeu a nomeação de secretario da delegação do Brasil perante a quarta Conferencia Internacional Americana, de Buenos Ayres, quando era terceiro official da Secretaria das Relações Exteriores. Estava traçada a directriz do escriptor que se entregara a estudos de diplomacia e direito internacional e coordenava as notas para a historia diplomatica da America, cujo primeiro ensaio — "De Monroe a Rio Branco" — veio classificar o seu autor entre os historiadores da politica internacional do continente americano.

A esse attestado de sua nova especialidade, seguiu-se a publicação do "Brasil, terra chara..." que, além da conferencia, de igual titulo, proferida na Bibliotheca Nacional, encerra dous artigos publicados no *Jornal do Commercio*. Já era, então, Helio Lobo, primeiro official no Itamaraty e pleiteava a transferencia para o corpo diplomatico, o que se verificou em 1914, quando recebeu a nomeação de addido á legação de Buenos Ayres e, logo após, a de primeiro secretario na de Pariz. Antes, porém, exercera cargos ephemeros: secretario da commissão internacional encarregada de codificar, no Rio de Janeiro, o direito internacional americano (1912) e secretario do ministro Lauro Muller, na viagem que emprehendera aos Estados Unidos da America (1913).

No governo de Wenceslau Braz, foi escolhido como secretario da presidencia e, em 1917, nomeado consul geral em Assumpção e depois em Londres.

Na Conferencia da Paz, representou o Brasil, na qualidade de Secretario Geral da delegação enviada em principios de 1919.

Escreveu ainda "O Brasil e seus principios de neutralidade", trabalho em que examina a attitude do nosso paiz, desde a guerra de 1859, entre a França e Gran Bretanha de um lado e a Russia do outro, até a conflagração européa de 1914.

Proseguindo sempre na mesma derrota, com orientação esclarecida e o entusiasmo decorrente da consciencia de prestar relevante serviço á nação, volve o olhar ao passado e, do exame retrospectivo, concebe o plano de esboçar a historia do conflicto com o Paraguay, traçando o quadro dos antecedentes da guerra, a partir da missão Saraiva. Em "Antes da guerra", o joven historiador brasileiro aprecia a situação interna do Uruguay e do Brasil, desde 1860, define a politica externa do nosso paiz e descreve a agitação nas duas casas do parlamento brasileiro e na imprensa, em virtude de serios prejuizos occasionados a brasileiros pela guerra civil no Uruguay, entre *blancos* e *colorados*. A exasperação de animos determinou a nomeação de um emissario, o deputado Saraiva, com instrucções severas do governo imperial.

O livro de Helio Lobo expõe minuciosamente a acção do nosso enviado extraordinario, até a apresentação do *ultimatum* e a consequente retirada de Saraiva.

"A's portas da guerra", eis o titulo do volume immediato, em que o autor continua a descrever a crise das relações diplomaticas entre o Brasil e a Republica Oriental, provocada pela intervenção do nosso governo, em defesa dos interesses dos nossos compatriotas, e agravada pelas offensas dos uruguayos á nação brasileira.

Esse conflicto, como se sabe, deu origem á guerra com o Paraguay e poz em evidencia o valor dos nossos antigos diplomatas, como Silva Paranhos, desconsiderado pela nossa chancellaria, no incidente do convenio de 20 de Fevereiro, e demittido por deliberação injustificavel do governo imperial.

O historiador é sobrio em suas narrativas, documenta criteriosamente a exposição dos factos e revela o respeito e o escrupulo que devem presidir nesse genero litterario, isento da influencia da imaginação, escoimado de phantasias ou divagações tendentes a exhibir erudição ou demonstrar gosto artistico.

Educado na escola de Tacito, classico de sua preferencia, habituou-se a respeitar a verdade historica e a se apoiar em documentos de authenticidade comprovada. Tem, porisso, o habito de transcrever os trechos em que estriba a sua argumentação, valendo-lhe a multiplicidade de transcripções, entre aspas, de excerpts dos documentos examinados, a critica dos jornaes humoristicos.

Longe de applaudir a irreverencia dos que lhe estigmatizam o procedimento, louvo-lhe o acto de honestidade.

Quando esteve nos Estados Unidos da America, foi convidado a fallar perante as universidades de Colombia (New York) e de Harvard (Boston), sobre as relações entre a nação americana do norte e o Brasil.

Reuniu essas conferencias a dous ensaios sobre direito internacional e historia diplomatica nacionaes, constituindo o livro "Cousas diplomaticas".

Do mesmo modo procedeu com as conferencias proferidas nas universidades de Montevidéo e Buenos Ayres. Reuniu-as em volume, sobre a epigraphe — "Aos estudantes do Rio da Prata".

A obra de Helio Lobo tem por objectivo restabelecer a verdade sobre certos factos adulterados, em relação á diplomacia do imperio, calumniada mais de uma vez, sem elementos de prova. Visa tambem esclarecer os antecedentes da guerra com o Paraguay, bem como demonstrar a acção correcta e proveitosa dos nossos representantes diplomaticos.

Foi o nosso patricio incumbido de escrever sobre a missão Christie, para o congresso de historia do centenario da Independencia, resolvendo, simultaneamente, escrever um volume sobre "A Sociedade das Nações e a Paz de Versalhes".

E' membro do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, Paraná e Pernambuco; membro do Instituto de Direito Comparado de

Bruxellas, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geographia de Lima, da Pan American Society dos Estados Unidos e foi eleito para a cadeira fatidica, o *fauteuil hanté*, em substituição a Souza Bandeira.

Ao lado de Oliveira Lima, seu collega na Academia, de Araujo Jorge, Silvino Amaral e alguns outros escriptores contemporaneos, tem-se dedicado a esse ramo da nossa historia e contribuido para elevar o conceito que merecem alguns dos nossos diplomatas da Republica, sem as preocupações exclusivas da vida mundana, nos artificios do vestuario, nas attitudes estudadas para banquetes e bailes, nas regras estabelecidas para as relações sociaes e nas exigencias de protocollo, com as etiquetas da pragmatica.

E' indispensavel que se dê o maior incremento possivel a essa reacção contra as futilidades da carreira diplomatica, afim de ser o nosso paiz melhor representado no estrangeiro e para que se consiga real proveito da acção dos nossos representantes, na politica exterior do Brasil. Devem ser defendidos os interesses dos brasileiros perante as nações amigas, intensificando-se os verdadeiros principios da politica internacional, não só quanto ás relações amistosas, como principalmente em relação á politica commercial, expansão economica, credito financeiro e renome excellente, sob todos os pontos de vista.

A causa do Brasil e os interesses dos brasileiros, têm sido malbaratados algures, porisso cumpre que tenhamos advogados capazes e devotados, patrones intelligentes e de acção.

Tambem devemos aspirar que os nossos diplomatas trabalhem harmonicamente em prol da paz universal. Helio Lobo, pela sua cultura intellectual e pelas demonstrações eloquentes da justa comprehensão das funcções que lhe competem, está inscripto na pleiade benemerita dos pacifistas, e tem desenvolvido a iniciativa de se conseguir a substituição dos processos bellicosos pelos tribunaes de arbitramento.

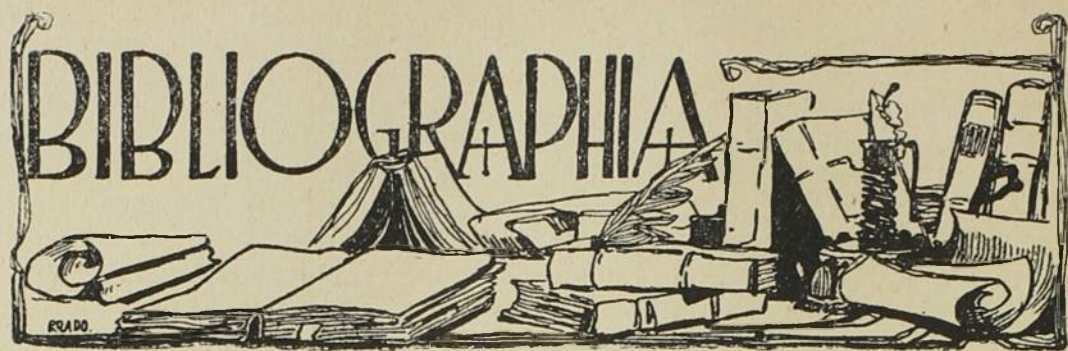
A paz universal, sonhada por philosophos e pensadores modernos, será a metamorphose, com a transmutação de utopia em realidade, segundo a evolução natural do direito.

Summario para um estudo completo

No inicio da vida — Primeira especialidade — "Sabres e togas" — Mudança de carreira — Primeiros estudos da diplomacia brasileira — A politica do Brasil no Prata — Nacionalismo — Novos estudos de diplomacia — O direito internacional — A paz universal — Funcções do diplomata brasileiro.

ARTHUR MOTTA.





TARDE FLORIDA, versos de Belmiro Braga, da Academia Mineira de Letras. — off. Graph. "Luz", Juiz de Fôra, 1923.

Belmiro Braga é um nome popular, conhecido de norte a sul do paiz. Elle poderia, por certo, aproveitar-se dessa popularidade, e, já que tem o seu publico de leitores, produzir mais e dar tudo de quanto o seu bello talento é capaz. Não o faz, porém, preferindo, uma ou outra vez, quando uma oportunidade se lhe offerece, como o anniversario de um amigo, um casamento, uma data feliz, compor uns versos em torno desses assumptos, resvalando sempre para o humorismo. Nesse genero tem composições felicissimas. O poeta é de uma affectuosidade muito delicada, deixando-a transparecer através de todo o livro. Illustremos esta noticia com o soneto intitulado "Retrospecto":

Cincoenta annos já fiz, e não fiz nada
Nestes meus longos cincoenta annos, feitos
De pezares, de angustias, de despeitos,
A bocca sorridente e a alma enlutada.

A estrada do dever foi minha estrada,
Da virtude segui os sãos preceitos,
E nem honras, nem glorias, nem proveitos
Encontro ao fim da asperrima jornada....

Vivi sonhando com manhãs radiosas,
Com bosques verdes, passaros e ninhos,
E deu-me a vida noites tormentosas,

E deu-me campos mortos e maninhos...
Cincoenta annos vivi semeando rosas,
Cincoenta annos vivi colhendo espinhos...

CASTRO ALVES E SEU TEMPO, conferencia de Euclydes da Cunha, no Centro Academico Onze de Agosto, S. Paulo. Edição do "Gremio Euclydes da Cunha".

Ha um gremio, composto de rapazes intellectuaes, destinado a salvar do olvido a obra esparsa desse poderoso escriptor; modesto embora, vae mantendo, com uma dedicação digna de todos os louvores, o seu piedoso e

patricio programma. Quasi toda a correspondencia do creador de "Os ser-tões", sem excluir a de intimidade e affecto, já se acha em poder do Gremio, que a vae reunir em volume para gaudio dos que amaram o grande patricio e lhe prezam a memoria. Essa conferencia sobre Castro Alves e seu tempo é um portento de eloquencia; nella estão esboçadas as qualidades do escriptor, e aqui e alli, num conceito, uma imagem, num pensamento, revelar-se, pela profundidade do sulco, a garra do leão.

O PADRE EUSEBIO, romance realista, segunda edição, por Antonio Celestino. Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

A literatura fescennina é muito acceita a grande numero de leitores de ambos os sexos, que nella mergulham ás escondidas, menos diversão que por interesse de buscar alimento para o proprio instincto. O que não ha são escriptores desse genero; se o genero, entretanto, existe, é porque a elle se dedicam os que, não sendo propriamente homens de letras, pois lhes faltam qualidades para isso, não têm outro objectivo senão forçar o escandalo. D'ahi essa clandestina literatura de pornéo, sem nenhuma voluptuosidade, que repugna pela brutalidade aos mais robustos estomagos. "O padre Eusebio" não pertence a esse genero. Nesse romance não se encontra nenhum vocabulo suspeito, e os episodios de amor são tratados com excessiva delicadeza. Não aconselharemos, por certo, ás moças solteiras que o leiam, porque nelle iriam aprender coisas que não devem saber, mas aconselhamol-o a todos os demais leitores, porque é um romance muito interessante, em que o autor estuda alguns typos, despindo-os de toda astipalidade literaria e apresentando-os taes como elles são na vida. A acção decorre muito naturalmente, e para que augmentem-lhe o interesse ha uma porção de episodios muito bem narrados, cheios de vivacidade e graça. Um bom romance, emfim.

Recebemos mais:

Humanidades, publicação de la Facultad de Humanidades y ciencias de la educación, (Universidad Nacional de la Plata) dirigida pelo sr. Ricardo Levene. No presente tomo, que é o VI, vêm-se interessantes artigos, a maior parte de character didactico, assignados pelos srs. Américo Castro, Arturo Costa Alvarez, Marso Falcão Espalter, Juan Alvarez, Juan B. Terrán, N. Bésio Moreno, Tomás D. Casares, M. de Védia y Mitre, Carlos Heras, Juan E. Cassani e Romualdo Ardissane.

Rio-Psychico, orgam do Circulo Mental e do Instituto de Psychologia Experimental de Altos Estudos, dirigido pela sra. Edla de Moraes Cardoso. Rio de Janeiro.

Revista da Associação Commercial de S. Paulo, orgam official.

Rivista del Commercio italo-brasilero, pubblicazione della Camera di Commercio e Industria Italo-Brasileira. Genova.

Informações Estatísticas da Bahia, relatorio apresentado pelo dr. Mario Ferreira Barbosa, chefe do serviço de Estatística Agrícola Industrial e Commercial da Bahia. Bahia, Imprensa Official do Estado.

Salada de fructas, palestra literaria de Ruy Canedo. Juiz de Fóra, Minas, 1923.

America Brasileira, sob a direcção do sr. Elysio de Carvalho. Rio de Janeiro.

Brazilian American, Rio de Janeiro.

Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Acceptance Bulletin of the American Acceptance Council. Nova York.

Revista dos cursos, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, dirigida pelos srs. professores Annes Dias, Fabio Barros e Luiz Guedes. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Worthington, boletim industrial. Nova York.

Weather Craps and Markets, published Weeldy by the United States Departament of Agriculture. Washington.

The Louisiana. Planter and Sugar Manufactures. Nova York.

Revista da Sociedade Rural Brasileira. S. Paulo.

A Independencia, conferencia pronunciada na Sessão solemne comemorativa da Independencia, pelo sr. João Maia. Porto Alegre.

O Economista, revista quinzenal de Commercio, Industria, Economia, Finanças, Agricultura e Transporte. Rio de Janeiro.

Vida Domestica, revista quinzenal illustrada, sob a direcção do sr. Jesus Gonçalves. Rio de Janeiro.

A Garôa, dirigida pelo sr. Alceu Dantas Maciel. S. Paulo

Revista del Impuesto Unico, Buenos Aires.

Revista da Educação, sob a direcção do sr. Raul de Paula; Propriedade da Imprensa Methodista, S. Paulo.

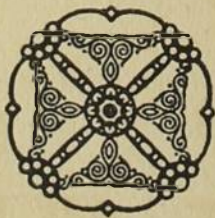
Revista da Bahia, dirigida por Heitor Moniz, Bahia.

A questão da "Northern" no Supremo Tribunal, o que é a "Northern" e quem é Paul Deleuze. Cincinatus. S. Paulo.

O Itiberé, mensario de arte e literatura, dirigido por Zenon Leite, Paranaguá.

Os bahianos de 23 e o genio de Castro Alves, conferencia do Gymnasio Ypiranga por Aloysio de Carvalho Filho. Bahia, 1923.

Revista de la Facultad de Derecho e Ciencias Sociales, publicação trimestral dirigida por Clodomiro Zavalía. No presente numero traz magnifica collaboração dos srs. Tomás R. Cullen, Tomás Jofré, Diego Luis Molinani, Ramón F. Vácquer, Cirilo Pavón e Carlos D. Verzura. Buenos Aires, 1923.



Li sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III — Desapparecimento completo das dores de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das for-
ças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas con-
valescenças de todas as molestias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e occorrem ma-
nifestações nervosas, della
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot
Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico
de clinica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

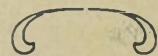
Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo



HISTORIA NATURAL — COMO DEVE SER ENSINADA

O ensino de historia natural nas escolas é uma necessidade inilludível. Está bem claro que me refiro aos conhecimentos essenciaes, geraes, e não ao estudo profundo como o fazem os que se destinam a naturalistas profissionaes.

Os que julgam inutil tal ensinamento têm, por certo, em mente o estudo estéril, enfadonho, soporífero, dirigido por um professor enfasiado do seu cargo e que, sentado numa cadeira, numa sala de escola, abarróta a memoria dos pobres alumnos com um punhado de nomes que estes não comprehendem nem guardam de cór. Dahi a justa repulsa dos estudantes e o descredito de uma disciplina bellissima, que educa o espirito e o habitua á observação dos phenomenos da natureza, a comprehender e apreciar tudo que se passa no mundo que o rodeia.

E' mister que o professor dessa disciplina seja um apaixonado pela natureza e, ainda mais, apaixonado pela arte de ensinar.

O ensino da botanica, por exemplo, tão arido e desgostante quando ministrado por um decorador de livros, será um regalo para os alumnos quando transmittido por um mestre dedicado, que ensine pelo prazer de ensinar; que saiba, com elegancia e com espirito, fazer comparações pittorescas, prender a attenção dos discipulos, lhes permittir perguntas de natural curiosidade e lhes responder sem enfado, sem pedantismo. Um passeio ao ar livre, ao campo, será um recurso indispensavel ao

ensino de sciencias naturaes. Numa sala, fechada entre quatro paredes, não se mostram as bellezas da botanica, da zoologia e da mineralogia.

A botanica presta-se, além do mais, para ladear ou illudir o Tabu' e permittir o ensino de coisas escabrosas, mas necessarias, como seja a questão vexante que se relaciona com a conservação da especie, questão que se poderá encaminhar discretamente pelo ensino dessa funcção nas plantas, desde que seja tudo feito com tacto, delicadeza e arte. Na escola de Altos Estudos Sociaes, de Paris, P. Regnier fez uma conferencia sobre esse assumpto e, alli, na dicussão, foi lembrada exactamente a botanica como recurso para se iniciarem os meninos nos segredos que, a não ser assim, elles irão fatalmente conhecer em pessimas condições. Sou de opinião que esse melindroso ensinamento deve ser feito, ainda que exclusivamente para o sexo masculino. O sexo feminino terá conhecimento em tempo opportuno; suas condições sociaes são muito diversas, e porisso a seródia intervenção de um mestre não trará prejuizo.

Abrimos este par. nthesis, porque vem muito a proposito sobre a utilidade do estudo da botanica.

Aprender a observar o mundo que nos cerca já é um objectivo sério deste aprendizado. De nada nos serve esse conhecimento na vida pratica, dizem os senhores que o têm por inutil. E' preciso ser cego para não enxergar as vantagens de que go-

sa no mundo um espirito esclarecido, pondo de parte, se quizerem, o ennobrecimento da vida humana. Não vale, concordo, para ganhar dinheiro, ficar muito rico e tornar-se nobre de fancia; para isto talvez seja mesmo a ignorancia, pelo que se vê, condição de grande successo. Vale muito, no entanto, para aformosear a vida.

Um passeio ao ar livre alegre e predispõe o espirito para receber e guardar os ensinamentos expostos em tom de palestra, diante do proprio objecto a estudar. Quanta coisa interessante se encerra numa simples folha de arvore! Nem se faz mister obter custoso instrumental; uma lupa, nada mais; o resto é a boa vontade do mestre. Com esse vidrinho de augmento elle mostrará a seus alumnos tanta coisa curiosa, que muitos dentre elles irão por sua propria vontade procurar nos livros outras coisas mais curiosas que sua imaginação, despertada, presentirá e... quem sabe se nesse modesto começo não estará alguma vez o estímulo para o surto de um genial investigador?

O caminho a seguir já foi traçado pelo velho Fabre; tomar o objecto de estudo e examinal-o com seus proprios olhos; saber observar e contar toda a sua historia com verve, com espirito, explicando com clareza tudo que diz respeito, mesmo quando pareça ser tudo banalidade; fazer desaparecer essa banalidade com auxilio da imaginação e do enthusiasmo. Uma flor, em botanica, é objecto, por si só, para uma longa hora de ensino, taes as bellezas que ella encerra para quem sabe mostral-as. O capitulo da "Flor" em geral, dá materia para uma série de palestras, cada qual mais interessante pela immensa variedade de anomalias que constituem justamente a belleza das flores.

Das plantas se canalisa facilmente a palestra para o estudo dos insectos; dos insectos, que são prejudiciaes, se chega insensivelmente aos passaros que os destroem e ajudam, portanto o homem a resguardar as saborosas frutas que nos desalteram o sangue. Os meninos que são os perseguidores natos dos passarinhos, aprenderão a estimal-os e a deixal-os em paz com seus ninhos e seus filhotinhos.

Neste mundo não se obtem, com ensino, tudo quanto se projecta obter; mas se

se alcança metade do que se almeja, não fica sem lucro a tentativa. Muitos dos alumnos nada aprenderão; alguns, por certo, aproveitarão e isso muita vez pagará o trabalho do mestre.

Ao ler estas linhas não faltará quem diga: "este sujeito pensa que a gente tem obrigação de saber tudo".

Não; não é isso que tenho em mente. Quem estuda physica, por exemplo, só para esclarecer ou illustrar seu espirito não vae decorar todas as peças de uma locomotiva e seus respectivos nomes; só estuda, nesse particular, o vapor; como se obtem essa força e qual o meio de utilisal-a, etc. Ninguem vae decorar os nomes scientificos de todas as plantas, para ter exacta noção de botanica; basta saber como ellas respiram, como se nutrem; que é a flor? que é a seiva? que é necesasrio para lhes dar força e fazer prosperar? E, assim, outros principios geraes que têm serventia para todo o mundo.

Tudo isto está muito bem previsto nos programmas de ensino publicados pela Directoria de Instrucção Publica de São Paulo. Não ha duvida que os professores sabem e, no curso medio das escolas, se ensinam essas coisas. O que é importante, é só a feição que se deve dar ao ensino, de modo a não entediar os alumnos, mas sim a tornar a palestra uma verdadeira alegria, uma hora esperada com alvoroço.

A velha pedagogia classica, tem muitos pontos fracos e porisso os novos methodos já começam a surgir por toda a parte, a abrir novos horizontes, fóra do velho ramerrão escolar. O methodo posto em voga na Italia, por Mme. Montessori (ou modalidades deste) já teve seu inicio em França e é provavel que vença o misoneismo francez na esfera da pedagogia, visto já ter conseguido partidarios na Inglaterra, Allemanha e outros paizes. Na Italia está sendo ensaiado desde 1907 pela propria Mme. Montessori. Aqui, em S. Paulo, já existem, por iniciativa particular, escolas que seguem o methodo Montessori. Praza aos ceus que essa iniciativa seja feliz e que o methodo se propague com rapidez. A liberdade é a pedra angular desse novo methodo de ensino.

Os bellos e preciosos livrinhos de Fabre, traduzidos — “mutatis mutandis” — dariam, entre nós, magnificos resultados. Porque será que ninguem teve até hoje a coragem de os adaptar ás nossas escolas?

Legros, fazendo a apologia do mestre de Serignan, lá diz: agradar e instruir; fazer do trabalho intellectual uma alegria, tal foi sempre o cuidado de J. H. Fabre, tão grande educador como naturalista.

Nas escolas ruraes, um professor inclinado á profissão, instruido na escola de Fabre fará prodigios e modificará profundamente o jecátatuismo de que tanto falamos em vez de procurarmos o necessário remedio para o mal.

Na pittoresca linguagem popular se poderia dizer que este artigo é chuva no molhado, pois o assumpto delle já serviu a Sampaio Doria que o desenvolveu no seu recente livrinho — “Como se ensina”.

— Já estava este artigo escripto quando li este interessante livro. Tudo o que acabamos de dizer é simples explanação de um periodo daquelle livro: o da pagina 49, segunda linha e as seguintes.

Perdoem, portanto, os senhores professores (e os ha notaveis em S. Paulo, graças a Deus) ao intromettido que está pondo mãos em seara que lhes pertence. Oscar Freire, de saudosa memoria, me havia pedido, ha tempos, fizesse eu uma prelecção sobre o modo de ensinar historia natural, prelecção destinada á Sociedade de Educação, de que era elle um dos fundadores. Tomei algumas notas, mas, desde que a morte nos roubou aquella preciosa existencia, abandonei tudo e nada mais escrevi. Dou publicidade agora a estas parcimoniosas notas como homenagem ao grande professor e bondoso amigo.

Dr. Franco da Rocha.

“O Estado de S. Paulo”.

O SENSO DO RISO

Guardemo-nos, dizia Goethe, com um grande senso, de procurar os elementos do nosso desenvolvimento em tudo que fôr perfeitamente moral e puro...

Na pureza, que é o reflexo revelador de uma verdade muito abstracta, mas muito logica, encontrareis o axioma do grande poeta, fortalecendo a vida e dando-lhe prismas não conhecidos das imaginações ricas de novidades.

A presumpção de que a verdade póde ser o rebotalho de uma phantasia, descaroavel ao amor puro, não passa de uma das muitas deturpações da nossa alma, sem ordem nas suas concepções, sem segurança nos seus reparos á lei de unidade historica ou religiosa, sem escopo nas suas tentativas de emancipação.

Vivemos na mentira ou na presumpção de que falamos a verdade. Esta quem é, quem nol-a revelou, ou rastreou nos seus cantos, nas suas predilecções, nos seus aphorismos e conclusões philosophicas?

A linha de pureza que sae de uma arte nova de onde vem? Em que vertice assenta a sua potestade ou frisa com a omnipotencia, revelando segredos indevassaveis, até que se a encontrasse no

turbilhão das cousas infinitas? São tantos os triangulos que se cruzam na eminenca desse ponto intangivel, que não ha demarcar-lhe o extremo, onde, naturalmente, se dera o contacto com o que está acima da comprehensão humana.

A pureza e a moralidade são dois aspectos da alliança invisivel com o sobrenatural. A quêda de linha do ponto culminante da elyptica, onde se fixou o astro-rei, isto é, a verdade, na sua primeira collisão com os elementos subalternos das transformações irrevogaveis, é prenuncio desse esforço titanico que vae começar, no momento preciso em que a alma, descendo ao cháos das paixões e dos interesses materiaes, tacteia um meio de recuperar os seus attributos sacrificados.

E' uma verdade que na fé olympica de um Miguel Angelo havia alguma cousa d'alma esparsa do Universo, do principio jehovico. Não haveria, tambem, a verdade transcendental, inspirada na mais alta moralidade? O fundamento dessa inspiração não se encontraria no vertice a que nos referimos e em que todos os triangulos têm assento e todas as potestades se polarisam em outras tantas verdades, ain-

da mais abstractas? O que é certo é que vemos na inspiração desse a que já chamaram o apóstolo de Jehovah, o fundo de unidade transcendental, indispensável a toda obra d'arte.

Enlevamo-nos nos estudos dessas grandes figuras de humanidade. Relemos, ás vezes, duas, três phrases que nos arrebatam, perdendo-nos em regiões de difficil accesso.

"Com sua educação platonica e seu genio cosmico Miguel Angelo transformou a apothese do papado em uma representação das forças divinas que vivificam a humanidade e estabelecem a hierarchia das almas pelo impulso omnipotente dos espiritos e das vontades".

Vêde, pois, a ascensão a um plano de verdades menos reductiveis, em que as formas se resguardam já de contactos prejudiciaes, affirmando uma ordem de effectos mais puros e efficientes.

Foge ao chãos apologetico de uma copia de figuras communs, para alcançá-lo áquelle principio de unidade, no qual se revelam forças quasi a tocar o ponto culminante da evolução.

Na plasticidade, na grandiosidade, na luminosidade da concepção, como a pureza das linhas indica a origem divina de onde emanaram!

A Força, a Coragem, a Sabedoria e a Meditação são verdadeiros athletas a attestarem a gloria do esforço para a posse absoluta.

Na propria pedra, escolhida por Miguel Angelo, para a preparação das forças creadoras, já havia, por assim dizer, a imagem occulta da unidade que elle ia fixar.

Na realização, pois, de taes maravilhas, vê-se bem que a nota principal, o eixo, ou centro universal, é aquella mesma expressão em que estão encerradas todas as modalidades do Principio, que a moralidade revela nos multiplos e aparentemente discordantes aspectos da arte.

De tal balburdia, do pretexto de immortalizar uma instituição, incapaz de facilitar ao genio meios que o tornem uma força de suggestão e de realização, o grande artista sobe ao maravilhoso e transplanta para a tela ou para o bronze uma das cathogorias em que se affirma

a criação para variar indefinidamente o scenario cosmico.

Na mais alta moralidade, se estribava, ainda, elle, quando lhe veio á mente o desejo de esculpir montanhas. A que instincto obedecia senão, de facto, ao que em proporções titanicas, amassára o globo e esculpira a forma da terra?

Esse barro não o teria achado em um meio differente; não o apolejára, acaso, na invisivel massa que serve de modelo ás creações visiveis?

Em remate; nos tres frescos: — "*Creação da Terra*, a *Creação do Homem* e a *Creação da Mulher*, que se nos depara senão o excesso, mas perfeitamente conduzido, do modo que as linhas limitativas do quadro, encerram os movimentos e a propria infinidade, sem os diminuir e prejudicar? "E, dest'arte, comprehendereis que o supremo genio plastico pôde encerrar pela suggestão das linhas em um quadro limitado: o sentimento da expansão sem limites, o movimento na immobildade e a vida infinita na figura humana".

Portanto, essa immobildade é sómente apparente; só é á primeira vista. Se fixardes o quadro cessa de existir para dar logar a agitação, a vida e a correspondencia com um typo ideal de evidente primasia sobre o que observaes. Os limites se dilatam por tal forma que não ha reconhecê-los na perspectiva.

Ao fundo, pois, da unidade, accrescentareis o da amplitude, a termos de os não deparar mais. Cada vocabulo possui um valor moral, indispensavel á ordem que se quer manter no trabalho litterario. A verdade, na obra d'arte, exclue a immoralidade. Rabelais fazia o bem, chasqueando. Era o riso forte da saude, da liberdade, da franqueza; tanto era util ao corpo, como á alma. Rir, em Rabelais, é o mesmo que ensinar e perdoar. Na gargalhada pantagruelica a alma ensina o que se deve fazer para manter o equilibrio das duas forças, que, não obstante o seu natural antagonismo, nella se equivalem e auxiliam.

As creações tragicas do mal e da paixão, Rabelais transforma em altruismo, e contrapõe com vantagem ás anomalias e deturpações deformadoras da alma humana.

Não sabemos mais onde se nos deparou este pensamento: "desde o momento que uma cousa é verdadeira é boa. Os livros obscenos o são sómente por falta-rem á verdade. As mais altas bellezas poeticas são bellezas de ordem moral; para as conceber e produzir é preciso uma alma que esteja ao seu nível".

Não vemos como não annuir a taes preceitos. A forma que se dá ao sentimento, investe-o de privilegios que influirão na ordem geral das compensações que, acaso, se tirem da verdade, quando exposta com clareza. Tal expressão inculca o traço de união que põe o abstracto em relação com o concreto, e assignala entre duas quantidades, em acção constante para produzir modos diversos de ser, a proporção de verdade necessaria ao equilibrio das faculdades e á criação da belleza. E é por ter provocado esse equilibrio, e descoberto mais uma analogia entre as falsas contradicções, que Paul de Saint Victor alludiu as certas scenas que surgem ao olhar como fragmentos de Raphael reproduzidos pela poesia.

Se a verdade é o equilibrio das partes desordenadas, a harmonia na desconnexi-

dade apparente dos varios elementos que dão ao riso o poder de reconstituir um episodio, suggerido pela dor, é preferivel reaver o que perdemos com Rabelais ou Cervantes do que com Racine ou Corneille.

Na moralidade do riso, assenta o poder de reforma dos nossos sentimentos.

Seja, pois, a chamma viva em que se destruam os residuos, á cada hora, a mudarem as nossas idéas, a convulsionarem o leito por onde correm os nossos desejos. A força rabelaisiana restabelece a moral no conflicto dos interesses, na lucta das paixões. Não conjuremos no fabrico das idéas as forças que não possuam as qualidades necessarias a restabelecer a harmonia e a proporção nas concepções humanas. Uma vez realizado o plano restructor, deixemos que o riso leve aos corações a moralidade e aos espiritos a pureza de intenção, sem os quaes não nos será licito obter moderação nos nossos habitos e accôrdo nas nossas faculdades.

Luiz Murat

("Jornal do Brasil", Rio).

OS TRIUMPHOS DA LOCOMOTIVA ELECTRICA

Quem vive neste grande centro industrial e commercial, não pôde deixar de sentir a sua influencia por mais indifferente que seja.

Não é a primeira vez que nos occupamos do assumpto que serve de epigraphe a estas linhas, de interesse vital ao nosso paiz por mais de um motivo.

A locomotiva electrica, da qual existem centenas actualmente em trafego neste paiz, tem uma historia muito interessante. Nasceu da necessidade, o nosso melhor livro, o que ensina mais em um dia, que todos os outros em dez annos.

Quando a Baltimore & Ohio Railroad, sem incommodo para o publico, entendeu atravessar a cidade de Baltimore por meio de tunneis, reconheceu que as locomotivas de queimar carvão não se prestariam a esse fim. Teve de lançar mão da locomotiva electrica. Hoje, a Pennsylvania Railroad serve-se della nos tunneis que atra-

vessam o rio Hudson e a New York Central Railroad, ha muito tempo, emprega a electricidade em um percurso de 40 milhas mais ou menos, entre a metropole e a cidade de Harmon, á margem esquerda do mesmo rio.

Foi depois disto que a Chicago Milwaukee & St. Paul Railroad Company, resolver fazer experiencias em um trecho da sua linha transcontinental e ahi foi a nossa Companhia Paulista de Vias-Ferreas e Fluviaes tirar as informações praticas e decisivas, para a adaptação das suas linhas a tracção electrica.

A Chicago Milwaukee electrificou primeiramente o trecho de Barlowton, Estado de Montana, até Avery, Estado de Idaho; uma distancia de 440 milhas. Esta secção cõrta os tres cumes das Montanhas Rochosas, subindo em um ponto á altura de 6.600 pés.

Foi nesse percurso, de grande movimento de trafego, que a locomotiva ele-

ctrica veio mostrar o seu grande poder efficiente. Para quanto presta, hoje, para quanto prestará amanhã. Os resultados da experiencia foram de muito superiores ao que esperavam os proprios adeptos da electrificação, verificando, mais tarde, a companhia, que ella poderia fazer correr seus trens mais efficientemente, com 42 locomotivas electricas do que com 112 locomotivas, queimando carvão. Com locomotiva electrica, a composição do trem foi augmentada de um quinto, reduzindo, *ipso facto*, o numero de trens exigidos para satisfação das necessidades do trafego. Da mesma fórma o horario foi tambem cortado de um quinto. Em summa, ficou demonstrado, á saciedade, que as locomotivas electricas podem augmentar a capacidade de trafego de uma linha simples até ao ponto de approximal-a da linha dupla.

Esta experiencia veio tambem demonstrar que a duplicação da Estrada de Ferro Central do Brasil, na Serra do Mar, durante a administração Frontin, poderia ser dispensada com a simples applicação da energia electrica. Tratando-se, porém, de um paiz novo, como o Brasil, que daqui em diante, terá de marchar em uma progressão, não por differença, mas por quociente — valha-nos a prophesia de Theodore Roosevelt — devemos considerar esse esforço de engenharia nacional, como obra de grande valor reproductivo, que levará á posteridade o nome de seu emprehendedor.

Mas, continuando: não sómente as locomotivas electricas demonstram diariamente a sua pujança como até se deu o facto de tres locomotivas-carvão, chegarem á linha electrificada com duas horas de atrazo, e isso depois de uma luta tremenda e feroz. Mesmo com o thermometro a zero, ganhavam ellas o tempo perdido pelas suas irmãs congeneres, usando carvão.

As locomotivas electricas demonstraram a sua poderosa energia puxando trens em uma rampa de mais de 20|0, o que exige, por assim dizer, o ultimo esforço da locomotiva-carvão, e conseguiram fazel-o com uma velocidade que tres destas ultimas não puderam manter. Sem solavancos, sem barulho, sem fumaça, e sem cinzas, com uma poderosa adherencia sobre os trilhos tão facilmente levaram ellas o trem até á montanha, como garbosamente

a desciam, á razão de 20 milhas por hora em uma rampa de 105 pés por milha, e de 0 milhas em linha de nivel.

Outras experiencias de iguaes resultados foram feitas posteriormente na Pennsylvania Railroad e na New York Central. Não as descrevemos para não alongarmos demais o nosso artigo.

Mesmo com o uso do carvão, problema este de que, nem por sombra, devemos cogitar, graças ás nossas portentosas quedas de agua, de sul a norte, a electrificação tornar-se-hia para nós mais barata. A mesma Chicago Milwaukee Railroad verificou por experiencia, que a electricidade pôde ser gerada na razão de duas e meia libras de carvão por kilowatt-hora. Que 53 milhões de toneladas de carvão, convertidas em electricidade, seriam sufficientes para a movimentação do frete de todos os Estados Unidos. Uma economia de 100 milhões de toneladas de carvão por anno!

Isto não quer dizer que os americanos devam desprezar as suas quedas de agua. E o Brasil muito menos. Apenas, como estudo, diremos que, neste paiz, cinco wagons de carvão são consumidos, por minuto, nas estradas de ferro, quantidade esta correspondente á força de cinco Niágaras que lamentavelmente correm para o mar. O mesmo desperdicio no Brasil.

Já tomou alguém o trabalho de calcular o quanto o Parahyba nos faria economizar com o emprego da energia electrica se esse grande rio fosse devidamente captado e aproveitado? E as sommas enormes que annualmente despendemos em compras de carvão pelos preços actuaes? E o valor do material rodante que as estradas têm de manter exclusivamente para o transporte de carvão aos seus muitos depositos em differentes pontos da linha ferrea?

Sobre esta ultima verba, informações seguras e muito eloquentes poderiam ser ministradas pela Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluvias.

Além destas considerações, occorre-nos lembrar ao leitor a attenção e o conforto que como é de justiça, merecem aquelles que, noite e dia, velam pela nossa existencia e conforto, quando em viagem. Referimo-nos especialmente a esses dois vultos, — o machinista e o foguista — sem-

pre attentos, com os olhos fitos para a frente, affrontando toda a sorte de intemperies. Nem o pó do ar, nem o do carvão, continuamente respirados e principalmente na passagem dos tuneis, nada o faz abandonar, por um momento, sequer, a linha do dever. São tão bravos como o soldado e como o proprio aviador! Verificámos muitas vezes, na nossa propria Estrada de Ferro Central do Brasil, na passagem do Tunnel Grande, os passageiros cobrirem o rosto com o lenço, temendo serem asphyxiados, e esse incommodo a locomotiva electrica viria corrigir.

Ainda bem que as nossas estradas muito melhoraram depois de lastreadas com pedra miuda. E' facto muito conhecido o de um deputado paulista haver chegado do Rio de Janeiro, empoeirado, a ponto da propria familia não reconhecê-lo, á

noitinha, na estação terminal de S. Paulo!

Poucos dias depois, por um acaso, levámos esse facto ao conhecimento do então presidente da Republica, o muito saudoso Campos Salles, lembrando-lhe que era chegado o momento de melhorar-se o leito de nossas estradas de ferro. S. Ex., qual o grande Lincoln, que nos momentos os mais difficeis, jámais abandonara a veia humoristica, depois de louvar a nossa suggestão, não pôde deixar de concluir com a seguinte phrase: "O Moreira que trate daqui em diante de conservar o retrato no botão do paletó como meio de identificação".

A locomotiva electrica teria evitado essa tragedia...

Nova York, 1923.

José Custodio Alves de Lima.

("O Paiz", Rio).

BABEL

Nunca a chronica literaria — latejante de vida, palpitante de graça, fremente de seiva, focando com superacuidade os mais dispareos assumptos, visionando os infinitamente grandes e pequenos da psychê humana, silhuetaando os mais complicados e originaes caracteres — teve uma phase de tão grandes triumphos como agora. Atravessa presentemente a sua aurea edade

Mal a gloria sorri a um romancista ou poeta, a um critico ou pensador, aureolando-os com os loiros e myrthos classicos — logo os grandes orgãos de imprensa, na febre absorvente de satisfazer ás curiosidades legentes e ao senso esthetico das multidões, attrahem para as suas columnas esses patricianos representantes da estirpe de Jupiter, filhos dos deuses, que á aridez tristonha da nossa vida trazem a magia amaviosa de uma prosa cantante, flexivel e rythmica...

A's imperativas exigencias do jornalismo todos vêm trazer o seu contingente espirital. Será um bem? Um mal? Não sei... Haverá espiritos gravemente severos e intolerantes para lamentar essa producção rapida e fragmentaria — a que o tempo não pôde imprimir o cunho das creações robustas e impereciveis, pe-

la feição real de verdadeiro improvisado escripto... Esses — fieis discipulos da escola lenta e torturada de Horacio — não pedem comprehender a possibilidade d'algum attingir a perfeição sem passar como Sá de Miranda a vida inteira a polir, a repolir, a acepilhar, a esmondar a sua famosa egloga "Basto", perennemente insatisfeito e duvidoso... Outros só permitem a entrada nos céos da gloria á devoção soffredora dum Chateaubriand ou Flaubert — exaggerando o alinde da forma ao extremo de refundir, alterar, transformar edições successivas da "Atala" e da "Tentation de Saint Antoine".

Debalde se lhes apontára Balsac, que com todos os seus "étranges ou furieux procédés de travail", nada obstante "aux conditions plus qu'anormales d'improvisation, de hate et de fièvre" em que produzia — como assignalou Brunetière — soube construir um mundo que cada vez mais nos surprehende e deslumbra.

Em vão se argumentara que nem por ter sido escripto em quinze dias deixa de ser o "Cesar Birotteau" uma das mais inconfundiveis e perfeitas creações do Shakespeare francez, como o chamou Barbey d'Aurevilly.

De resto, haverá razão em ferretear com a viltade do imperfeito tudo quanto venha das columnas da imprensa? Na "Vie Litteraire", num estudo consagrado a François Coppée, o principe da prosa franceza contemporanea, o subtil Anatole, ensina-nos que "le journal n'est pas si mauvaie école de style qu'on veut dire". Nunca conheceu o mestre algum bello talento que nelle se tenha corrompido: ao contrario, certos espiritos ahi adquirem uma "souplesse", uma "vivacité" que antes lhe faltavam, evitando "l'obscur" e "le tendu", em que cáem muitas vezes os escriptores mais artistas quando compõem longe do publico.

"Le journalisme — conclue a autor do "Lys Rouge" — est pour l'esprit comme ces bains dans les eaux vives, dont on soit plus alerte et plus agile".

O sr. Mario Rodrigues é por demais conhecido do publico carioca. Nas columnas do "Correio da Manhã" — cujo poder de diffusão tem o miraculoso sortilegio de impor á consideração geral qualquer nome antes inteiramente inedito — esse engenho singular, este fino estheta, esse lyrico de prosa, esse temperamento bizarro irradia as fulgurações dum talento em plena posse de si mesmo.

Pessoalmente, porventura, bem poucos possam distinguil-o em meio ás multidões. Elle não frequenta os concilios e egrejaros literarios das portas de livrarias e banquetes de cafés.

Retraçtil, esquivo e insulado, não vae posar a horas certas para a admiração indigena, acotovellando-se com as nossas celeberrimas occasionaes e deixando correr o tempo entre banalidades e maledicencias estereis. Mas, no seu procurado recolhimento, estuda e produz, dando-nos paginas suggestivas de critica social, e de arte, como essas que acabam de sahir dos prelos paulistas.

"Babel" chamou-as o autor, explicando a significação symbolica do titulo pelo antipodismo dos assumptos, pela desordem que caracteriza o livro, reflectindo a confusão universal que se seguiu á grande guerra.

Longe de mim a pretensão de contrariar: — seja-me licito dizer, no emtanto, que esses ensaios e essas chronicas mantêm entre si apenas um apparente anti-

podismo. No fundo, guardam manifesta identidade de estrutura: homogeniza-os a arguta visão do sociologo e a exquisita sensibilidade do artista, que os escreveu. Mas fechemos a porta do portico e entremos a travar intimidade com o livro do sr. Mario Rodrigues. De inicio, a proposito do aventureiro celebre que a justiça franceza impoz a pena de fuzilamento, o meio nacional suggere-lhe observações interessantes. Vemol-o, então, esboçar com mão firme e traços impressivos, o perfil inesquecivel desses typos a quem nunca se pergunta de onde viriam, nem para onde vão, e a cujo insolente imperio todas as portas se escancararam, as dos lares e as dos alcouces, e a cujas plantas governos, instituições, a propria justiça, como a politica, o capital, o trabalho se culvavam deslumbrados e constrictos". São os Bolos-Pachás indigenas. "Sr. ministro! Senador! Insigne deputado! Capitalista amigo! Excellencia! — o nosso chapéo não tem socego pela rua, na sequencia desses cumprimentos habituaes. Para o francez, a pena do fuzil; porque recusariamos aos nossos o Pantheon?" Paginas dum demolidor acutilante? Oh! não...

No mordente da ironia que chega ao travor do sarcasmo, tentando despertar essa multidão apathica que por ahi, deambula, vibrando somente aos compassos estridentes dos "fox-trots"; na colera sagrada que convulsiona a penna gentil e amoravel que nos fez entrever "A Beleza Perfeita", radiante de graça, elegancia e finura, ha mais alguma cousa do que a morbida tendencia de contundir e aniquilar...

Ha as aspirações incontidas de aperfeiçoamento social, de renovação de valores, de transformação nas condições existenciaes, extinguindo iniquidades, dando-nos um mundo redempto, em que os oprimidos, os espoliados, os soffredores, sedentos de paz e justiça, possam respirar desoppressos...

Eis porque escrevendo sobre a "Nacha Regules", do romancista argentino Manoel Galvez, — focalização animada e emocionante da prostituição em Buenos Aires e da vida miseravel dos seus antros de lenocinio e perdição — o escriptor se commove, deixa-se penetrar pela febre de reinvidicações e brada: "é chegada a ho-

ra de reacção, que não pode ficar entregue a essa literatura de penumbras suspeitas de alcovas, literaturas de sucios e secias, a que se procuraria debalde um objectivo, senão o de anestesiar o carácter de sociedades decadentes contra as ultimas resistencias dos seus escrúpulos”.

Quando aqui nos chegou a grata nova de que Guerra Junqueiro viria ao Brasil, por ocasião dos festejos centenarios de nossa independencia, traçou o sr. Mario Rodrigues com maestria e eloquencia um escorço da musa junqueireana: Vemol-a ascender do satanismo iconoclasta virginal dos “Simples”, até ao mysticismo transcendente, ao ascetismo espirituai das ultimas creações...

A mofina vida parlamentar da Republica suggeriu ao sr. Mario Rodrigues um dos mais interessantes estudos de critica social do seu novo livro. Intitula-se o “Fogo das Lareiras”. Começa evocando aquella pagina finamente attica em que o genio sobrio e medido de Machado de Assis eternizou a imagem do velho Senado Imperial — em cujas cadeiras se assentavam homens que fizeram a Independencia e nortearam os primeiros passos vacillantes da nacionalidade recém-nada, figuras austeras e verazes, consciencias rectas e altaneiras, oradores de grande raça. Em seguida, surge a comparação inevitavel... os tempos de agora...

Envergonha confessar... E o escriptor, amargurado e desconsolado, hesita, titubeia, a boca se lhe trava... Não que no Senado da Republica não appareçam, de vez em vez, personalidades insignes que nada ficariam a dever aos superhomens do Imperio. Mas o ambiente geral é de

estagnação, de famulagem, de abdicação. Declínio da mentalidade nacional? Não. O sr. Mario Rodrigues asserta muito bem, “que os defeitos estão no ar, que se corrompeu: a democracia praticada, em logar de nos redimir envenenou-nos o sangue”.

E é assim todo o livro: pessoal, ardente, inflammado, harmonizando-se maravilhosamente as impecaveis qualidades puramente artisticas e os juizos conceituosos do pensador.

Leiam-se as paginas consagradas ao “Rito Pagão”, da sra. d. Rosalina Coelho Lisboa. E não é preciso ter lido esse espirito gentil para que o leitor intelligente, saiba que está deante da mais completa, da mais singular, da mais notavel organização poetica feminina do Brasil, em todos os tempos. Em rapidas pinceladas, o sr. Mario Rodrigues tem o poder de penetrar o temperamento mais complexo.

E’ ver o estudo sobre essa curiosa figura de mystico politico que foi Sidonio Paes ou o perfil em flagrante de Roosevelt.

Emfim, o sr. Mario Rodrigues, é daquelles privilegiados escriptores que sabem emprestar ás suas creações aquelle elemento de interesse que Ixart chamava a “vitalidade intellectual dos assumptos”.

Que dizer da forma e do estylo do autor da “Babel”? Nada mais que são as de um escriptor feito, capaz de transmitir ao leitor toda a gamma de emoções e, o que é mais, de enleal-o na rede seducen-te da sua dialectica, levando-o a partilhar de seus juizos e opiniões...

Rio, 25—6—923.

Emilio de Macedo

A ENGANADORA POESIA DO PASSADO

Ingenieros toma vulto de uma das mais scintillantes e exponenciaes figuras da intellectualidade universal. O seu ultimo livro *Los TIEMPOS NUEVOS*, cujo exemplar que acabo de lêr traz uma dedicatoria do grande pensador, o que muito me honra e desvanece, não passa de um livro portador de alentos fraternaes aos renovadores do mundo: titans que estão plasmando, cheios de vontade, cheios de audacia, cheios de fé, uma era-nova na historia da

humanidade. Logo de começo, ás primeiras paginas, confessa com uma franquesa encantadora, ser um *hombre que no se cree obligado a pensar con la cabeza de los demais*. E’ bem possivel que só por isto os temperamentos bafejados pela rotina, estagnados pelo conservantismo, extranhem o destemor, o desassombro, a coragem com que Ingenieros prega como um apostolo deante os escombros do “passado suicida, levantando idéas novas que habili-

tem os povos ás luctas futuras, propicias a toda fecunda emulação creadora”.

A evolução dessa mentalidade tem algo da mesma de William James. Este deliberou o movimento pragmatico como a mais conveniente e util philosophia para os nossos dias inquietantes. O character verdadeiro da actual revolução por que passam os espiritos, parece adoptar esse pragmatismo positivo, que vem a ser a immediata realização material daquillo que é apenas pensamento. Os resultados da formidável actuação de Ingenieros felizmente já se estão fazendo sentir no dynamismo social latino-americano. Iniciando o combate em favor de doutrinas renovadoras, o preclaro escriptor do EL HOMBRE MEDIOCRE, e que concebe a psychologia como uma sciencia natural — fascina, apaixonada, arrasta a nova geração que estuda, e assiste deslumbrada ás bellas transformações sociaes e moraes por que atravessa o mundo nos vermelhos alcores deste seculo.

E projecta-se a transformação em clareões de aurora. O objectivo é introduzir por meios pacificos; pelo ensinamento, pela educação, pelos exemplos — tudo quanto de bom ha resultado das sangui-nolentas agitações que assoberbam as nações europeas. Anatole France, Henry Barbusse, Romain Rolland, na França, Ingenieros na America, tomaram a frente do Grupo Claridade, creado exclusivamente para essa divulgação renovadora. Na Alemanha, na Italia, na Inglaterra, já se colhem fructos do movimento. No nosso continente, tambem. As revoluções são sempre esforços e energias bem aproveitadas por minorias educadoras e actuaes. E’ o caso do bolchevismo na Russia, que Ezequiel Enderiz affirma com o peso de sua sociologica sabedoria, ser tão sómente a actualidade politica do mundo. Eu discordo, e prefiro ficar commigo mesmo: penso tratar-se apenas duma actualidade local.

Mas, voltemos a Ingenieros. Abro e releio as suas conferencias sobre themas candentes como Internacional do Pensamento, Guerra, Educação, etc. Em dada altura, tenho a colorida visão de que elle, conciso e eloquente, está na tribuna de seu apostolado social. Vejo, então, um vasto ambiente de homens sonhadores, ho-

mens feitos de sensibilidade, feitos de nervos. No ar paira o fumo transparente das ancias incontidas. Ouve-se uma voz sonora. Ingenieros fala nesse tom: “Quanto mais se estuda a historia, maior é o eco sentimental que despertam os restos da civilização passada. Uma ruina informe, um papel amarello, mudos para quem ignora os successos e os costumes de sua época respectiva, têm para o homem illustrado um poder suggestionante, que excede em muito a seu valor intrinseco. Fascinação cheia de perigos, certamente, como o cantar das sereias na viagem de Ulysses, na Odysséa”.

Silencia e leva a mão á testa escalvada numa caricia ligeira. Prescrutam-n’o todos com attenção de arabe. A palestra inflamma-se cada vez mais, e Ingenieros alteia mais ainda a voz, dizendo ser objecto de maior admiração o heroismo civil que o heroismo militar. Prosegue sereno: “A mulher enganada, que tira de suas entranhas um filho, alimentando-o com seu leite, creando-o com seus esforços, trabalhando para educar-o, sacrificando-se para redimir nelle a sua culpa — é uma heroína cem vezes mais heroica que o official que percebe copiosos salarios durante vinte annos de paz, até que em um dia de guerra se arroja entre o fragor do combate, para matar ou morrer. Maior que elle é um simples medico de aldeia, que sabe levar seu conselho e seu consolo aos lares afflictos, expondo-se a cada instante, em tempos de epidemia, a dar sua vida para salvar a do proximo. Não é menos o operario que durante annos e annos ininterruptos acceita a escravidão do trabalho para ganhar o pão de seus filhos — obscuro heróe que não ennobrece sua condição quando o arrancam da fabrica e o enviam a esconder-se numa trincheira enlameiada, até que o matem com os gazes asphixiantes. Todo aquelle, pois, que tem um ideal ou uma missão na vida, grande ou pequena que seja, é um heróe, se sabe cumpril-a com boa vontade, em todos os seus minutos, em todos os seus dias, em todos os seus annos”.

Ao cabo destas palavras ardentes os meus ouvidos de idealista ouvem acclamações e applausos de communicativo entusiasmo. Ingenieros desce da magestade de sua tribuna. Todos o acompanham.

Separam-se, findam perdidos na meia-luz do mésto crepusculo. Separam-se, e perdem-se na mancha escura das multidões que enchem as longas avenidas. Separam-se. Porém em cada peito, em cada alma, para sempre ficou o éco daquella vibração de epinício éco daquella palavra convincente, ora pausada e rythmica, ora desabalada e sacudida pela correnteza duma intelligencia generosa. Elle pregou e prega a guerra, mas a guerra de idéaes novos contra idéaes velhos, a guerra da humanidade joven contra a humanidade senil, a guerra de povos sacrificados contra govêrnos sacrificadores. Acha-a estúpida e cruel entre os povos que immolam milhões de seus filhos nos campos de batalha, sacrificando-os ás aberrações de seus governantes vaidosos, insensatos e incultos. Em frente a esses processos poderiam permanecer indifferentes os chamados trabalhadores intellectuaes? Ingenieros argumenta magistralmente e diz que quem cultiva a belleza tem o desejo de introduzi-la na vida, quem investiga a verdade sente o anhelio de ensinal-a a todos, quem ama a justiça está obrigado a lutar porque ella orienta as relações entre os homens.

São essas verdades grandes e puras que embellecem a quente aspiração renovadora e humanitaria. Praticando-as, quem não se enaltecerá? Maximo Gorki pensa que só são homens legitimos os que se

atrevem a olhar de frente o sol. Poderemos prevêr não estar muito longe o dia em que todos poderão fitar a perturbadora luz? Não nos esqueçamos de que são as forças moraes as unicas forças que têm o seu dominio directo sobre as acções humanas. Ellas constituem aquelle sol que se precisa olhar bem de frente. Ellas exercem o seu verdadeiro primado parallelamente ás intelligencias directrizes. Dahi o segredo das conquistas sociaes. Ainda uma vez: não nos esqueçamos dellas. Embora não seja eterno o que provém do homem, de bem ou mesmo de mal, devemos á espiritualidade, ao pensamento, ao desejo, objectivação das experiencias que determinaram, já como forças sempre poderosas, já como forças dynamicas, a vagarem sempre na concreta liberdade da imaginação. Só depois de meio seculo é que Emerson, com os seus idéaes de confiança ethica, com os seus principios de responsabilidade pessoal, está tendo uma actualidade realmente gloriosa. Ingenieros e os seus companheiros de cruzada estão, ao contrario do critico da *Société et Solitude*, assistindo o avanço de seus idéaes de respeito mutuo, elevação de pensamento, o triumpho, enfim, da absoluta liberdade de consciencia, idéaes esses naturalmente em lucta franca e estrepitosa com a enganadora poesia do passado.

Adhemar Vidal

(Do A. B. C.)

VIDA LITERARIA

Agita-se em S. Paulo uma grave contenda a proposito de plagios poeticos. Apesar de não sermos paulistas — differindo daquelle senhor que, ao ouvir um sermão de lagrimas, não chorava porque não era da freguezia— vamos tomar sciencia do occorrido. Trata-se do seguinte: um escriptor, crêmos que mineiro, mas com longa estadia na terra dos bandeirantes, accusa o sr. Menotti del Picchia de ser um homem de letras atacado de kleptomania aguda de ser, nada mais nada menos, que o gralho empavonado de Phedro. O delator ou — como se dizia no tempo de Pinheiro Machado — o sycophanta literario, muito versado na Biblia e nos gregos, fala, a pro-

posito de taes furtos, em vendilhões do templo, em deuses do Parnaso e em outras coisas de muito interesse para os exegetas e os archeologos. Enumera, em seguida, todos os delictos do sr. Menotti. Além de querer offender, “aos sons de um zé-pereira canalha”, os numes da “Hellade sagrada” e de dizer-se disposto a matar de novo o luar, já assassinado pelo farfalhante Marinetti; além de ter o atrevimento de falar, nos seus romances, em automoveis, em telephones e em outras coisas da vida moderna, preferindo-as ás antigas, com a mesma displicencia com que o sr. Mario de Andrade, na “Paulicéa desvairada”, proclamára

preferir o cheiro das batatas assadas do Braz ao aroma dos lírios do Cubatão — o sr. Menotti escamotêa, do patrimonio passadista, conceitos e imagens innumeráveis, surripiando um pouco aqui e um pouco ali, fazendo, em summa, o que o saudoso Castro Menezes chamava plagio polyedrico. São suas victimas, entre outras, Rostand, Wilde, Junqueiro, Pierre Louys, Bilac, Amalia Guglielminetti, d. Gilka Machado, o sr. Vicente de Carvalho e, mais frequentemente, o sr. Julio Dantas. Plagia ainda o sr. Menotti “o reclamo illustrado de conhecida marca de cerveja”, rifões popularissimos e até mesmo o dictionario encyclopedico de Simões da Fonseca...

Ora, todos esses nomes, todas essas citações dão á gente a vontade de ser pedante, de relacionar o triplo ou o quadruplo de nomes, de fazer citações dez ou vinte vezes mais extensas, exactamente na defesa de uma these contraria á sustentada pelo feroz Javert das letras paulistas. Porque, na realidade, o que nos interessa saber é se o sr. Menotti tem ou não talento, é ou não um cerebro em actividade, é ou não um valor significativo, uma força no Brasil mental de hoje. Isso, sim, adeantar á qualquer coisa, e não catar pequenas semelhanças, vagas analogias, aproximações talvez discutíveis, tanto mais quanto, posto em pratica um tal processo, ninguem escaparia, nem aqui nem em litteratura alguma, classica ou moderna. Adoptado um tal criterio, todos aquelles que hoje passam por ter sido larapiados pelo sr. Menotti, passariam tambem a larapios.

Senão, vejamos. A Rostand já accusaram de haver aproveitado dezenas de motivos lyricos ou de inspirações satyricas do Scarron das comedias, do Hugo do “Ruy Blas”, do Vacquerie do “Tragaldabas” e do Banville das “Odes funambulesques”. Deve elle ainda a Hugo o episodio da “Forêt mouillée”, que, casado á maneira dos “Romans de Renart”, bem pôde ter sido o ponto de partida do “Chantecler”. Tolstoi increpou-o de haver copiado a “Princesse lointaine”, embora não dissesse de quem. O americano Eberly Gross deu-se como plagiado no “Cyrano” e, nesse mesmo “Cyrano”, Lanson assignala a influencia dos romances de capa e espa-

da de Dumas Pae. Na “Salomé” de Wilde, ha quem veja apenas um habil “pastiche” da Biblia, de Flaubert e de Maeterlinck. Em “Dorian Gray” sente-se o reflexo do “Vivien Grey” de Beaconsfield. Mesmo a imagem que o sr. Menotti aproveitou de Wilde: — “o teu corpo é uma torre de marfim” — tem duas ou tres analogas nos Cantares de Salomão. Guerra Junqueiro não representa aos olhos de muitos censores, senão uma parodia portugueza de Hugo, fazendo, como elle, satyra, lyrisimo e epopéa, e soccorrendo-se de eguaes effeitos de antithese e hyperbole. Nas podridões e nos satanismos da “Morte de d. João” não deixaram de interferir Baudelaire e Richepin; a “Bible amusante”, de Léo Taxil, distinguiu na “Velhice do Padre Eterno”, e a escola decadente provocou os “Simples”, que vieram depois de Antonio Nobre. Pierre Louys não escrevia a “Aphrodite” se não existissem “Salammbô e Thais”. O nosso Bilac deve muito e muito a Gautier, a Arsène Houssaye, a Catulle Mendès, a Stecchetti e a Campoamor. Quanto ao sr. Julio Dantas, lembraremos que a sua “Ceia” é parenta consanguinea do “Cyrano” e que, além disso, o sr. Mayer Garção encontrou nella um decalque da “Histoire du vieux temps”, de Maupassant. Finalmente, na pilheria do plagio ao dictionario de Simões da Fonseca nós é que vemos um plagio de certa pilheria muito conhecida de Mark Twain... Ninguem se livra de semelhanças dessas. O proprio denunciante do sr. Menotti, no seu artigo da “Folha de Noite”, de S. Paulo (3-7-923), não reproduz, por méra coincidencia, esta phrase do livro “Caçadores de Symbolos”, publicado ha uns cinco ou seis mezes: “O galanteio da abelha, que toma uma boca feminina por uma rosa, data de Bion”? Coincidencia identica á de certos versos em que o sr. Martins Fontes abraseleirou, na “Arlequinada”, um dos mais formosos trechos do seu adorado Banville, como podem verificar em seguida os leitores:

O acrobata...

Vindo da movei prancha á corda, de re-
[pente,

Virtuosissimo, salta, elastissimamente,
E a sua alta figura, agil, de volantim,

Cambalhota a subir, fuge do trampolim,
Fura o tecto do circo, e, sobre as nuvens,
[pelas
Alturas, vae rolar no esplendor das es-
[trellas!

.
Enfin, de son vil échafaud,
Le clown sauta si haut, si haut!
Qu'il creva le plafond de toiles
Au son du cor et du tambour,
Et, le cœur dévoré d'amour,
Alla rouler dans les étoiles.

E' muito difficil dizer algo de novo, e mesmo esta nossa phrase como é velha e banal! Nada é de ninguem, tudo é de todos. Quem foi que disse que até quem planta couves imita alguém? Lembra-nos que, ha alguns annos, tambem em São Paulo, um literato qualquer se indignou ao descobrir, num livro do sr. Serpa Pimentel, varios trechos roubados a De Amicis. Ora, mais tarde, lendo Giuriati, verificámos que De Amicis, na "Spagna", roubára Gautier, como este, na "Espagne", roubára Beaconsfield, e assim por diante... O verbo plagiar é um verbo que todos conjugam em todos os tempos. O finissimo Anatole — "et pour cause..." — escreveu certa vez a apologia do plagiato. Por que não seremos communistas, ao menos em literatura? Foi o que suggeriu, intelligentemente, o sr. Humberto de Campos, quando lançou uma serie de artigos sobre o "Cooperativismo das idéas", titulo, aliás, aproveitado de uma conhecida publicação franceza... A propriedade literaria é um roubo. O tal "copy-right" parece-nos um estrangeirismo deploravel, capaz de estragar o figado de muitos Laudelinos... O que é dos europeus é nosso. Não ha razão em poupar por exemplo, um Flaubert, quando este se aprovisionou fartamente, para a descrição das guerras punicas, em Polybio, conforme descoberta feita pelo sr. João do Norte... num livro de Thibaudet.

Deante de tudo isso, forçoso é concluir que, no caso do sr. Menotti, só nos importa saber se elle tem ou não talento e se, mesmo imitando, imita com arte. Ora, ninguem de boa fé negará que elle tem talento e que a sua imitação é, por assim dizer, livre e creadora. Romancista, poeta e critico, o autor do "Pão de Moloch"

mostra-se um dos mais vivos dentre os vivos das letras nacionaes. Sua prosa é agil como a perna dos dansarinos. Seu volume de versos intitulado "Mascaras", de que temos aqui a segunda edição, é uma linda collectanea de galanteios rimados, digna de figurar numa alcova elegante, entre um leque de plumas e uma caixa de pó de arroz. Nas estrophes do sr. Menotti ha sempre um fru'fru' de vestidos de seda. Suas damas trazem as mãos caprichosamente enluvadas, e, quando as trazem nu'as, trazem-n'as cheias de pedrarias. A musa de um tal artista calcularia sem difficuldade os sapatinhos de ouro de Cinderella. Só exalta elle as dogarezas da paixão, as patricias do sentimento, as mulheres que fazem do amor a mais bella de todas as bellas-artes. Seus mestres são os mestres da alegria e da volupia, e, entre elles, o sr. Julio Dantas, psychologo de toucador, historiographo de perucas e carruagens, filho espirital da Severa com Bulhão Pato.

O sr. Menotti quasi que só aproveita da vida os elementos plasticos. Pensa em imagens. E' um artista puramente visual e pittoresco. Seu lyrismo é todo feito de sensualismo; sua philosophia é apenas a philosophia das sensações. Talvez mesmo as suas idéas de poeta sejam tão volumosas como as roupas da fada Aline, que cabiam no aro de um anel. Mas, pouco importa: a um poeta ninguem pede idéas profundas e sim bellos rythmos, e estes cantam ás centenas nas estrophes do sr. Menotti. Que doçura, por exemplo, a dos versos das "Mascaras"! Ha nelles a suavidade da pennugem de um "pompon" de Pierrot...

Sente-se, sem esforço, não ser o sr. Menotti um desses poetas caducos em plena adolescencia, que cedo caem na ruminação dos logares communs. Não tem talento em tiragem limitada, em edição de luxo, só para amigos: já é numeroso o publico que o lê e o admira. Sem possuir uma penna movida a electricidade, escreve bastante e ainda não deu signal de fraqueza, ainda não entrou a repetir-se. Os que vêm nelle apenas uma officina de madrigaes esquecem, com evidente injustiça, os seus trabalhos em prosa, dos melhores que têm apparecido no Brasil ultimamente. Ahi, ninguem negará que haja mui-

ta idéa vivificadora. O poeta dos esmaltes de ouro e dos saquinhos de confeitos; o virtuose que faz arabescos com as syllabas; o naturista que parece pintar as suas paizagens em porcelana, com um pincel de pintor chinez; o ironista jovial como um "birichino" napolitano, tem tambem, nos seus romances, quando necessario, notas

de uma vibração patheticamente humana. Assim, pouco importa que o seu vinho seja feito com uvas dos vinhedos de D'Annunzio, Rostand e Julio Dantas, pisadas no mesmo lagar.. Pouco importa a procedencia, se o vinho é delicioso...

Agripino Grieco

"O Jornal" — Rio.





NOTAS DO EXTERIOR

EINSTEIN E A SUA OBRA

De "El Dia", de Madrid, traduzimos o artigo abaixo, cheio de vibrante originalidade e que é um resumo notavel de um dos factos menos compreendidos da alta mathematica — a obra reformadora de Einstein — devido á penna de Luiz Araquistain, conhecido publicista espanhol.

Resume-se a genial concepção do sábio germanico — conclue o literato latino — no drama da razão que luta com todo um universo hostil e inexoravel.

Em vão os leigos da physica esperaram que os seus hierophantes ou sacerdotes de iniciação fizessem intelligiveis ao commum dos homens as theorias do movimento de Einstein. Sendo elle mediano expositor — talvez por se ter de exprimir em lingua alheia, a francesa — e não tendo surgido intelligentes divulgadores o typo do actor ou interprete do que originariamente não é seu, mas que sabe incorporá-lo com um grande poder communicativo, suasorio ou plastico, a maioria dos espanhoes tem ficado ás escuras acêrca do principio da relatividade. Não apenas as obras de theatro exigem o interprete. Necessitam-no as idéas do

direito, e é o politico; as idéas religiosas, e é o apostolo; as mais altas obras de arte, e é o critico. Assim mesmo, a sciencia e a philosophia requerem intermediarios entre a fonte de origem e a multidão, que, em ultima instancia ha de resumir-se nella. Porque nem a arte, nem a sciencia, nem a philosophia alcançam a sua plenitude senão quando a sua linguagem se torna universal.

Até então são só intelligiveis a uma minoria; é que não está de todo clara a sua verdade, ou porque não a tenham comprehendido cabalmente os proprios mais entendidos, ou porque não tenham passado do seu periodo experimental. Já se sabe que a demonstração da theoria da relatividade é fartamente complicada, por fundar-se em mathematicas que nem sequer todos os mathematicos e physicos dominam. Tambem é complicada a idéa de uma cathedral e da andaimeria necessaria para erguel-a; mas uma vez construida, podemos todos nella entrar, occupál-a, sentil-a.

Que lastima que um espirito gêmeo de Einstein, que é, sobretudo, um homem de geniaes intuições antes que de confirmadoras experiencias — tambem elle seguramente viu

a symbolica maçã de Newton, a fruta symbolica desde o primeiro homem, antes que as relativas realidades do universo; — que lastima que um actor intellectual, digno do papel do grande physico do drama scientifico de comprehender os motivos da materia, não tenha sabido communica-los a parte emotiva ou universalmente humana da razão a si mesma se superando, recreando-se para melhor penetrar no mundo grandioso da mecanica! Porque em toda sciencia ha um fundo dramatico, não só quanto ás suas origens e finalidades — em ultima analyse, o homem busca a origem e o fim das cousas, ainda que em caminho ás vezes se distraia e esqueça os seus intimos anhelos — senão em seu proprio processo. O drama do principio da relatividade é o da razão resolvendo-se, a sustentar o universo sobre si mesmo, sobre pontos fixos que existem sómente no mundo irreal do pensamento. A relatividade é — podem emparelhar-se vocabulos tão contradictorios — a maxima realização, até agora, do racionalismo.

Primeiramente, a razão é realista, tarda, erronea; necessita a todo transe de solidos pontos de apoio para explicar o universo. E' este ponto de sustentação, no "Almagesto" de Claudio Tolomeu, o cosmographo alexandrino, a terra, que declara fixa. Move-se o resto do mundo em redor della. Vem logo Copernico e traslada o ponto de fixidez e referencia da terra para o sol, que passa a ser o centro immovel de todas as coisas que se movem. Galileu e Newton não se conformam com esse expediente da razão, e para estabelecer as suas leis do movimento, inventam a lei da inercia, a lei do repouso e do movimento absolutos, foram da gravitação ao movimento dos corpos em torno uns dos outros, e situam essa realidade imaginaria no remoto espaço das estrellas chamadas fixas.

A razão, porém, prosegue ductilizando-se, sendo cada vez mais razão, mais critica, mais exigente, e continuam também aguçando-se os sentidos, estas janellas por onde a consciencia assoma á natureza na con-

sciencia em prodigiosa condicionalidade mutua. A intenção e o azar da experiencia descobrem novos phenomenos de electro-dynamica e de radiação luminosa, que se não podem explicar conforme a mecanica de Galileu e de Newton. Então, a razão, com o apoio nos corpos solidos, procura um ponto fixo em algo que para alguns é apenas a idéa, e para outros uma realidade: no ether. Se fôra o ether um corpo immovel, todos os movimentos dos outros corpos podiam referir-se a elle, e ser absolutos, e estabelecermos leis eternas e universaes. Fizeram pôr á prova a immobilidade do ether, experimentando-se a velocidade da luz muda ao atravessar um liquido em movimento, que em caso affirmativo deve arrastal-a e produzir uma differença de velocidade na luz, uma refração. Seus resultados são negativos. Depois d'elle outros experimentadores do ether se succedem. Mickelrou e Morby, que introduziram novos factores e fazem duvidosas as conclusões de Fizeau sobre a fixidez da substancia etherea. Muitos outros collaboraram na pathetica investigação. Einstein só, e como a chispa genial que brota em dois corpos que se vêm chocando desde muito e com crescente intensidade, sem esse trabalho previo de tantos collaboradores obscuros, sua idéa não teria podido passar do calor á luz scientifica.

O grande passo de Einstein é que prescinde do ether e de outro qualquer corpo fixo para determinar os movimentos mechanicos. A relatividade existia antes d'elle, mas era relativa, sempre baseada na fixidez de algum corpo ou hypotheses; só elle a fez, paradoxalmente, absoluta, incondicional. Segundo a sua theoria, a velocidade da luz muda, porém, não por effeito da mobilidade do ether, senão segundo cada campo de gravitação. A velocidade da luz de uma estrellas é distincta, se vae ao sol ou se vem á terra. Isto se pode comprovar nos eclipses, estudando a luz das estrellas proximas do sol, e se é certo que muda a sua velocidade porque a gravitação do campo so-

lar sobre a luz de um astro é distincta da gravitação terrestre, se observa um desvio, uma refração, insignificante como quantidade mathematica, mas sufficiente para demonstrar o principio da relatividade absoluta ou universal de Einstein. O eclipse de 29 de Maio de 1919 confirmou plenamente a theoria; outro tanto se espera do de Setembro vindouro. Explica-se por esta theoria o que até agora era inexplicavel: o movimento do perielio de Mercurio.

Logo, se a velocidade da luz varia com cada fóco de gravitação, hão de também variar os conceitos em que occorrem todos os phenomenos dynamicos: o tempo e o espaço. A simultaneidade, e quanto a ella se refere a distancia, o tempo e todas as cathegorias de conhecimentos, são valores relativos; uns, para o campo de gravitação da terra; outros, para outro campo sidereo. Mas são todos equivalentes, reductiveis uns aos outros, segundo Einstein, si se emprega um mesmo systema de coordenadas, ou seja um artificio geometrico que não tem mais realidade que o de existir na razão. Estabelece deste modo as bases de uma theoria universal de conhecimento, renunciando a todo corpo fixo de referencia, posto que o não ha na natureza, contra o que criam os seus predecessores, e não mais admittindo outro ponto de apoio, além do que, provisoriamente, subministra um typo de geometria, isto é, uma pura criação racionalista. Pela primeira vez na historia da mecanica, a razão prescinde de muletas e se decide of-

ferecer-se como ultimo sustentaculo ideal do universo.

Como toda grande idéa nova os seus effeitos têm sido contradictorios. Uns inclinam-se a pensar, deante do fracasso da razão, no que foi até agora, que tudo permanece no ar que nada ha de firme no conhecimento humano, e buscarão pontos de apoio fóra da experiencia e da propria razão, no espiritualismo, no anti-racionalismo. Outros, entretanto, ganharam mais confiança que nunca na razão, ao vê-la tão valorosa que não necessita de sustentaculos estranhos, e, sobretudo, ao contemplar a sua inexgotavel capacidade de criação de novos artificios ou methodos de conhecimento, quando se prova que são inserviveis os antigos. Cabe, porém, uma attitude intermediaria, que é, porventura, a do proprio Einstein, e a de todos os homens do seu talento: sentir accrescida a fé na razão ao mesmo tempo que a razão se estremece deante do seu proprio mysterio. Esse ar de sonho, através do qual nos apparece o grande physico, se nos antolha consubstancial com a sua aptidão criadora: é a imagem da razão, acaso tremula de mystica embriaguez no confim do seu reinado. Lastima é que a sua palavra não participa da emoção do seu gesto. E lastima ainda, que sobre este modesto scenario da sciencia espanhola não tenha por estes dias surgido o grande actor conceitual, que pudera verter á linguagem universal e humana esta nova scena do drama da razão em lucta com um universo hostil e hermetico.

("O Paiz", Rio).

OS ARMAMENTOS AEREOS E OS SUBMARINOS

O lançamento ao mar, ha dous ou tres dias, pela Inglaterra, do submarino X 1, que é o maior que actualmente existe, tem provocado certa agitação em varias espheras, inspiradas no receio de que a posse pela Grã-Bretanha desse monstro marinho provoque a concorrência entre as grandes potencias á antiga rivalidade naval.

O primeiro protesto partiu do Congresso Trabalhista, ora reunido em Southampton, que aprovou uma moção condemnando a decisão do Governo a lançar ao mar um submarino de tão grandes proporções, pois as outras potencias procurarão construir outros ainda maiores e essa concorrência é a causa principal das guerras.

Além do Atlantico, teve também repercussão o protesto dos laboristas britannicos. O senador Borah, o energico e altivo "leader" do grupo denominado "os irreconciliaveis", também critica o plano do Almirantado inglez, dotando a sua frota do novo typo de submarinos.

O senador faz as mesmas considerações que os trabalhistas, formulando igualmente o temor de que resurja a velha emulação entre as potencias navaes do mundo. Refere-se o Senador Borah á rivalidade que já existe no dominio do ar e faz notar os perigos que tal situação representa para a paz do mundo.

Julga o Senador que a Conferencia de Washington, que limitou os armamentos navaes, não foi bastante effectiva a respeito dos submarinos e diz esperar que o presidente Harding convoque outro Congresso Internacional, afim de se chegar a um accordo sobre o emprego da aviação como elemento militar, estabelecer a força que deve caber a cada categoria de potencia, reduzir o effectivo dos submarinos e prohibir o uso de gases asphyxiantes e venenosos na guerra.

O desenvolvimento da navegação aerea tem sido assombroso desde a terminação da guerra, especialmente na França, que possui agora a maior frota da Europa. O empenho dessa nação em augmentar constantemente o numero de seus aviões, quer militares, quer commerciaes, tem causado grande alarme nos circulos pacifistas inglezes, que descobrem nessa politica, intenções, por parte da França, de assegurar a sua hegemonia aerea. Um deputado britannico, o sr. Morel, dizia, ha poucas semanas, na Camara dos Communs, que, enquanto a França havia construido no anno de 1922, nada menos de 2.200 aparelhos militares e commerciaes, a Inglaterra apenas tivera 300 aviões novos nesse anno.

Os scientistas francezes dedicam-se pacientemente ao aperfeiçoamento de um typo de aeroplano sem piloto, dirigido pela radiographia, que uma vez terminado, constituirá uma arma de guerra terrivel, sem offere-

cer, entretanto, o menor perigo para os aviadores francezes. O aparelho sem motor poderá partir de qualquer ponto cheio de explosivos e automaticamente despejar a sua mortifera carga no ponto desejado pelos que o manipulam por meio das ondas hertzianas. Nessa operação, nenhum militar expõe a sua vida, pois o aparelho navegará sem ter pessoa alguma a bordo.

A Inglaterra começa a inquietar-se com a invenção franceza, considerando ameaçado o seu territorio, e, no Parlamento e na imprensa, écoa o clamor publico, pedindo aos poderes do Estado a vigilancia e a previdencia que exige a segurança nacional.

Por sua parte, a França allega que a Allemanha construiu numerosos aparelhos de um typo especial, que, em qualquer momento, pôde ser transformado em avião de combate e, por esse motivo considera necessario augmentar o seu poder aereo, afim de estar prevenida contra possiveis surpresas futuras.

A questão dos submarinos que o Senador Borah deseja regulamentar em nova Conferencia de Washington, deve ser submettida a uma revisão geral. Devido ás contradicções contidas no protocollo assignado na capital dos Estados Unidos, relativo aos submarinos, a França ainda não ratificou os tratados concluidos na primeira Conferencia, sobre a limitação dos armamentos navaes. Aham as autoridades technicas francezas que certas determinações do referido protocollo, sobre os casos e as circunstancias em que o submarino pôde atacar os navios mercantes, ficam annullados por outras disposições do mesmo convenio, tornando-se, portanto, necessario estabelecer-se um criterio definitivo.

Si se realizar a Conferencia proposta pelo senador Borah poderão ser esclarecidos os pontos confusos sobre os submarinos, chegar-se a um accordo final sobre a tonelagem que compete a cada categoria de potencias, e concluir-se um convenio sobre a applicação da aviação aerea nas operações militares.

O Congresso da Liga das Nações,

por iniciativa do sr. Salandra, representante da Italia, vae estudar amplamente, sob todos os seus aspectos os dous novos campos de actividade scientifica — a aviação e a radio-telegraphia, sobre as quaes não existem accordos de caracter internacional. A

Liga vae tratar de unificar e coordenar os regulamentos a elles relativos, e naturalmente, prestará attenção especial ao problema militar que envolve a navegação aerea.

(“O Paiz”, Rio).

O CASO DE “LA GARÇONNE”

A proposito desse romance de Victor Margueritte, de tão escandaloso successo, Anatole France dirigiu uma carta ao general Dubail, grande chancellor da Legião de Honra, e a outros membros de comissão de inquerito incumbida de verificar si o autor de “La Garçonne” attentára contra os deveres da honra para ser excluido da ordem honorifica da Legião de Honra. Eis a carta:

“Senhores: Permitti que vos represente muito respeitosamente os perigos a que vos exporeis julgando uma causa que não pôde ser verdadeiramente discernida senão pela consciencia publica, na paz do tempo. Processos semelhantes já foram ter a certas jurisdicções, e a justiça não teve por que se felicitar de os ter avocado. Duas obras primas que honram a França e encantam o mundo “Madame Bovary” e “Les Fleurs du Mal”, foram perseguidas. Um poeta nobilissimo de que se honra a Academia Franceza, Jean Richepin, foi condemnado por uma obra que todos nossos letrados admiram hoje. Que vosso tribunal, senhores, instruido por esses exemplos e inspirado na vossa sabedoria, não junte “La Garçonne” á lista longa dos livros, que hoje condemna e para os seculos os juizes que o condemnaram no seu apparecimento. Victor Margueritte, senhores, é conhecido por grande numero de livros que testemunham um nobre talento e uma alta moralidade. Como se teria tornado de repente autor de uma obra infame? Isto não pôde ser, nem é. Nesse livro, que levantou tantos fingidos furores, encontram-se as idéas generosas que sempre inspiraram o autor. Jul-

gae-o pelo assumpto. Uma moça, bem dotada e de caracter energico, acha, com razão, o mundo bem feio. Por um erro que Victor Margueritte de nenhum modo approva, essa moça desesperada perde-se nos vicios para os quaes não fôra feita. Depois de alguns annos de erros, que ella pressa muito pouco para querel-os amados, a moça entra numa vida honesta e regular, onde encontra a paz do coração e contentamento que em vão procurou alhures. Eis em substancia, a fabula de “La Garçonne”. Ella é virtuosa, e autores ha que indignados estão a gritar contra este livro, e no entanto em livros seus têm talvez desenvolvido themes menos moraes. Na verdade, foram certas particularidades, detalhes, que mais chocaram a obra incriminada. Seria bem surpreendente que um escriptor tão seguro de sua fôrma qual Victor Margueritte tenha perdido de um jacto o dominio ou governo de si mesmo. Não se desconhecera, em seu prejuizo, os direitos da arte, as justas liberdades do pensamento e as exigencias de um assumpto qual o estado de uma sociedade que ainda não tem igual em França? Victor Margueritte pintou, em “La Garçonne”, a sociedade que a guerra fez; mostrou a depravação que tinha atingido, nos novos ricos, a extremo inaudito. Toda a gente o sabe, pois, nestes tempos desavergonhados, o deboche transbordou até a rua. Eu sinto que o pintor, nestes quadros, ficou bem aquem da realidade. Os males incommensuraveis de uma longa guerra produziram costumes abominaveis, que o moralista devia pintar. Foi o que fez Victor Margueritte numa medida que revela o

homem de gosto. Antes de condemnar-o, lembrai-vos do lapis vigoroso com que d'Aubigné pintou, no seu tempo, os que elle chama de Hermaphroditas. E' justo imputar a Juvenal os furores de Messalina? Ah! senhores, tendes a felicidade de viver em regiões serenas, onde não podeis ver se formarem os ciumes, as invejas, os odios que se quer sancioneis. Peço-vos, em vosso proprio interesse, não façaes o que não vos convem fazer. Abstei-vos num processo que excede infinitamente a

vossa competencia. Temei censurar o talento. Foi o que fez com relação a Gustavo Flaubert, M. Pinard, que passava por homem de espirito e honesto magistrado, cuja memoria entretanto ficou para sempre ridicula. Respeitemos os direitos sagrados do pensamento, que encontram sempre no fundo vingadores implacaveis. Eis, senhores, as observações que julguei poder apresentar-vos respeitosamente, em favor da minha idade e das occupações que encheram minha vida.

Anatole FRANCE





CURIOSIDADES

O MICROBIO DA ESCARLATINA

O "Jornal do Brasil" publicou o seguinte telegramma:

"ROMA, 21 (H.) — Os jornaes annunciam que o dr. De Cristina, director da Clinica Pediatrica de Palermo, e o professor Caronia, director da Clinica Pediatrica de Roma, acabam de descobrir o bacillo da escarlatina. Brevemente os dois eminentes professores farão perante diversas academias scientificas o relatorio de numerosas experiencias prophylacticas realizadas com injeções de sôro e os magnificos resultados obtidos."

Não é a primeira vez que se annuncia a descoberta do microbio da escarlatina. A historia dessa doença é rica de falsas descobertas.

Hallier, que foi o primeiro a examinar ao microscopio o sangue dos doentes de escarlatina, annunciou, em 1869, a descoberta da "Tillitia Scarlatinosa". Foi o primeiro da série... Tratava-se de um "coccus", que é redondo; — e não, como agora, de um "bacillo", que é um microbio fino, alongado, em bastonete. Pouco depois, Hoffmann "descobriu" outro "coccus"; mas não no sangue, e sim no suor dos doentes.

Verificou-se depois que nem um, nem outro era o verdadeiro microbio

da escarlatina. Em 1872, outros dois bacteriologistas, Coze e Feltz, "descobriram" tambem o microbio dessa infecção. Desta vez, era um bacillo... mas não era o da escarlatina!

Em 1879, Tschammer encontrou nas urinas, no muco nasal e no sangue dos escarlatinosos um "coccus", que julgava ser o causador da molestia.

Apezar dessas desillusões successivas, os pesquisadores não esmoreciam. E' preciso dizer que era aquella época a primeira phase historica, a Primavera da Bacteriologia, o entusiasmo animava os scientistas e mais, muito mais do que hoje, se comprehendiam longas séries de trabalhos para a descoberta de novos microbios. Os horizontes que Pasteur rasgára com o Microscopio estavam apenas abertos, e para elles se precipitavam verdadeiras pleiades de jovens entusiastas. Basta dizer que a materia dos segredos sobre a vida dos infinitamente pequenos foi arrancada nessa época á Natureza.

Foi então que se descobriram: o microbio da febre recorrente (Obermeier — 1868), da lepra (Hansen — 1877), o gonococcus (Neisser — 1879), o bacillo da febre typhoide (Eberth — 1880), o streptococcus (Pasteur —

1880), o pneumococcus (1881 — Pasteur, 1883 — Talamon, 1884 — Fraenkel e, depois, Friedlander), o staphylococcus (Pasteur — 1881), o bacillo da tuberculose (Kock — 1882), o microbio do tetano (Nicolaier — 1884), o bacillo da diptheria (Löffler — 1884), o bacillo da ulcera molle (Ducey — 1885), etc.

Não é, pois, de admirar que nesse tempo de intensa conquista bacteriologica se tentasse tantas vezes descobrir tambem o microbio da escarlatina. E, com effeito, fallhadas as tentativas de Tschammer, em 1879, em 1883, Klamann “descobriu” outros coccus nas escamas da pelle dos escarlatinosos, julgando-os os verdadeiros agentes da molestia. Em 1887 e 1888, Klein “descobriu” um micrococcus, no sangue. Nessa mesma data, Jamiesson e Edington tambem encontravam no sangue scarlatinoso um “bacillus scarlatinae”, que não passava de um sapophyta da pelle.

Em 1895, Crajkowsky “descobriu” outro microbio, um diplococcus, no sangue dos enfermos de escarlatina.

A entrada do seculo XX parecia ter trazido uma folgasinha para os pesquisadores de microbios. Foi assim que se passaram uns 15 annos sem se annunciar novas “descobertas” do microbio da escarlatina.

E só em 1911 é que appareceu Vipond com um longo bacillo, encontrado nas glandulas lymphaticas dos atacados de escarlatina, querendo-o responsabilizar por essa doenca.

Felizmente, o juizo unanime dos scientistas absolveu-o. Estava innocente...

Essa longa lista, porém, não acabou. Ainda houve Pfliffer (que quiz ver uns “plasmodios” nos globos do sangue dos doentes), Döhle, e Llegel. Depois, Mallory (encontrou pequenos corpos nos vasos e nas cellulas dos cadaveres), Duval (confirmou os trabalhos de Mallory, Pro-wazeck (achou que eram productos de reacção das cellulas), Bernhardt (disse mais ou menos o mesmo) que tambem se occuparam desses estudos. Depois Gamaleia descreveu como microbio da escarlatina o seu

“Synanthroozoon Scarlatinae”. Mais recentemente, Döhle “descobriu” de novo um “spirochoeta scarlatinae”. E, finalmente, Cantacuzène achou uns corpusculos nas glandulas lymphaticas, no baço, nas cellulas hepaticas, no pericardio e no sangue dos cadaveres de escarlatinosos.

Deante dessa longa lista de insuccessos, não é de admirar que mostremos pouca alegria pela boa nova que acaba de nos transmittir o telegrapho: será desta vez? Eis a pergunta, duvidosa, que nos suggere o conhecimento dessa série, immensa, de cincoenta annos de desillusões!

E, note-se, reconhecemos que é preciso prestar homenagem aos que nos deram essas gloriosas desillusões. Ellas representam o melhor esforço do talento humano para desvendar o Desconhecido. Mas, ao mesmo tempo, nos aconsellham prudencia em acclamar, promptamente, os heróes, afim de poupar-lhes a dolorosa necessidade de se lhes tirar da cabeça uma corôa de louros dada antes de tempo...

Ha, é verdade, nomes muito respeitaveis no meio disso. Mas nem mesmo essa circumstancia poderá diminuir-nos a duvida, porque foram sempre homens de nomes respeitaveis os que tentaram as grandes descobertas scientificas.

O telegramma menciona os nomes dos professores De Cristina, e Caronia, respectivamente directores das Clinicas Pediatricas de Palermo e de Roma. Principalmente, o primeiro, o do professor De Cristina, é muito conhecido. Apesar do outro ser director da Clinica da Capital, De Cristina é muito mais conhecido, — não só como pediatra eminente, como por importantes pesquisas de laboratorio.

Temos sobre a mesa o “Trattato di Pediatria” dos professores Feer (Zurich), Finhelstein (Berlim), Ibrahim (Munich), Meyer (Berlim), Moro (Heidelberg), von Pirquet (Vienna), Pfaundler (Munich), Thiemich (Lei-

psig), Tobler (Breslau), publicado sob a direcção de Feer e traduzido para o italiano, justamente pelo professor De Cristina.

Este De Cristina é, além do mais, um homem versado em diversos idiomas, o que lhe permittiu tornar-se

um conhecedor profundo da Sciencia Universal.

Oxalá que a descoberta que agora se annuncia seja uma realidade.

Dr. Nicolau Ciancio

"Jornal do Brasil". — Rio.

A ASCENÇÃO DOS MULATOS...

Nos primeiros tempos do cruzamento das tres raças que povoaram o Brasil, e até depois da libertação dos indigenas, vilipendiava o mesmo opprobrio todos os mestiços. Rebaixava-os, por igual o preconceito da gente branca, fosse reinol, fosse aqui nascida.

Significativas são, a este proposito, as produções satyricas do bahiano Gregorio de Mattos, considerado por Sylvio Romero como verdadeiro "factor nacional". (*Historia da Literatura Brasileira*, 2.^a ed., 1902, T. I., pag. 151).

Poetando, do meiado para o fim do seculo XVII, satyrisava assim os mulatos:

— "Não sei para que é nascer
Neste Brasil impestado
Um homem branco e honrado
Sem "outra raça"
Terra tão grosseira e crassa
Que a ninguem se tem respeito
Salvo se mostra algum geito
De ser "mulato".

E noutra poesia:

"... "ser mulato"
Ter sangue de carrapato,
Seu estoraque do Congo
Cheirar-lhe a roupa a mondongo,
E' cifra de perfeição
Milagres do Brasil são".

Por outro lado, traços do preconceito contra os mestiços de brancos e indigenas, (caboclos) foram acolhidos por Franklin Tavora nos seus romances historicos, cujas scenas se desenvolvem no começo do seculo seguinte.

Mais accentuadas, porém, continuaram as manifestações contra os mestiços de brancos e negros, (mulatos), porque o seu numero foi sempre maior, impondo-se elles á attenção e á prevenção dos brancos, com os quaes, quando livres, procuravam competir.

Reflectem varios documentos legislativos o rebaixamento proposital dos mulatos, pelos brancos.

Governando o Rio de Janeiro o fidalgo portuguez Ayres Saldanha de Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha, publicou, em data de 27 de Junho de 1724, um "bando", em o qual declarava:

"Todo o negro ou "mulato" que se achar jogando, "qualquer jogo", será açoitado".

(V. Alberto Lamago, "A Terra de Goytacá", 1916, pag. 217).

Cinco annos depois, por outro "bando", o novo governador, o famigerado Luiz Vahia Monteiro, vedava aos mulatos usarem capote, nestes preciosos termos:

"... Depois de se tocar "Ave Maria", á boca da noite, nenhum mulato, ou negro, "forro" ou captivo, possa usar de capote ou bacta, no decurso de toda a noite até se tocar, pela manhã, a alvorada, e da mesma sorte não poderão usar os ditos "mulatos", nem pretos, páo ou porrete, de dia ou de noite".

(Idem, pag. 222).

E quando, a 29 de Maio de 1749, decretou o frascario D. João V a sua

famosissima "Pragmatica sobre o luxo" não se esqueceu de "distinguir" os mulatos com este capitulo:

"Por ser informado dos grandes inconvenientes, que resultam nas conquistas, da liberdade de trajarem os negros, e os "mulatos", filhos de negro, ou mulato, ou de may negra, da mesma sorte que as pessoas brancas, prohibo aos sobreditos, ou sejam de um ou de outro sexo, "ainda que se achem forros, ou nascessem livres", o uso não só de toda sôrte de sêda, mas tambem de tecidos de lã fina, de olandas, esguioens e semelhantes, ou mais finos tecidos de linho ou algodão; e muito menos lhes será licito trazerem sobre si ornato de joyas, nem de ouro, nem de prata, por minimo que seja; se depois da publicação desta Ley na cabeça da comarca onde residem, trouxerem mais cousa alguma das sobreditas, lhes será confiscada; e pela primeira transgressão, pagarão de multa o valor do mesmo comisso em dinheiro; ou não tendo com que o satisfação serão açoitados no lugar mais publico da Villa, em cujo districto residem; e pela segunda transgressão, alem das ditas penas, ficarão presos na cadeia publica até serem transportados em degredo para a Ilha de Sam Thomé por toda a vida".

("Archivo do Districto Federal", T. I. pag. 212).

Como noutro capitulo da mesma lei se prohibisse o uso da espada ou espadim, a "pessoas de baixa condição", inclusive "negros", e nesta classe os administradores publicos comprehendessem os "mulatos", acudiu um delles, morador em Campos, allegando que não obstante ser "pardo", era "filho de homem branco e senhor de engenho, criado com estimação, tanto no estudo da grammatica como das artes liberaes, exercendo a occupação de Mestre de Capella de toda aquella comarca (então

Parahyba do Sul) e tambem de meninas".

Por isto pedia se lhe fizesse mercê do uso de espada, ou espadim, "quando sahisse composto". Ouvido o desembargador Juiz da Corôa, foi deferida a pretensão do mulato pelo Vice-Rei do Brasil, sendo o despacho datado da Bahia, aos 7 de Outubro de 1752 (V. Julio Feydit, "Subsidios para a Historia dos Campos dos Goytacazes", 1900, pags. 260-261).

Começa a ascensão com o alvorecer do seculo XIX, verdadeiramente "das luzes" para os mulatos.

E nenhum documento é mais expressivo, para não dizer "prophetico", do que um trecho do testamento politico do preclaro scientista brasileiro dr. Manoel de Arruda Camara, dirigindo-se ao padre João Ribeiro, que, depois, teria de desempenhar tão saliente papel na revolução pernambucana de 1817.

Escrevia Arruda Camara, a 2 de Outubro de 1810, menos de um mez antes de morrer:

"Tenham todo o cuidado no adeantamento dos rapazes Francisco Moniz Tavares, Manuel Paulino de Gouvêa, José Martiniano de Alencar e Francisco de Britto Guerra, "como assim acabem com o atrazo de gente de côr; isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos lugares publicos, haver homens para isto; porque jámais pode o Brasil progredir sem elles intervirem collectivamente em seus negocios:" não se importem com essa acanalhada e absurda "aristocracia cabunda", que ha-de sempre apresentar futeis obstaculos. Com a monarchia, ou sem ella, "deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brasil". (Cit. do dr. Barbosa Lima, na sessão commemorativa da alludida revolução).

E os mulatos tiveram, de facto, "ingresso na prosperidade do Brasil", fartamente contribuindo para ella.

Desde o primeiro Imperio, foram elles notaveis estadistas e sentaram-se nos conselhos da corôa; foram oradores e publicistas e, por vezes, guardaram o principado da palavra e da penna; foram medicos e tiveram aos seus cuidados a preciosa saude dos dois imperadores, foram advogados e um delles mereceu das Camaras do Segundo Imperio o doutoramento sem passar por qualquer academia; foram poetas, e um delles disputou, talvez com vantagem, o primado do verso no periodo romantico; foram musicistas e um delles confundiu, logo á chegada da familia real ao Brasil, a prosapia metropolitana de Marcos Portugal; foram tudo que quizeram ser, e foram, tambem a expressão maxima da affectividade brasileira, acompanhando ao exilio, na pessoa de André Rebouças, grande engenheiro, a familia imperial, deposta pela Republica...

Um dos mais deploraveis denegridores dos mestiços, o dr. João Baptista de Lacerda (irmão de Carlos de Lacerda!) não pôde recusar o reconhecimento das suas aptidões, dizendo, perante o Primeiro Congresso Internacional das Raças, reunido em Londres, de 26-30 de Julho de 1911:

"Ao Brasil os mestiços forneceram, até hoje, poetas de grande inspiração, pintores, esculptores, musicos distinctos, magistrados, jurisconsultos, oradores eloquentes, notaveis literatos, medicos e engenheiros que se destacaram graças ás suas aptidões technicas e á sua capacidade profissional".

"A collaboração dos mestiços no progresso e no desenvolvimento do Brasil é notoria, e de grande valor".

("Sur Les Métis au Brésil", pags. 13-17).

Até aqui temos tratado dos homens. E as mulheres mulatas, essas a quem D. João V, o "Magnanimo", negava o direito de usar sedas e joias?

Falem dois "insuspeitos" — Sylvio Romero e Delgado de Carvalho.

Do primeiro são estes dizeres:

"O cruzamento trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, "que constitue a massa da nossa população, e, em certo grão, a belleza da nossa raça.

Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias, jovens, em cujas veias, circulam, por certo já bem diluidos, muitas gottas de sangue africano".

(Obra cit. pags. 90-91).

Repete Delgado de Carvalho o mesmo conceito, nestas palavras que ninguém dirá mentirosas:

"O mestiço que resulta do cruzamento do branco com o negro, tem tendencia a affastar-se do typo africano.

E' neste cruzamento que se revelam os typos de maior belleza, com formas graciosas e bem proporcionadas".

("Geographia do Brasil", 1913, pag. 217).

Sirva o que ahi fica para compensar os desaforos que, de raro em raro, recordam o antigo menosprezo.

Só é de admirar applaudam taes desaforos brasileiros que notoriamente se entroncam na raça menosprezada!

Evaristo de Moraes.

("Jornal do Brasil", Rio).

PALESTRAS SCIENTIFICAS

Perigos da lampada electrica — "Voltemos ás vélas!" eis o ultimo brado de alarma que, embora em no-

me da "sciencia", não tem base scientifica.

O grande perigo da iluminação

moderna, dizem os originadores do novo alarme, está nos "raios ultra-violetas".

Esses raios, segundo dizem, prejudicam grandemente a vista e poderão tornar completamente cegas as gerações futuras.

Felizmente ha nisso apenas meia verdade.

Os raios ultra-violetas estão incluídos nos raios produzidos por certas fontes de luz. Dentre suas peculiaridades resalta a de não serem percebidos pelo olhar humano.

Sabemos que se uma lampada electrica muito forte, como a usada em certos estudos pelos scientistas, mettida em uma caixa de madeira, fôr collocada em um quarto escuro, não poderemos dizer se a lampada está ou não accesa; em outras palavras — os raios a que chamamos "luz", não transpõem a madeira. Não obstante, alguns ha que a atravessam, embora não vejamos luz.

Ora, são esses os raios ultra-violetas que possuem a faculdade de tornar luminosas certas substancias chemicas.

Os raios X, nada mais são que raios ultra-violetas extraordinariamente poderosos.

E' interessante que embora esses raios possam atravessar a madeira, o couro e até mesmo o corpo humano, não podem, em suas fórmias mais fracas, atravessar o vidro, sequer.

Ahi está o engano dos alarmistas, pois os raios desprendidos de uma lampada electrica são fraquissimos, e, consequentemente, não atravessam o vidro.

Nova luz artificial — Um joven scientista francez, M. Risler, ex-chefe do laboratorio da Universidade de Strasburgo, conseguiu produzir uma luz artificial que virá talvez revolucionar completamente os actuaes processos de illuminação. Seu invento é baseado no mesmo principio da luz do pyrilampo.

E' sabido que grande parte da energia desenvolvida na producção da luz artificial (vêla, lampada e

oleo, lampada electrica, etc.) , é desperdiçada sob a fórmula de calor.

O problema consistia em solver o segredo do pyrilampo, cuja luz é scientificamente fria.

M. Risler solucionou o problema utilizando-se de tubos cheios de gazes especiaes, sob uma certa pressão. Esses tubos são pintados com uma substancia phosphorescente, com base de sulfito de zinco.

Quando uma corrente electrica passa pelos tubos produz uma luz incomparavelmente mais intensa que a das fontes communs.

A installação é muito simples, consistindo apenas, além dos tubos, em um transformador, que pode ser ligado a uma corrente electrica da voltagem preferida.

Diz M. Risler que o dispendio de energia electrica é minimo, equivalendo a 15 watts por seis metros de tubo e 7mm. de diametro. Não ha nessa luz raios perniciosos á saude.

Animaes metallicos? — Animaes marinhos são em parte feitos de metal.

Miss H. W. Severy, da "Stanford University," Estados Unidos, examinando centenas de habitantes do oceano, desde camarões a baleias, demonstrou que todos contêm zinco e muitos contêm cobre.

E' sabido que o cobre contido nas ostras é ás vezes em tão grande quantidade que as colore de azul, tornando-as de sabor metallico.

Miss Severy encontrou cobre em camarões, lagostas, caranguejos, leões marinhos e actinias, mas não o encontrou em venus e balcias.

A quantidade de cobre encontrada nesses animaes é de cinco partes em dez milhões, e a de zinco quatro partes em um milhão.

Certos animaes, como a cobra têm cobre no sangue, que por isso adquire um tom azulado. A acção do cobre é semelhante á do ferro no sangue dos animaes superiores; é um conductor de oxygenio para os tecidos. A acção do zinco no corpo dos animaes ainda é desconhecida;

presume-se, todavia, que sua função seja digestiva.

Orgãos da respiração — Ha em nossos pulmões nada menos de 600.000.000 de cellulas.

Nossos pulmões trabalham mais no inverno que no verão, pois no inverno necessitamos de maior quantidade de alimento e, consequentemente, maior quantidade de oxygenio para o queimar.

Os habitantes de paizes de clima frio têm, em geral, os pulmões mais desenvolvidos que os habitantes dos tropicos.

Se descemos a escala zoologica, encontramos os mais exquisitosapparelhos de respiração.

Observemos a rã, por exemplo. A principio tem branchias e mais tarde pulmões. Mas, como certos répteis, respira tambem pela pelle.

Ha uma especie de salamandra, a "hell-hender", commum na America do Norte, que respira quasi exclusivamente pela pelle.

O "jellyfish" tem sómente um orgão que exerce as funções de respiração, digestão e circulação. O *lumbrius terrestris* (vulgarmente — minhoca) e as sanguessugas não têm pulmões, e respiram por uma teia de vasos sanguineos.

Ha, nas praias arenosas um insecto, que possui hexigas nas patas, pelas quaes absorve o necessario oxygenio.

O "record" de originalidade em orgãos de respiração pertence, porém, a *ibellula*, que respira pelo abdomen.

Invenções casuaes — A baioneta derivou o seu nome do facto de ter sido feita pela primeira vez em Bayonne, e sua origem illustra o pro-

verbio — "A necessidade é a mãe da invenção".

Um dos soldados suggeriu, que, visto estar esgotada a munição, collocassem os punhaes nas pontas dos mosquetes.

Assim, foi feita a primeira carga de baionetas, de que resultou a victoria dos bascos e o fabrico da arma em Bayonne.

Muitos inventos têm sido suggeridos por acontecimentos fortuitos, que teriam passado despercebidos se não os tivesse notado algum homem de intelligencia.

Argand, um pobre suisso, inventou uma lampada com uma torcida embutida em um cylindro oco, pelo qual passava uma corrente de ar supprindo de oxygenio as partes interna e externa da chamma circular. Estava elle um dia em frente á lampada quando seu irmãozinho collocou sobre a chamma uma garrafinha sem fundo.

Argand, assim inspirado inventou o vidro de lampeão.

Os filhos de um ourives hollandez estavam um dia brincando á porta da loja. Apanharam duas lentes, approximaram-nas e através delles olharam para a torre da egreja cujo campanario lhes pareceu então mais perto. Chamaram a attenção do pae, a quem isto suggeriu a possibilidade de construir um curioso brinquedo para os filhos.

Galileu viu um dia esse brinquedo que fazia os corpos distantes parecerem proximos e lembrou-se logo de quão util seria elle no estudo dos corpos celestes.

Pôz-se a trabalhar, e em breve fez o telescopio.

Oswaldo Serpa.

"Correio da Manhã", Rio.

NOTAS SOBRE O JAPÃO

A pavorosa catastrophe, que acaba de ferir tão cruelmente o povo japonéz, veio pôr em fóco, uma vez mais — e de que modo tão doloroso, agora! — este lendario Imperio do Sol Levante, paiz que nos habi-

tuámos — ou que nos habituaram — a imaginar como o proprio paiz do mysterio, do sonho e da poesia... Em que pése, porém, aos sonhadores e poetas, o Japão é effectivamente muito menos isso, que a lite-

ratura nos faz entrever, e muito mais um paiz de rude energia, de trabalho, de riqueza, de expansão. Algumas notas neste sentido não seriam inopportunas, supponamos.

O Japão moderno data da revolução de 1867, que derrubou o poder economico e politico dos senhores feudaes e abriu a era do industrialismo. Este se accentuou sobretudo a partir de 1878. Dahi por deante o desenvolvimento do Japão moderno foi uma coisa rigorosamente surpreendente. Paiz de população densa (mais de 56 milhões em 1918) habitando um territorio exíguo e pobre de materias primas, o imperativo expansionista levou-o á guerra contra a China, em 1894, com a consequente occupação da ilha Formosa e da Coréa, e, dez annos depois, em 1904, á guerra contra a Russia, resultando de suas victorias militares uma cada vez maior ampliação de possibilidades commerciaes e industriaes. Fulminantemente elevado á categoria de grande potencia mundial, o Japão, com a guerra de 1914-1918, novas oportunidades teve para seu necessario expansionismo. Os capitalistas japonezes invadiram os vastos mercados do Oriente, apoderaram-se da navegação no Oeste do Pacifico e no Oceano Indico, apropriaram-se dos depositos e casas allemães nos mares do Sul e, com o consentimento da Inglaterra, deitaram as mãos sobre ricas minas de ferro e de carvão da China.

Essa politica de expansão imperialista repousa, em grande parte, como dissemos, sobre a pobreza nacional em materias primas indispensaveis á sua propria industria. Das materias primas de que o Japão dispõe em quantidade sufficiente, o cobre é a mais importante. A producção deste metal, que era de 67 milhões de toneladas em 1914, chegou, durante a conflagração européa, a 100 milhões por anno. Dispõe ainda de enxofre, carvão, petroleo, ferro; excepto, porém, o enxofre, os demais productos de seu solo não bastam ao proprio consumo. O ferro e o carvão são obtidos principalmente na China. Quanto

ao petroleo, tentativas ha feito o Japão no sentido de adquirir jazidas nas Indias Neerlandezas e até no Mexico. Na Coréa estabeleceram os japonezes sua verdadeira base de abastecimento, indo ali plantar e colher arroz, algodão, sêda, cultivados pelos methods mais modernos e intensivos. Em 1921, capitaes japonezes se empregaram nas ilhas de Borneo e Sonda, applicados nas culturas da canna de assucar e da borracha.

Alguns Algarismos dar-nos-ão uma idéa do vertiginoso desenvolvimento industrial japonéz.

De 1914 a 1918, o numero de grandes empresas industriaes subiu, no Japão, de 4.900 a 8.200, duplicando quasi em quatro annos apenas. O numero de manufacturas e empresas varias, commerciaes e industriaes augmentou, nesse mesmo periodo, de 16.000 a 23.000. O numero de operarios nellas empregados, calculado em 900.000, em 1914, subiu a 1.500.000, em 1918. O quadro abaixo nos permite uma visão de conjunto desse desenvolvimento, na industria e no commercio:

Annos	N. de empresas
1905	8.994
1909	11.543
1914	16.858
1916	18.219
1918	23.028

Annos	Capitaes (yens)
1905	97.593.700
1909	136.716.400
1914	206.878.600
1916	243.407.400
1918	414.312.900

Annos	Operarios
1905	689.750
1909	—
1914	911.453
1916	1.157.540
1918	1.504.761

Taes Algarismos nos mostram que, proporcionalmente, o augmento de capitaes, no periodo de tempo citado, foi

muito maior que o augmento, já de si enorme, do numero de empresas, como tambem maior foi o augmento destas em relação ao augmento do numero de operarios nellas empregados, — o que tudo significa que as empresas augmentaram não só em quantidades numericas, mas sobretudo em importancia qualitativa, pelo valor dos capitães invertidos e pelo aperfeiçoamento tecnico.

A mais antiga e mais importante das industrias japonezas é a de tecidos. Em seguida vem a de fabricação de aço e estaleiros navaes, isto é, a industria basica das grandes potencias modernas. Uma consideravel população operaria se acha empregada nessas como em outras industrias tambem da maior importancia. Eis, a este respeito, o que dizem as estatisticas de 1918:

Industrias	N. de operarios
Industria textil	803.300
Aço e estaleiros	455.700
Productos chimicos	176.600
Industria graphica	29.600
Gaz e electricidade	8.160
Alimentação	115.400
Diversos	88.100
	1.676.860

Nos transportes:

Ferrovios	140.900
Tramways	255.000
Maritimos	110.200
Correios	91.300
	597.400

Nas industrias mineiras trabalham 465.200 pessoas: 360.500 homens e 104.700 mulheres. O coefficiente de mulheres operarias é sobretudo elevado na industria textil: 155.300 homens e 648.000 mulheres.

Na pequena industria, com menos de 10 operarios em cada empresa, temos:

Tecelagem de sêda e algodão	685.600
Madeira, bambús, etc.	151.700

E mais um total de 684.200 operarios de ambos os sexos nas pequenas industrias de esteiras, papel japonez, terra-cota, cêra, laca, rendas, etc. A notar que o total de 685.600 na tecelagem de sêda e algodão se divide, segundo o sexo: 30.800 homens e 654.800 mulheres.

O numero de pessoas occupadas na pesca é tambem muito elevado: 638.400 profissionaes e 711.200 occasionaes.

Como aconteceu com todos os paizes que prosperaram durante a guerra, no periodo seguinte a esta passou o Japão por uma séria crise economica e financeira. Assim é que, em 1921, as exportações e importações, respectivamente de 1.225 milhões e 1.578 milhões de yens, marcaram uma differença, para menos, de 723 milhões e 758 milhões de yens. Forte decrescimento se verificou tambem nas receitas arrecadadas do imposto sobre a renda em 1921: menos 64.520.000 yens que em 1920. No entanto, os impostos sobre as empresas commerciaes augmentaram, em 1921, de mais 18 milhões de yens que em 1920.

Povo temperado nos embates de asperrima luta contra a natureza pobre do solo em que habita, luta secular que deu a assombrosa capacidade de trabalho e de expansão universalmente reconhecida, o Japão atravessava o periodo de crise com a energica e serena confiança dos fortes, quando a mesma natureza madrasta veio sacudil-o em suas proprias entranhas, mutilando-o, dilacerando-o, desafiando-o...

Mas a gloria suprema do homem consiste precisamente em accitar os desafios da natureza cêga e vencel-a pelo esforço tenaz e intelligente.

CORINT

“Correio da Manhã” — Rio.

AS CARICATURAS DO MEZ

FIRPO x DEMPSEY

Os jornaes, pondo em destaque a força animalisca dos dois boxeers, cognominaram-nos respectivamente de «Touro dos Pampas» e «Leão de Utah».



O ex-«touro dos Pampas» . . .

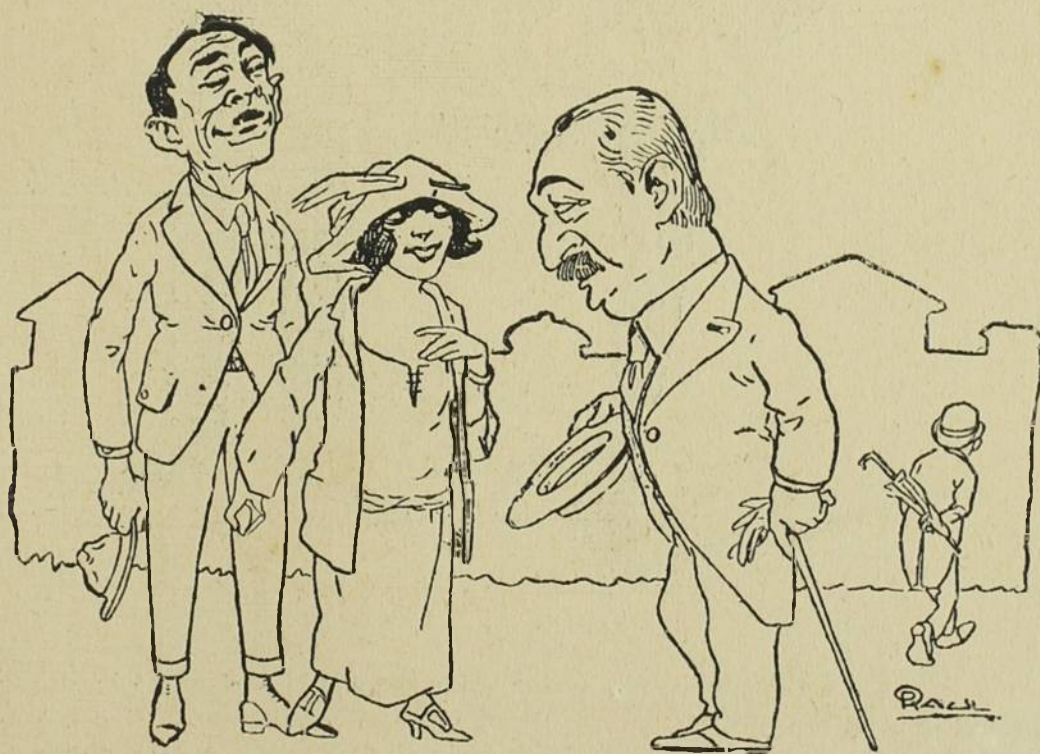
(Do «D. Quixote», Rio).

MODOS DE DIZER



— Não imagina, seu Policleto, quanto temos sofrido com a falta d'agua!
(Do «D. Quixote», Rio).

TUDO SE EXPLICA



— Francamente, a menina em publico acompanhada por um extranho. . .
— Ora, Doutor? A censura foi suspensa . . .
(Do «D. Quixote», Rio).



ELLE — Filhinha, isto, assim é escandaloso: precisas cobrir um pouco mais o teu collo.

ELLA — Tu tens razão, meu querido; vou pôr o meu collar de perolas. .

(Do «D. Quixote», Rio.)

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de assucar, tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA

herolco medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

MUNDO DA LUA, de Monteiro Lobato	4\$000
NEGRINHA, de Monteiro Lobato	4\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	4\$000
BABEL, estudos de Mario Rodrigues	3\$500
A FELONIA DE VERSALHES, de Mario Pinto Serra	3\$500
14 MEZES NA PASTA DA MARINHA, de Veiga Miranda	10\$000
O ARARA, de Caliban	3\$500
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes	3\$000
TROVAS DE HESPANHA, de Affonso Celso	4\$000
SONETAÇOS, de Antonio Lavrador	3\$000
MASCARAS, poema de Menotti Del Picchia	3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates	4\$000
NOITES DE PLANTÃO, de Amando Caiuby	4\$000
CORAÇÃO ENCANTADO, de Cleómenes Campos	3\$500
MORENINHAS, de Cesidio Ambrogi	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, de Oliveira Vianna	12\$000
OS SERÕES DE DONA BRANCA, contos de Paulo de Freitas	4\$000
PEDRA D'ARMAS, contos de Pedro Calmon	3\$500
TARANTULA, contos de Carlos Rubens	3\$000
DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite	4\$000

Rua Victoria N.º 47

CAIXA 2-B - S. PAULO

Ritinha -- é o segundo dos livros de Léo Vaz. Não é romance como **O professor Jeremias**. São contos e novellas, em que, com aquelle mesmo humour que o consagrou na grey dos humoristas universaes, dá-nos capitulos de adoravel philosophia. Lê-lo é aprender a sorrir.

Preço: 4\$000

■ ■ ■ ■

Amando Caiuby, cuja obra -- **Sapezaes e Tigueras** -- foi a revelação de um contista, acaba de publicar as esperadas **Noites de Plantão**, em que reaffirma as suas qualidades. Delegado de policia em S. Paulo, soube aproveitar os casos que lhe foram affectos, fazendo de cada um, um conto em que não se sabe que mais admirar: se o inacreditavel do facto, se a maneira original por que o põe em letras de fôrma.

Preço: 4\$000

■ ■ ■ ■

Editores: **Monteiro Lobato & Cia.**

Rua Victoria, 47

A POESIA HUMORISTICA

conta com mais dois novos cultores -- Octacilio Gomes e Cesidio Ambrogi, cujas obras acabam de sahir do prelo: -- **Os filhos da Candinha** e **As moreninhas**. Ambos estão á venda, ao preço de 3\$000, que bem valem as gargalhadas que proporcionam.

Ha que juntar tambem o nome de Antonio Lavrador, cujas satyras -- **Sonetaços** -- têm ardido como pimenta em nosso mundo politico e social. (Preço : 3\$000).



Para rir, não ha, porém, como **O arara** de CALIBAN, pseudonymo que mal encobre o nome de um dos nossos maiores romancistas, de ha muito conhecido no Brasil e em Portugal. A segunda edição já está á venda, em bello volume, ao preço de 4\$000.



Façam seus pedidos a

Monteiro Lobato & Cia.

Rua Victoria, 47

S. PAULO

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as daquelle autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.^a edição com um appendice sobre composição. . . . 3\$000

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.^a edição com um appendice sobre estyllistica 7\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.^a Edição 8\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

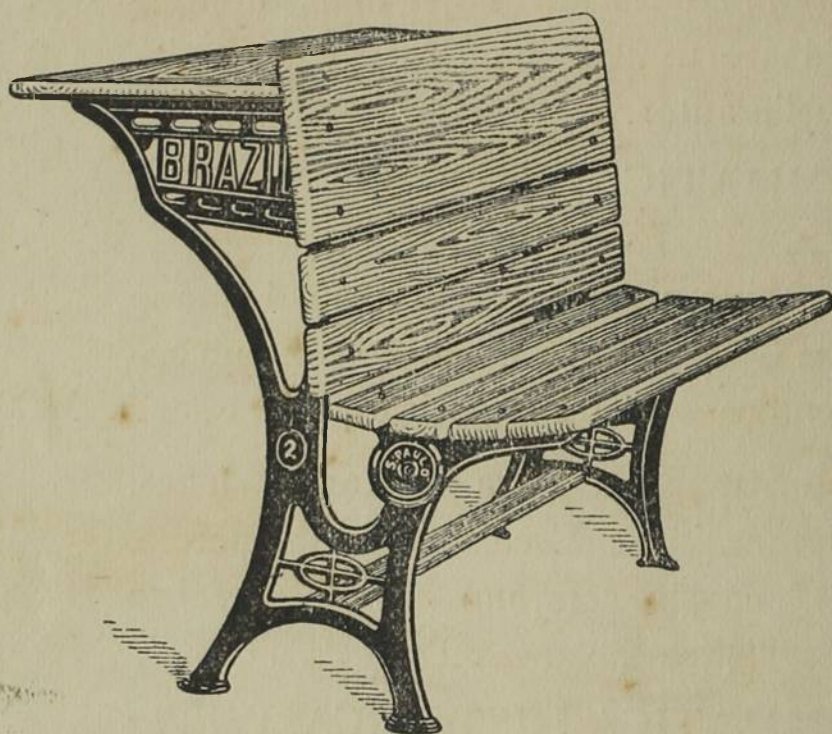
PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A —

**Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores. —**

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216
SÃO PAULO